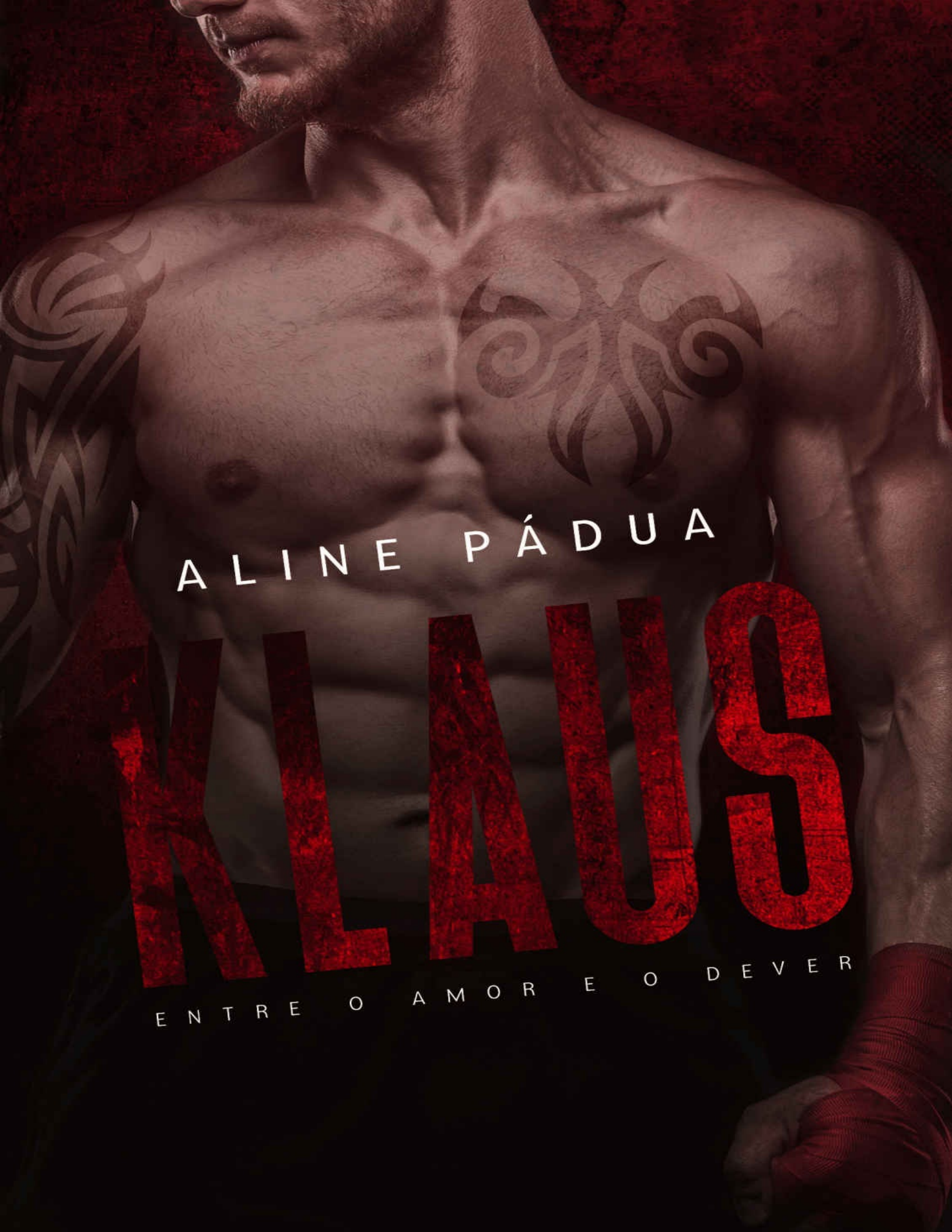


A close-up, high-contrast photograph of a man's bare torso. He has a beard and is looking slightly to the left. His chest and shoulders are covered in intricate, dark tribal-style tattoos. The lighting is dramatic, highlighting the contours of his muscles. In the bottom right corner, a red bandage is wrapped around his fist.

ALINE PÁDUA

KLAUS

ENTRE O AMOR E O DEVER



Klaus

entre o amor e o dever

Aline Pádua

Copyright 2018 © Aline Pádua
1º edição – dezembro 2018

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Ilustração: L.A. Capas

Revisão: Gabriela Ferraz

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Recadinho](#)

[Contatos da autora](#)

Sinopse

Lia Harper... o nome do pecado que ele não podia cometer.

Prometida a seu irmão desde jovens com um trato firmado, transformando o amor pela mulher de boca esperta, completamente proibido.

Klaus Russel tinha o dever de manter tudo em ordem enquanto seu irmão se tornava marido da mulher que sempre quisera.

Uma reviravolta mudará o destino de ambos.

Entre o amor e o dever... qual será sua escolha?

Playlist

Call Out My Name – The Weeknd

Crazy In Love – Beyonce

Dangerous Woman – Ariana Grande

Give Your Heart a Break – Demi Lovato

God Is A Woman – Ariana Grande

Shallow – Lady Gaga feat. Bradley Cooper

State Of Grace – Taylor Swift

Strip – Little Mix feat. Sharaya J

Taki Taki DJ Snake feat. Selena Gomez, Ozuna, Cardi B

Tell me you love me – Demi Lovato

Thank U, Next – Ariana Grande

Think About Us – Little Mix

Woman Like Me – Little Mix feat. Nicki Minaj

Prefácio

“Mesmo que você não queira ouvir, quero que você saiba que sempre será parte de mim. E não importa o que o futuro traga, você sempre será meu amor verdadeiro, e sei que minha vida é melhor por causa disso.”

Querido John, Nicholas Sparks



Prólogo

“É claro que os sentimentos mudam. As pessoas fazem com que isso aconteça.”¹

Um tédio horroroso.

Apenas pensei em como fugir de meu próprio jantar de noivado. As pessoas ao redor pareciam não notar algo errado ou ao menos fingiam muito bem com sorrisos exageradamente brancos que a noite estava maravilhosa.

Bom, ao menos, o clima estava bom. Após dias chuvosos, a noite parecia de braços abertos para o meu novo *status*. As estrelas apareciam tímidas no céu, em meio as luzes exacerbadas da grande cidade. Porém, torcia para que se alguma delas resolvesse cair, que meu pedido se realizasse. Que aquele momento não existisse.

Olhei para o meu dedo anelar direito e suspirei, sentindo-me completamente contraditória. Um grande anel o emolduraria até o fim da noite, ao menos, quando meu futuro marido resolvesse aparecer. Tomei mais um gole de champanhe e voltei minha atenção para os arredores da piscina.

Senti meu salto afundar de forma horrenda no gramado do jardim da casa dos Russel, e odiei ainda mais o atraso. Avistei Diana na beirada da piscina, e finalmente encontrei alguém com quem conversar de forma aberta. Não aguentava mais ser felicitada por um casamento não almejado. Era apenas um trato firmado, e após dois anos, seria desfeito.

Antes que pudesse chegar até Diana, notei uma das mulheres que mais me enojavam, parar ao lado dela. Kaitlin tinha um sorriso no rosto, de forma felina e cruel, e com seus um metro e setenta, intimidaria facilmente, uma mulher tão pequena e com o olhar doce de Diana. A diferença entre as aparências e a realidade, era que Kaitlin não tinha ideia do que aquela mulher baixinha a sua frente era capaz.

Desacelerei meus passos, e notei Paul a alguns metros dali, claramente procurando por algo ou alguém. Olhei entre as duas mulheres, e no momento em

que Kaitlin apontou o dedo no rosto de Diana, a mulher não se conteve, pegou a loira estonteante e a jogou com força dentro da piscina. O alvoroço foi geral, enquanto Kaitlin gritava maldições para Diana, e alguém de sua família detestável adentrou a piscina para ajudá-la, os convidados encararam tudo com sorrisos disfarçados e interrogações claras em seus semblantes, fora a condenação no olhar dos mais velhos.

Aproximei-me de Diana, com a gargalhada presa na garganta, e notei que ela esbanjava um sorriso vitorioso. Quando finalmente me viu, foi no momento em que Paul enlaçou sua cintura.

— Pequena, eu...

— Ela já teve o que merecia. — Diana interrompe-o rapidamente, e deu um leve beijo no namorado. A preocupação no semblante dele era nítida. — Essas suas amiguinhas não me atingem, mas admito que foi bom humilhá-la na frente de todos.

— Achei uma jogada espetacular. — comentei e ela piscou o olho esquerdo, sorrindo. — Qual foi a *merda* dela?

— Disse que Paul a agarrou no banheiro e *blá blá blá*. — deu de ombros e notei o espanto no olhar dele. — Isso não me atinge mais! O que me deixou puta foi ela finalmente se mostrar como racista para mim.

— O que? — Paul e eu perguntamos ao mesmo tempo, completamente alarmados.

— Nada do que já não ouvi antes. — deu de ombros. — Como sempre, não deixei com que pensasse por um segundo que poderia me fazer sentir inferior.

— Diana, eu...

Senti um leve aperto em minha cintura e no mesmo instante olhei para o lado. Minha mãe me encarou com carinho e ao mesmo tempo, claro desespero. Ela odiava o fato de meu pai ter colocado minha liberdade a prêmio, ou melhor, meu futuro casamento. Porém, era daquela maneira que as coisas funcionavam entre os Russel e Harper. Dentre as gerações, em alguns momentos, os laços teriam que se estreitar, e a sortuda da vez era eu. Geração da má sorte.

— Ele chegou.

Pisquei consternada e bufei, sentindo-me completamente furiosa. Não que fosse demonstrar para algo ele, muito menos o que realmente sentia naquele momento. Aprendi ao longo dos anos a forma como lidar com Klaus Russel e todo ego que o rodeia – a indiferença.

Olhei na direção em que minha mãe indicou e caminhei a passos decididos até ele – meu futuro marido. Era impossível não o analisar dali, ainda mais por notar a forma imponente com que se portava, até mesmo no jeito de andar. Porém, eu conhecia aquele homem, que mesmo com vinte e oito anos, ainda era

o mesmo para mim. Klaus não passava de uma sombra de Paul, e não podia evitar sentir pena dele, ainda mais, por aceitar de forma tão passiva aquilo.

Os cabelos castanho escuros estavam bagunçados e os óculos de grau emolduravam seu belo rosto. O terno cinza chumbo sob medida um pouco desalinhado em seu corpo, deixava claro que ele esquecera daquela noite. Ao menos, devia estar no escritório trabalhando, a única coisa que ele realmente parecia gostar de fazer. Klaus tinha um nome de imponência tal qual sua postura, mas assim que me aproximei de seu corpo e forcei um sorriso, em seus olhos azuis encontrei novamente um menino. Um menino que sequer sabia o que fazia ali, mas que aguentava o fardo.

Sua mão direita tocou meu rosto, e ele depositou um leve beijo em minha testa.

— Desculpe pelo atraso.

Sua voz rouca me atingiu e assenti, fingindo que não me abalava. Entretanto, o correto seria ele se desculpar pelo que claramente não queria, e melhor, éramos forçados. *Desculpe por estar sendo obrigado a casar com você.* Em meu coração e mente, tinha certeza, aquela era a única frase verdadeira que poderia sair de sua boca naquela noite.



Capítulo 1

“Sentia como se estivesse fracassando em praticamente todas as áreas da sua vida. Ultimamente, a felicidade parecia tão distante e inalcançável para ele quanto uma viagem pelo espaço sideral.”^[2]

Meses antes...

Eu não queria estar ali.

— Não torne as coisas piores, Paul.

— E tem como isso piorar? — meu irmão alterou o tom de voz e ficou de pé.

Assisti a cena acuado em minha cadeira, sem saber como agir. Era a primeira vez que via Paul se descontrolar por algo que não fosse negócios a frente de nosso pai. E ainda mais, discordando de forma tão concisa com ele.

— Você teve a vida toda para se acostumar com isso. — nosso pai rebateu, levantando da cadeira de presidente e segurando com as duas mãos na borda da mesa. — Tem trinta anos e já é um homem. Aja como um!

— Estou agindo. — meu irmão bradou, e passou as mãos pelos cabelos, claramente alterado e a ponto de mandar tudo a merda.

Suspirei fundo e me levantei, indo até ele. Segurei em seu ombro esquerdo e ele me encarou, dando-me um olhar tranquilo que não refletia em nada sua atual situação.

— Melhor esfriar a cabeça, irmão. — sugeri, tentando acalmar os nervos.

Não era necessariamente a melhor pessoa para aquele momento. Porém, com tudo que aprendera durante os anos de terapia, talvez tenha me tornado um bom mediador.

— Eu não posso me casar. — insistiu naquele assunto e ignorou o fato de querer tirá-lo dali.

Meu pai pareceu a ponto de pular sobre a mesa e quebrar a cara de seu filho mais velho, mas agiu diplomaticamente, como sempre. Algo em Paul o

entregava. Era uma completa surpresa sua negação em relação ao casamento arranjado, o qual nos foi informado quando ele completara dezesseis anos. Ele nunca recuara em algo a respeito dos negócios, era uma característica marcante dele. Por que fugiria de um acordo comercial que exigia casar-se com uma mulher linda, autêntica, interessante, sedutora...

— Fale de uma vez! — a voz de nosso pai me tirou de pensamentos nada adequados, ainda mais naquela situação. — Fale porquê de repente se nega a casar com Lia!

Meu irmão suspirou profundamente e deu alguns passos para trás, ficando de costas para nós.

— Tenho uma mulher.

O que?

Aquela informação caiu sobre o colo de meu pai como um peso de trezentos quilos. Surpreendeu-me por completo, já que sempre fora tão próximo de Paul. Sequer tinha noção daquela situação ou de algum relacionamento duradouro dele. *Por que meu irmão e melhor amigo não me contaria a respeito?* Nosso pai se sentou na cadeira, parecendo completamente inerte.

— Fidelidade é uma questão crucial nesse contrato, Paul. — lembrei-o de imediato e ele finalmente se virou para nós.

— Devo fidelidade a mulher que amo, não a quem estou sendo imposto, e pior, está sendo imposta a mim. — retrucou com voracidade, e me encarou com raiva. — Eu não vou abrir da minha felicidade, devia aprender a fazer o mesmo. — acusou-me e respirei fundo, controlando-me.

— Chega! — a voz imponente de nosso pai soou por todos os cantos, e não me dei ao trabalho de lhe dar uma resposta. — De onde essa mulher surgiu? Por que nunca ouvimos falar sobre isso?

— Ela existe a muito tempo na minha vida... — meu irmão fez um sinal com as mãos entre nós — Na nossa vida.

Fiquei inerte por alguns segundos, absorvendo tal informação. Numa casa com três homens praticamente por toda a vida, apenas existiam duas mulheres que eram próximas. Nossa tia Elle e a filha de Robert, o melhor amigo de meu pai, que acabara se tornando nossa melhor amiga – Diana.

— Dia? — perguntei baixo, sem conseguir acreditar.

Nunca os vi em uma situação comprometedor ou algo mínimo que demonstrasse um sentimento além de afeto. Como poderia ser ela?

— Ela é minha melhor amiga e... amante. — confessou rapidamente.

— Meu Deus! — nosso pai levantou da cadeira e andou em direção a bela vista do escritório, ele parecia transtornado.

Diana era como a filha que ele nunca teve, a protegida de nossa casa, que

iluminava nossos dias geralmente repletos por problemas de negócios cansativos. Ela era arte, como a mesma dizia e adorava lembrar.

— Paul, de onde isso surgiu? — perguntei confuso. — Dia é como nossa...

— Juro que se terminar essa frase... — deu alguns passos para perto, ficando a minha frente. — Eu quebro a sua cara!

Naquele momento, fiquei completamente perplexo.

— Eu só estou tentando entender. — defendi-me, sem saber mais o que dizer.

Paul não baixou a guarda, assim como também não o fiz. Aquela situação era catastrófica, e todos no recinto sabiam bem daquilo.

De repente a porta do escritório se abriu e soube, as coisas alcançariam outro patamar. Apenas uma pessoa se atrevia a entrar no meio de uma reunião considerada importante, e era justamente, a pauta em questão.

— Pelo olhar assassino de Paul, a cara de assustado de Klaus e o semblante perdido de Dom, a revelação já foi feita. — ela começou a dizer, antes mesmo que alguém se impusesse. — Tio. — chamou nosso pai, que pareceu estático ao vê-la ali. — Não me olhem como se julgassem! — olhou entre nós, as duas pessoas completamente perdidas ali. — De todos na vida eu posso esperar isso, menos de vocês.

— Princesa, eu só...

— Não sabe como resolver isso, não é? — ela tomou a frente e chegou perto de meu pai. — Paul e eu não assumiríamos algo assim se não fosse real, tampouco chegaríamos a falar sobre. Não posso simplesmente aceitar que o homem que amo vai se casar com outra por simples negócios. Por mais que não seja tão simples assim. — debochou.

— Dia, eu acho que...

— Klaus, eu te amo como um irmão. — veio até mim e tocou meu rosto. — Mas amo ainda mais quando me escuta até o final.

— Tudo bem. — levantei as mãos em sinal de rendição.

Era seu momento de fala, não teria como aconselhar a respeito de algo.

— Todo mundo pode se sentar, prometo ser breve. — se virou para meu irmão, enquanto nos ajeitávamos nas poltronas distribuídas pela sala. — Oi, querido. — sua voz suavizou e fiquei embasbacado, assim como meu pai, que parecia ver um olho a mais na testa do casal a nossa frente.

A cena que se desenrolou me assustou, pela intensidade no olhar que trocaram, e a forma como ela beijou levemente o rosto de meu irmão, enquanto ele beijou sua testa. Eles tinham algo forte, que de alguma forma nasceu e simplesmente, estavam lutando por aquilo.

Culpei-me mais ainda pelo que meu peito explodia para dizer, mas que

nunca tentara lutar. Sentia-me um completo covarde.

— Li todo o contrato. Existe uma cláusula específica, que permite a troca de pessoas com mesmo sobrenome. — falou, e notei seu tom empolgado. — Simples assim. — complementou, diante do silêncio sepulcral.

— Não estou te acompanhando, querida. — meu pai pareceu ainda mais perdido.

Eu acompanhei, e no mesmo instante, minha cabeça girou. Todas as perguntas em meu peito com uma única resposta. Porém, a culpa me assombrara por completo.

— O ponto alto de todo esse contrato ridículo, desculpe tio, mas é a verdade. Enfim, é a união Harper-Russel, nada mais. Assim, qualquer Russel e Harper devem se casar no ano planejado, mesmo não sendo o filho prometido, melhor dizendo, o primogênito.

— Espera... — meu pai se calou de repente.

Assim, nada mais pareceu audível naquela sala. Analisei profundamente o que Dia afirmara e a resposta era clara para toda aquela questão: Eu. Klaus Russel era a forma de tudo se ajustar. Senti-me completamente sufocado diante de tal pressão.

Meu pai me encarou com a pergunta explícita em seu olhar, assim como o casal a minha frente, que parecia suplicar por meu pronunciamento. Lembrei-me de quando li o tal contrato e soube que podia não ser tão simples. Nunca era.

— A outra parte do acordo precisa estar de acordo. — falei, finalmente encontrando minha voz. — Lia Harper precisa aceitar.

— E você, irmão? — Paul perguntou, encarando-me determinado. — Está de acordo com isso? Abriria mão da sua liberdade por nós?

Olhei mais uma vez entre ele e Dia. A resposta era clara, ainda mais em minha mente. Se existia alguma possibilidade de contribuir para que não ficassem separados, simplesmente aceitaria. O maior problema era que teria que me acostumar com a nova realidade. Caso Lia me aceitasse como seu noivo, o que era praticamente impossível. Mesmo assim, não carregaria a culpa por impedir a felicidade das pessoas que tanto amava.

— Não tenho problema algum quanto a isso.

Dia soltou um gritinho de felicidade e tive que sorrir de sua empolgação. Logo ela me abraçou e agradeceu, em sua forma típica e acalorada. Porém, meus pensamentos voaram para longe dali, além daquela sala. Começava a aceitar tal realidade, a qual consistia em ser marido da mulher que me evitou por uma vida, mas a qual sempre foi dona de meus sonhos mais secretos.



Capítulo 2

“E num simples deslize, o ódio vira amor e vice-versa.”^[3]

Gritei alto e girei pelo escritório. Peguei o celular com a foto *dele* e a encarei com desdém. Joguei sobre a cama e comecei a dançar com a música.

*“Take off all my make-up 'cause I love what’s under it
Rub off all your words, don't give a uh, I'm over it
Jiggle all this weight, yeah, you know I love all of this
Finally love me naked, sexiest when I’m confident*

*You say I ain't pretty
Well, I say I'm beautiful, it's my committee
Say we too provocative
Still look at me, look at me, look at me, yeah”*

*“Come for my girls, you blind
Daily Mail ratin', mañana a la noche
I don't owe you nothin'
Nah, I don't give a, no, not anymore*

(Ah-ooh)

*If you got little boobs, love it, love it, love it, love it, love it
If you got a big ass, grab it, grab it grab it, grab it, grab it (ah-ooh)
If you got nothing, babe, rock it*

*It's your life, go get it if you want it
Up in the mirror like: Aw, yeah
Lovin' my figure like: Aw, yeah
When I'm slim or I'm thick, I'm like: Aw, yeah
Swear I'ma kill 'em like ah."*^[4]

Em uma camisola branca curta e sem calcinha. Dançando feito uma doida com a música que me define por completo. Levantei a barra da mesma e passei a mão por minha barriga, apertei-a e gritei, sentindo-me liberta.

Um som diferente invadiu o ambiente e dei uma última voltinha sobre o tapete, antes de pegar meu celular e ir até o som, parando a música. Respirei fundo, sentindo o suor percorrer todo meu corpo.

Atendi a ligação.

— Pode começar se desculpando por interromper meu momento. — brinquei.

— *Nem começa que o papo é sério.* — Patrice praticamente gritou e senti meu corpo endurecer. O que diabos estava acontecendo?

— Algo com Troian ou Bailey? — perguntei preocupada, já me imaginando em um voo para o Canadá.

— *Não! Por Deus, não!* — despreocupou-me rapidamente. — *Apenas um nome, o qual não suporta ouvir.*

— Han? — perguntei confusa.

Andei até a grande poltrona e me joguei, esperando alguma resposta sensata de Patrice. Ela era minha melhor amiga de muitos anos. Uma das poucas pessoas que sabia a fundo o quanto lutei contra meus próprios demônios para me tornar quem sou. Pat conheceu Lia antes da realidade, e Lia pós realidade. Ela sabia mais de mim do que qualquer pessoa.

— Desembucha. — insisti, diante de seu silêncio. — Parece que sua felicidade diária é me deixar aflita.

Ela gargalhou alto e senti vontade de socar seu belo rosto. Sorte que não estava por perto.

— *Ok, desculpe.* — sua voz soou sarcástica. — *Mas acho que deveria se lembrar de um cara que supostamente seria seu marido.*

— O que Paul tem a ver com isso? E como assim supostamente?

Deus! Eu odiava dizer o nome dele. Não que ele tivesse me feito algum mal, pelo contrário, sempre foi muito cortês. Nos conhecíamos há anos, mas não éramos próximos. Entretanto, ele seria meu marido. E a cada segundo que se aproximava do dia que revelaríamos o noivado, sentia minha própria alma querer

fugir. Se conseguisse, com toda certeza, já o teria feito.

Casamento arranjado em pleno século XXI. *A que ponto chegamos?* Suspirei fundo, não querendo mais uma vez entrar naquele mérito e foquei na conversa com Pat.

— *Bom, se entrar no instagram e olhar a última foto de Diana...*

Nem lhe dei mais atenção e deixei a ligação em segundo plano, rapidamente abrindo a rede social. No momento em que entrei no perfil de Diana, senti meu coração falhar uma batida e uma felicidade descomunal se apossou de meu corpo.

Soltei um grito de felicidade ao ler e reler a legenda da foto dela com Paul. Gargalhei alto e gritei novamente. Só então lembrei de minha amiga e coloquei o celular na orelha.

— Essa é a melhor notícia da minha vida! — exclamei animada.

— *Percebi.* — *ela gargalhou.* — *Seus gritos valeram mais que mil palavras, June.*

— Cala boca. — irritei-me com o apelido desnecessário. — Eu preciso muito sair pra comemorar! Estou livre, Pat! Livre!

Gritei novamente e me levantei da poltrona, sentindo-me completamente leve. Novamente, seria a dona de meu destino. Estar livre era uma sensação abrasadora.

De repente a porta do meu escritório se abriu e minha mãe me encarou com cautela. Conhecia aquele olhar, e ela com certeza, não estava ali por conta de meus gritos.

— Sweetheart^[5]. — falou baixinho e senti meu corpo endurecer novamente.

Por que não podia simplesmente curtir um pouco daquele momento?

— Antes que jogue alguma bomba sobre mim... Já soube da novidade? — perguntei-lhe animada e mostrei a foto de Diana com Paul.

Ela encarou a foto rapidamente e forçou um sorriso. Ok, aquele era um péssimo sinal.

— Mamãe, eu estou livre. — tentei empolgá-la. — Por que parece triste por me ver livre desse casamento?

Ela então suspirou fundo e entrou no ambiente. Pegou uma de minhas mãos e apertou com as suas. Um gesto tão dela que me deixou completamente desarmada.

Levei o celular rapidamente a orelha e me despedi de minha amiga. Algo estava errado. De repente toda minha felicidade desapareceu. O olhar perdido de minha mãe confundia algo, ainda não sabia dizer o que.

— O que foi? Alguma coisa sobre o roubo na empresa e...

— Não, sweetheart. — sorriu-me forçadamente. Eu odiava aquilo. — A

questão é que temos uma visita.

— Quem? — perguntei, colocando-me de prontidão. — Quem inferno está te deixando assim, mãe?

Eu faria de tudo por aquela mulher, e ela sabia bem daquilo. Algo a angustiava de forma dilaceradora. Era a mesma forma com a qual ficou no dia em que me contou sobre casamento arranjado com Paul, quando completei apenas quinze anos. Tal notícia, destruiu-me por completo na época.

Não me contive mais e fui até minha mesa, pegando meu robe preto, colocando-o rapidamente. Não esperei que ela me dissesse algo, e desci as escadas rapidamente. Quando finalmente alcancei o último degrau, senti meu corpo arrepiar, da forma que apenas uma pessoa conseguia causar.

Não!

Encarei de forma abismada as costas do homem parado no meio de minha sala de estar. Ele parecia ocupá-la por completo, e de repente, senti que estava presa numa bolha. Ou quem sabe, num sonho desordenado.

— Klaus?

Seu nome saiu baixo e me odiei por deixá-lo me afetar. Logo ele. Não, eu tinha que controlar aquela situação. *Vamos, Lia!*

— Klaus? — minha voz soou decidida e ele se virou lentamente.

Ele parecia estar tão bem consigo mesmo, que odiei o fato de ainda me sentir tão exposta a ele. Passavam-se anos, e mesmo assim, ainda conseguia me deixar paralisada. *Merda* atormentadora que não queria ir embora. Um sentimento indecifrável.

Ele me encarou de forma séria, como sempre. Sem sequer expressar alguma reação. Típico dele, e da maioria dos executivos que tinha contato.

— O que faz na minha casa? — perguntei de uma vez e permaneci no última degrau.

Estava descalça, e não senti que era uma boa ideia ficar a sua frente em meu real tamanho. Klaus me intimidava. E não permitiria que sua altura contribuísse para tal.

— Olá, Lia. — sua voz rouca soou e segurei um suspiro. Eu o odiava, sim, era aquele puro sentimento. Há anos me convencia de tal coisa. — Como vai?

A calma e serenidade em cada sílaba que saía de sua boca. A forma como os olhos azuis pareciam me engolir viva e ao mesmo tempo transpareciam algo que não conseguia entender. E pior, a postura altiva como se fosse dono de si.

Segurei um grunhido e forcei um sorriso debochado.

— Sentindo-me livre. — dei de ombros e não desviei o olhar do seu. — Agora, me diga logo o que faz aqui e por que minha mãe parece a ponto de chorar. E assim, posso voltar a gritar feito louca.

— Bom, acho mais prudente que esteja sentada para ouvir o que tenho a dizer.

— Estou bem em aqui. — refutei. — Se quiser se sentar, fique à vontade.

Ele assentiu e escolheu o sofá azul mais próximo de minha visão para se acomodar. Porém, os segundos passaram e nada saiu de sua boca. Ele parecia buscar algo em sua mente, talvez as palavras certas.

— Agora que está confortável. — forcei um sorriso, com a curiosidade corroendo todo meu ser. — Pode me dizer o que está acontecendo?

— Bom, talvez já saiba sobre Paul e Diana. — começou e abri um sorriso gigante. Agora aquela conversa parecia atrativa.

Nem mesmo o fato de ter que encará-lo tão de perto, depois de anos o evitando, pareceu desgastante.

— Aquela foto foi a melhor coisa que coloquei os olhos neste ano. — confessei, sem disfarçar minha animação.

Tirando a visão *dele*, realmente, Paul e Diana aos beijos numa rede social era a melhor foto da década. Por que diabos eu ainda me sentia tão atraída? Bufeí internamente, numa briga sem fim com minhas vontades.

— Bom, eles assumiram a poucos dias o namoro para a família. Eles estão apaixonados. — confidenciou, e tentei entender onde aquela conversa iria chegar.

— Klaus. — eu o odiava, mas pelos deuses, amava aquele nome. — Se um deles te mandou para se desculpar ou algo do tipo...

— Eu escolhi estar aqui para ser honesto e conversamos abertamente sobre o futuro.

— Futuro? — perguntei completamente perdida.

A conversa acabava de tomar um rumo que não esperava.

— Nosso... — arregalei os olhos e Klaus pareceu reticente, complementando em seguida: — Nosso futuro.

— O que? — minha voz quase não saiu.

— Paul e Diana só puderam assumir o namoro, pelo fato de que aceitei assumir todas as responsabilidades cabíveis.

O mundo paralisou diante de suas palavras, e tudo ficou mudo. Conseguia ver que Klaus ainda falava, mas nada em meu cérebro fazia sentido.

— Responsabilidades... — tentei me encontrar naquele momento. — Não me diga que eu sou uma dessas...

— Um Russel tem que se casar com uma Harper. — esclareceu o que já era nítido. Senti o peso do mundo nas costas, segurando-me no corrimão da escada. — Eu sinto muito, Lia. Mas preciso vir aqui e lhe perguntar se está de acordo com este novo arranjo. Nossos pais ainda conversarão sobre o contrato, mas

preferi que soubesse por mim.

Olhei-o com todo meu rancor. Não por ele, nem por mim, mas sim pela situação. Era um contrato sendo posto a mesa. Mais um. E mesmo querendo, eu não podia dizer não.

Klaus... Por que?

Segurei no fundo de minha alma tal pergunta, assim como todas minhas inseguranças a respeito do passado.

— Quanto tempo até o casamento? — perguntei sem o encarar e me senti fraca.

Não existia possibilidade de ficar estável naquele momento.

— O mesmo. — sua voz sequer oscilou. Ele parecia o dono da situação, e ele realmente era. — Apenas serei eu no lugar de Paul.

— Não tem ninguém que ame? — perguntei em desespero e segurei com força contra o corrimão, sentindo-me perdida. Não teria problema algum jogar com todas as armas que conhecia, mesmo que fossem falíveis. — Diga-me que tem alguém, que vai assumi-la e...

Ele piscou algumas vezes, claramente assimilando minhas perguntas. Pela primeira vez, vi Klaus Russel desviar o olhar, parecendo perdido. Eu o odiei ainda mais naquele instante.

— Diga-me que vai lutar por ela...

O choro ficou preso em minha garganta e tentei acreditar que aquilo não passara de um pesadelo. E pensar que algum dia, aquilo seria um verdadeiro sonho.

— Apenas preciso de sua resposta. — sua voz soou firme. O verdadeiro Klaus estava de volta. Seguindo ordens, prontamente frio. — A escolha é sua.

Não, nunca seria.

Ele não fazia ideia do por que não me recusava aquilo. Não existia escolha. Respirei fundo e apenas assenti. Queria dar-lhe as costas, subir para meu quarto e chorar. Porém me contive. Olhei-o com pesar e dei de ombros.

— O acordo permanece. — respondi em tom alto e claro.

Ele assentiu e como já imaginei, se levantou. Conseguira o que veio buscar e era hora de levar aos demais envolvidos naquele contrato de casamento.

— Eu sinto muito, Lia. — não, ele não sentia. — Resolverei todos os problemas burocráticos e...

— Apenas me incomodem quando precisarem de minha assinatura. — usei meu tom mais frio. — Nos vemos no noivado ou qualquer outra *merda* que esteja programada.

Ele não se abalou com minha sinceridade e me olhou mais uma vez.

— Até mais, Lia. — despediu-se solenemente, e deu as costas.

Assim que a porta bateu, meu corpo cedeu na escada, e me sentei, sentindo-me perdida. Acabava de me tornar a futura esposa de Klaus Russel.



Capítulo 3

“A primeira vez que a pessoa se apaixona muda a vida dela para sempre, e por mais que você tente, o sentimento nunca desaparece.”^[6]

Acertei com toda a força o saco de areia e tentei não me desorientar. Um, dois, três, quatro... Dezenas de socos depois, e minha concentração parecia reencontrada. Entretanto, no momento que fechei os olhos e tentei focar em algo, a imagem dela ocupou toda minha mente. Dei um último soco, depositando minha frustração, e em seguida me joguei contra o chão, completamente perdido.

Senti meu corpo completamente inerte, e em meio ao momento pós treino, dentro de minha própria academia, tentei me concentrar no fato de que seria marido de uma mulher que claramente não me suportava. Só não conseguia entender o porquê.

Ao contrário de Lia, sempre me senti completamente ligado a ela, a ponto de mesmo após seu afastamento, segui-la por todas as festas as quais costumava ir. Mesmo que fosse para sequer me divertir, e apenas observá-la. Anos, nos quais, fiquei à sombra. Em muitas das vezes, a vi aos beijos com outros caras, e aquilo me matava por dentro.

Mas o que eu podia fazer?

Ela aproveitava sua liberdade, enquanto podia, já que tinha data de validade. Também não era nenhum santo, porém, o que queria era poder exorcizar todos meus demônios junto à ela, numa cama, com nossos corpos perdidos no prazer.

— Porra!

Xinguei alto e me sentei, levando as mãos à cabeça. A imagem dela num robe negro me atormentando. A todo custo tive que me manter calmo a sua frente, sendo que na verdade, tomar seus lábios com os meus era meu único desejo.

Ela apenas me passava sua frieza e altivez. Lia era a única mulher que

possuía tal poder sobre mim. Precisei recitar mentalmente o que realmente fazia em sua casa, para não me perder diante da sua imponência. Ela era o centro de tudo onde quer que estivesse. E ainda mais, estando apenas nós dois num cômodo, era como se ela me tomasse para si.

Queria abrir aquele robe, descobrir se usava algo por baixo ou não, e de uma vez, desvendar todos os mistérios da mulher que parecia tão inalcançável. Só conseguia pensar em como fazer que me notasse, de forma que nenhum outro despertasse seu interesse.

Mas ela era livre. Assim como eu. Ao menos, pelos próximos três meses.

Levantei-me, dando por vencida aquela batalha. Ela tinha me ganhado de forma tão fácil, que por muito tempo cogitei apenas o fato de ser uma mulher proibida. Porém, a cada novo encontro com ela, mesmo que ínfimo, entendi que significava muito mais.

O destino parecia conspirar a favor de ser eu ao seu lado num altar. Mas a quem poderia enganar? Nosso casamento era um contrato selado, nada mais. Não que fosse um homem crédulo em romances de banca, mas nunca cogitei a possibilidade de obrigar uma mulher a ser minha. Parecia errado e insano. Pois no fundo, ela não seria.

Segui para meu quarto e resolvi tomar um banho para espairecer a cabeça. Assim que entrei debaixo da ducha fria, a voz doce e sensual pareceu viva em minha mente. Era como se ela estivesse naquele ambiente.

— *Não tem ninguém que ame?* — *perguntou em claro desespero. Senti como se uma faca atravessasse meu peito. — Diga-me que tem alguém, que vai assumi-la e...*

Pisquei perdido algumas vezes. A resposta era óbvia, mas não poderia lhe dar. Se ela ao menos soubesse o tamanho de minha covardia. Pois era ela, a mulher que queria. Mas pela qual, nunca lutei.

— *Diga-me que vai lutar por ela...*

Soquei com força os azulejos e tentei manter aqueles pensamentos longe. Precisava sair e distrair minha mente. Lia tornara-se um fato. Uma mulher que estaria em minha vida de qualquer forma dali para a frente. Precisava aprender a lidar com sua frieza ou senão, sairia quebrado daquele casamento.

Levei a dose de uísque a boca e encarei a parte de baixo da boate. As pessoas dançavam de forma sedutora, diante da música latina que estourava por todos os lados. Meus olhos varreram o local e pararam numa loira que parecia completamente deslocada. Vi um cara avançar sobre ela e a mesma tentar desviar. As pessoas ao redor pareciam tão perdidas em si que não notavam.

Virei-me rapidamente e desci as escadas da ala vip. Assim que cheguei a pista de dança, avancei rapidamente pelas pessoas. Pela minha altura, mesmo no caos, era fácil encontrá-la. O cara tentou forçar um beijo, e quanto finalmente passei pelas últimas pessoas. Apenas vi alguém puxar o cara pela camisa e lhe acertar uma joelhada fatal.

Mal tive tempo para raciocinar, e quando meus olhos pararam na mulher que fizera aquilo, meu coração falhou uma batida. Lia tocou com cuidado o braço da loira, que parecia estar em choque.

— Vadia!

O cara ainda de joelhos no chão gritou enquanto os seguranças o levavam para a longe. Respirei fundo, cerrando meus punhos. *Calma, Klaus!* Lia apenas o ignorou e falou algo com a mulher. Pensei no que fazer, ao mesmo tempo em que me controlava. Talvez, virar de costas e sair fosse a melhor solução. Porém, logo ela se virou, e seus olhos pararam nos meus.

— Está de carro? — perguntou de repente, como se tivesse notado minha presença há muito tempo.

Sua voz me tirando por completo *daquele* momento, e senti-me relaxar.

— Sim. — respondi mecanicamente.

— Ela não quer denunciar o babaca. — explicou, claramente contrariada.

— Mas aceitou uma carona. Eu pegaria um táxi, mas...

— Tudo bem, Lia.

Ela assentiu, e resolvi fazer algo para ajudar, pois claramente a loira estava desconfortável. Ela teve seu corpo tocado sem permissão. Tirei o blazer que vestia e a olhei com cautela.

— Olá, meu nome é Klaus. — comecei a falar e notei o medo estampado em sua face. Óbvio que encarar um homem minutos depois de ser atacada por um, não deveria ser fácil. — Sou namorado de Lia. — fui direto, e ela assentiu, parecendo menos incomodada. Pude sentir o olhar de Lia queimar sobre todo meu corpo.

Entreguei-lhe meu blazer e rapidamente ela o vestiu, como se estivesse se protegendo. Saímos rapidamente do local e o leve frio da noite nos encontrou.

Levei-as até meu carro e Lia acomodou a loira ao seu lado, no banco de trás. Ela permaneceu ao seu lado e falou algo baixo, que não consegui escutar.

— Cinco quadras a frente, depois a esquerda. — Lia se manifestou e assenti, saindo com o carro.

O silêncio se tornou algo sepulcral, e a cada semáforo, tentei pensar em algo para dizer. Porém, temia falar algo errado.

— Obrigada.

A voz da loira saiu fraca e encarei-a pelo retrovisor, dando-lhe um leve

sorriso.

— Não precisa agradecer. — Lia tomou partido por nós. — O que fiz foi pouco. Eu queria que ele levantasse e pudesse socá-lo como merecia.

— Você é corajosa.

— Artes maciais e autodefesa. — Lia falou em tom brincalhão, e fiquei completamente surpreso. *Ela também gostava de lutar?* — Infelizmente é algo necessário em muitos casos.

— Mesmo assim, obrigada Lia.

Estacionei com o carro onde me passou e antes que pudesse dizer algo, as duas saíram do carro. Fiz o mesmo e me surpreendi no momento em que a loira me estendeu o blazer e me lançou um sorriso verdadeiro.

Ela parecia doce demais e completamente melhor do que antes.

— Obrigada, Klaus.

Assenti para ela e sorri, pegando o blazer de volta. Lia a abraçou rapidamente e logo a loira desapareceu para dentro do prédio a nossa frente.

Fiquei parado, sem conseguir raciocinar diante de todas as coincidências de minha vida. Tantas voltas e ali estava eu, à frente da mesma mulher. Virei-me para Lia e me surpreendi ao vê-la acender um cigarro.

Ela tragou longamente e se encostou em meu carro. Claramente tentando se acalmar com a nicotina. Ela então me ofereceu, e neguei com cabeça. Não que não fumasse, mas era algo esporádico. Naquele momento, não senti vontade.

Ela sorriu baixinho e fiquei completamente perdido.

— Previsível como sempre, Klaus. — soltou de repente e me desarmou por completo.

Porém, não eram suas palavras, nem o seu tom debochado que me acertaram. Apenas um momento que parei para observá-la de fato naquela noite. Ela usava um vestido preto que marcava os seios cheios, de um comprimento que me fazia babar por suas pernas, moldando seu corpo perfeitamente. As meias arrastão deixaram-me a aos seus pés, assim como a bota de saltos altíssimos que completara minha perdição.

Seus cabelos longos e ondulados caíam como cascatas e fiquei por um segundo apenas a admirando, e torcendo para que não reparasse no meu olhar apreciador. Ela era linda!

Puxou de leve o casaco preto amarrado em sua cintura e colocou-o sobre os ombros. Em seguida, jogou o cigarro no chão e pisou sobre o mesmo. Um sorriso que não chegou aos seus olhos se abriu.

— Obrigada pela conversa, Klaus. — debochou.

Virou-se de repente e saiu andando, deixando-me completamente perdido diante de sua petulância. Mesmo assim, não permiti que desse mais de dois

passos, e a alcancei. Toquei de leve em seu braço e a puxei para perto. Aquela proximidade, depois de tantos anos, fez meu corpo acordar e tentei pensar em qualquer outra coisa que não fosse a mulher sexy como o inferno a minha frente. Porém, a forma como os lábios carnudos se abriu e fechou em clara surpresa, me tiveram de joelhos.

— Onde vai? — perguntei, tentando desfocar de seus lábios. O que parecia uma tarefa impossível.

— Voltar para a boate. — deu de ombros e sorriu de lado. — Minha noite não acabou aqui, Klaus.

— Eu te levo. — segurei-me para não perguntar sobre o que ainda faria. Na realidade, não queria a real resposta. Aquilo me quebraria. — A minha também não acabou.

Na realidade, gostaria que acabasse ao lado seu lado.

Deu de ombros como se não fosse grande coisa e se afastou de meu toque. Andou de volta até o carro. Destravei o veículo, e logo ela entrou, sentando-se no banco do passageiro. Apenas pensei estar em um sonho adolescente. A mulher que queria sentada no banco do passageiro de meu carro.

— Posso ligar o som? — perguntou, assim que me sentei no banco do motorista e coloquei o cinto. Apenas assenti, saindo com o carro.

O ar pareceu pesar e por um segundo imaginei que não era apenas eu o único que sentia aquilo.

— Shallow? — praticamente gritou e sorri de sua surpresa.

Tomando coragem que sequer sabia ter, comecei a cantar junto a música. Diana me obrigara a ir com ela no cinema, assistir à pré-estreia do filme na qual a música era parte da trilha sonora. Felizmente, foi uma das raras vezes que minha melhor amiga acertou na escolha de um filme.

*“Tell me something, girl
Are you happy in this modern world?
Or do you need more?
Is there something else you’re searching for?”*

*I’m falling
In all the good times
I find myself longing for change
And in the bad times I fear myself”^[2]*

Seus olhos me queimavam, porém, me segurei para não a encarar. A segunda parte da música começou, e Lia basicamente me jogou na lona. Sua voz era suave e ao mesmo tempo firme, completamente afinada. Senti-me completamente preso aquele momento. Assim, ficou impossível não a olhar. Permaneci atento ao trânsito e ela.

Meu foco real era ela.

*“I’m off the deep end, watch as I dive in
I’ll never meet the ground
Crash through the surface
Where they can’t hurt us
We’re far from the shallow now”*^[8]

Parei em um semáforo, e voltei toda minha atenção para ela. Então, cantamos juntos, e senti por um milésimo de segundo que existia algo vivo entre nós. Era como finalmente ela voltasse a ser a Lia que conheci.

*“In the shallow, shallow
In the shallow, shallow
In the shallow, shallow
We’re far from the shallow now”*^[9]

Tão rápido e surpreendente quanto começou, de repente, aquele momento acabou. Estacionei o carro, e Lia simplesmente saiu do mesmo. Saí em seguida, e a encontrei parada ao lado, e senti seu olhar inquisitivo.

— Acho que é a primeira vez que o vejo fazer algo por si só.

Suspirei fundo, tentando não absorver tais palavras.

— Deve pensar que me conhece bem, não é? — perguntei, sem disfarçar a mágoa em minha voz.

Ela sorriu levemente e tocou meu ombro, o que levou uma descarga elétrica por todo meu corpo.

— Não me leve a mal, Klaus. — deu de ombros. — Mas existem dois Russel. Um que age impertinente e outro que sequer age. Você está na segunda categoria.

— Não seja hipócrita, Lia.

As palavras saíram antes mesmo que pudesse raciocinar, porém, eram verdade. Estava cansado de ser comparado a meu irmão, e nunca esperei aquilo

dela. Principalmente, pela forma como ela reagia as pessoas que a comparavam. Ao menos, era o que notei nas muitas discussões que a vi tendo com alguns conhecidos em comum.

— Nada é o que parece. — pareceu escolher as palavras, e tentei decifrá-las. Lia não parecia falar a respeito daquele momento. — Sobre Paul, sempre soube o que esperar.

— Sou um bom homem. Ao menos, tento ser. — fui sincero, e percebi que pela primeira vez em anos, tínhamos uma conversa além de cordialidades.

Ela apenas sorriu e me deu um leve aceno, antes de se afastar e sair andando em direção a boate. Respirei fundo algumas vezes e tentei não pensar tanto a respeito de “nós”, e em seguida, fiz o mesmo caminho. De todos os olhares que recebi, o único que realmente queria era o dela. Porém, não seria naquela noite. Lia buscava sua liberdade, assim como eu.

Localizei-a, minutos depois, beijando um cara na pista de dança. Bebi mais uma dose de uísque e olhei de relance para a morena sentada em meu colo. Um dia, esperava que Lia fosse a mulher que dividiria tais momentos. Mesmo que parecesse completamente impossível.



Capítulo 4

“O primeiro amor deixa marcas para a vida inteira.”^[10]

Não quis levantar o olhar enquanto meu pai repassava todas as datas. Minha mãe permanecia acuada numa cadeira, incrédula de que aquilo realmente acontecia. Levei a garrafa de água a boca novamente e sorri sem vontade. Era uma situação de merda.

Nenhum deles queria que passasse por aquilo. Infelizmente as coisas tinham tomado proporções que não existiam escolhas. Meus pais não tinham culpa no que realmente aconteceu. Eles foram enganados em sua empresa e meu casamento era a forma de salvar o que restara, e assim, reconstruir tudo.

Os papéis que meu pai assinou há muitos anos, antes mesmo que nascesse e até mesmo conhecer minha mãe, era algo padrão entre os Russel e Harper. Entretanto, nenhuma das duas famílias imaginou que realmente seguiriam por aquele caminho. Foi algo obrigatório na época para que tanto o pai de Klaus quanto o meu, pudessem continuar a alavancar suas respectivas empresas. Foi algo imposto pelos pais deles na época. Meus avós só podiam ter algum parafuso a menos, e nada que realmente importasse para fazer.

Aos 25 anos, era obrigada a assumir um relacionamento sério. Algo que na realidade sequer me imaginava tendo. Confiança era algo imprescindível para mim. Klaus não era nem de perto a pessoa na qual depositaria meus maiores sonhos e medos. Ele era parte de um passado doloroso.

— Papai, é a quinta vez que lê a mesma coisa. — falei por fim, e sorri para ele. — Mãe, para de se culpar por essa merda! Eu aceitei e pronto. Em dois anos, tudo acabará.

— Eu odeio ser a culpada por...

Meu pai me encarou com pesar, e ambos fomos até ela, a abraçando. Ela sequer parecia a mulher forte que de fato era. Belinda Oliveira Harper era minha heroína. Uma brasileira que se encontrou perdida em meio a um intercâmbio e

encontrou no vizinho da casa que trabalhava para se manter, o amor de sua vida. A história deles era de se inspirar. Enfrentaram um preconceito absurdo, tudo por minha mãe ser latina e não ter o padrão de vida de meu pai. Porém, calaram a boca de muitos quando seu amor prevaleceu por tanto tempo.

— Quando lhe contei sobre o acordo, prometi que te livraria dele. — falou com pesar. — Eu falhei, Lia. Eu estou te condenando a uma vida que...

— Não é como se Klaus fosse a pior pessoa do mundo. — dei de ombros e encarei seus olhos castanhos, reflexos do meus. — Ele é um tanto polido, mas é legal.

— Você o odeia, sweetheart.

Ela me conhecia muito bem, e fiquei paralisada diante de suas palavras. Éramos muito claros sobre tudo em nossa casa. Meu pai sorriu de lado, claramente a par da situação. Ele ria de minha falha tentativa de livrar minha mãe de uma culpa que não lhe pertencia. Até porque, ele quem assinara os papéis, sem sequer imaginar que teria filhos algum dia. Acho que em sua mente, e pelo histórico cafajuste que minha mãe me passara, com certeza não pretendia.

— Ok, eu chorei por ele uma vez. — confessei e meu pai me encarou com a sobrelha arqueada. — O que foi senhor James Harper?

— Apenas admirando que minha menina mesmo sendo tão forte ainda é apenas minha menina... — seu sorriso debochado não me passou despercebido. Parte de meu jeito era idêntico ao dele. — Ainda não aprendeu a mentir, sweetheart.

Minha mãe sorriu verdadeiramente no mesmo instante. Eles adoravam me azucrinar. Ao menos, o clima horrível no escritório dos dois tinha melhorado. Sentia-me conectada a eles novamente.

— Ele não sabe a hora de parar. — mamãe o provocou e revirei os olhos.

Eles iam começar a troca de farpas e assim que saísse, teria que colocar um fone de ouvido. Coisas iam cair e eles iam se atracar. Se um dia sonhasse com casamento, torcia para que fosse como eles.

— Falando sério. — comecei, e segurei a mão de ambos. — Meu trabalho é em casa, tenho Patrice para visitar no Canadá ou vice-versa, as ruas de Nova Iorque não são entediantes e nunca serão... Não vou sofrer ao lado de Klaus. O que me fez chorar aos dezoito, me faria dar um soco na cara dele hoje em dia.

Minha mãe gargalhou e se levantou, beijando com força meu rosto.

— Eu te amo, sweetheart. — tocou meu rosto com carinho. — Não sabe como quero matar seu pai todos os dias por ter assinado esses papéis.

— Eu não pretendia ter filhos, belíssima. — os anos passavam, e ele não perdia o apelido carinhoso sobre ela. — A culpa é sua! — acusou-a e tive que gargalhar da cara espantada de minha mãe.

— Minha? — ela quase gritou e meu pai seguiu.

— Se não tivesse me enredado com esses encantamentos, continuaria livre e sem filhos. — provocou arduamente e mamãe parecia a ponto de voar em seu pescoço.

— Obrigada pela parte que me toca. — ironizei.

Mamãe pareceu pensar um pouco e logo um sorriso provocativo surgiu em seus lábios. Agora meu pai estava ferrado.

— É livre para voltar para sua vida de antes, querido. — vi o rosto de meu pai retorcer num sorriso. — E eu farei o mesmo. Tenho certeza que Daniel ainda me espera.

De repente o rosto de meu pai assumiu um semblante furioso e segurei o riso. Sem lhes dizer nada, apenas saí rapidamente do escritório. Logo eles estariam se atracando no cômodo.

Subi as escadas e fui para meu quarto. Encarei por alguns segundos o local repleto de espelhos e as lembranças inundaram minha mente. Foram anos evitando meu reflexo, mas a cada dia, aprendia a me amar. De certa forma, descobri que amor próprio tem que ser cultivado. *Se não cuidar de mim e do que amo, quem fará?*

Flashes daquela noite no passado me atingiram e sentei-me no chão. Passei as mãos por meus cabelos e tentei não pensar muito a respeito. Coloquei uma música no celular e embalei naquele momento. Meus olhos pesaram em alguns minutos, e apenas me permiti ir ao som de Julia Michaels.

— *Acho que devia ter cuidado, Klaus. — finalmente encontrei minha voz.*

Ele pareceu não se importar e tocou minha cintura. Seus olhos azuis pareciam me decifrar, e senti-me perdida diante de sua imensidão. O homem pelo qual era apaixonada finalmente me notou, e mesmo sabendo o quão errado era, parecia querer lutar.

Klaus sorriu abertamente e tocou sua testa na minha. Ele era mais velho, dois anos para ser exata. Em meus dezoito, jamais imaginei que ainda cultivaria algo por ele. Mas Klaus era diferente dos outros, ele sempre me tratava com carinho.

— *Quero muito te beijar, Lia. — sua fala me pegou de surpresa.*

Eu sequer sabia o que era um beijo. Não era do tipo de garota que atraía os homens. Por algum motivo, ou pelos meus quilos a mais, talvez, eles me repeliam.

Eu odiava lembrar que todos os dias era necessário recitar o mantra de minha terapeuta para o espelho - Você é linda do seu jeito, não aceite que ninguém te molde.

— *Eu acho que...*

Antes que algo saísse de minha boca, a dele me encontrou. Era o meu primeiro beijo, e com o cara que sempre desejei. Correspondi como pude. Porém, antes que pudesse me sentir viva diante daquilo, risadas reverberaram ao nosso redor.

Klaus se afastou e encontramos Mike e sua turma de sempre perto das escadas. Todos me olhando de cima abaixo. Eu odiava aqueles momentos. Um dos grandes motivos para ter me mantido tanto tempo dentro de casa.

— Klaus resolveu fazer caridade hoje.

Aquela não fora uma pergunta, e sim uma constatação. Abracei meu próprio corpo e tentei buscar algo a dizer, mas me senti impotente. Busquei em Klaus alguma resposta, porém, ele se calou. Prontamente, deu as costas e saiu dali, deixando-me como se não fosse nada.

Mike sorriu amplamente, assim como todos junto a ele.

— Sinto muito, porquinha. — falou fingindo compreensão e segurei as lágrimas.

Eu odiava aquele apelido. Ele me julgava por minha aparência diferente, e mais, por estar acima do peso. Qual era o real problema?

Segurei o choro como pude e desci as escadas, tentando passar por eles. Antes que pudesse o fazer, sua mão segurou meu braço. Seus olhos negros me fuzilaram.

— Na verdade, não sinto.

Soltei-me em um forte puxão e corri para longe dali. Cerca de uma hora depois, ainda estava inerte, no momento em que o táxi parou a frente de minha casa. Passei as mãos pelo cabelo e paguei o senhor educado.

Silenciosamente, entrei em casa e subi para meu quarto. Meus pais tinham saído, então, era uma noite solitária. Não imaginei que aquilo aconteceria. Era para simplesmente ir para aquela festa e tentar algum contato com meu futuro marido, que apenas assumiria o relacionamento, quando eu completasse 25 anos.

Porém, seria bom ter uma conversa de mais de um minuto com Paul. Ele não era do tipo que leva algo muito a sério, mas parecia ser legal. Eu queria conhecê-lo para que de alguma parasse de pensar em seu irmão mais novo. Ledo engano. Klaus fizera aquilo por si só.

Assim que me sentei sobre a cama, a primeira lágrima desceu. Klaus tinha quebrado meu coração. Meu choro correu livremente e fui em direção ao pequeno espelho que escondia ao lado de meu criado mudo, e encarei minha pior inimiga – meu reflexo.

Nunca me sentira tão feia como naquele instante. Joguei o objeto longe e o vi se despedaçar. Levei as mãos à cabeça e chorei, amargamente, por ser quem

era. Sem muito pensar, corri até os cacos e desferi o primeiro corte no lugar que mais me atormentava – minha barriga.

Uma culpa descomunal me atingiu, no momento em que vi o sangue em minha pele. Afastei-me aqueles objetos como se queimassem. Naquele instante, deitei sobre o tapete, e deixei que meu corpo cedesse a dor.

Eu precisava extravasar.

Acordei sobressaltada e com o suor escorrendo por todo meu corpo. Encarei o reflexo no grande espelho ao meu lado e deixei com que uma lágrima descesse. Já faziam sete anos do dia em que o *bullying* me levou a agir contra mim mesma de uma forma ainda mais severa. Aquele momento foi o estopim, e quando finalmente percebi que aos poucos estava me destruindo.

Remédios para emagrecer, dietas malucas, noites em claro pelo choro, o medo de sair de casa... Uma grande bola de neve que se tornara uma avalanche em minha vida.

Apertei novamente minha barriga e sorri para as pequenas cicatrizes, quase imperceptíveis. Porém, eu as exergava, e sabia bem o que significavam. Hoje, eram apenas lembranças. Dolorosas marcas de como as palavras podem machucar.

Por isso, sempre tentei escolher bem o que dizer e a quem dizer. Mágoa não era algo que gostaria de causar a ninguém. Não aquela que carreguei por tantos anos por aqueles que me marcaram.

Infelizmente, meus pensamentos voaram para Klaus. Ele não tinha culpa por ter simplesmente se calado e não me defendido. Sabia bem, naquele momento, que era o bastante para me defender sozinha. Porém, Klaus tinha culpa por ser covarde. Por nunca ter lutado por nós.

Naquele momento, o odiei ainda mais. Porque em poucos meses seríamos marido e mulher. Não da forma que sonhei quando me apaixonei por ele a dez anos atrás.



Capítulo 5

“Não tenho certeza de que a vida de qualquer pessoa no mundo aconteça exatamente do jeito que se imagina. O que podemos fazer é tentar sempre agir para que tudo aconteça da melhor maneira possível. Mesmo quando tudo parece impossível.”[u](#)

A porta de minha sala se abriu de repente e nem me atrevi a levantar o olhar para conferir quem era. Paul me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que passaria em minha sala na empresa antes de levar Diana para casa e ambos se arrumarem.

— Sua cara deveria estar melhor, irmão.

Jogou-se na cadeira a frente de minha mesa e suspirei fundo, sem querer entrar naquele mérito. Tirei os óculos de grau e passei as mãos pelo rosto. Aquela semana passara arrastada. Nada parecia me preparar para a realidade que logo sucumbiria.

Era o dia do meu jantar de noivado.

— Não tenho muito pelo que sorrir no dia de hoje. — dei de ombros e encostei-me na cadeira.

Notei um sorrisinho em seus lábios e era fato de que ele parecia muito mais leve desde o momento em que assumiu o namoro. Ele parecia feliz e completo, de uma forma que nunca o imaginei. Se pudesse aplicar a fama de cafajeste a algum Russel, com certeza lhe pertenceria.

A princípio, aquilo me fez ficar reticente sobre seu namoro. Diana era como uma irmã para mim, e não aceitaria que ninguém a magoasse. Nem mesmo Paul. Como melhor amigo dela, era minha obrigação protegê-la. Entretanto, desde que assumiram o relacionamento, apenas vi Diana em seu belo sorriso habitual. Animada como sempre e me azucrinando sobre o casamento.

Soube por cima que ela foi até a casa de Lia e teve uma conversa. Isso, há cerca de dois meses, e pelo jeito, elas se tornaram amigas. Não perguntei a fundo sobre o que falaram, mas agradei internamente pelo fato de Diana tentar trazer Lia para mais perto. Era como se ela finalmente começasse a fazer parte de

minha vida.

— Espero que largue um pouco desses papéis e fale com sua futura esposa. — olhei para Paul com escárnio. — Sem farpas nos olhos, irmão. — fez sinal de rendição com as mãos. — Mas acho que seria prudente ao menos ligar para ela. Quanto tempo faz que não se falam?

— Meses. — respondi a contragosto. — Não sei por que comentei com você a respeito da boate.

— Porque sou seu irmão mais velho. — deu de ombros e tive que revirar os olhos. Paul conseguia ser irritante sem sequer se esforçar para tal coisa.

— Ela está bem. — informei-o, mesmo não querendo tocar naquele assunto. — Diana e ela ficaram próximas.

— Então realmente anda usando minha mulher para saber da sua? — sorri de sua pergunta e assenti. Por um segundo, notei a surpresa de meu irmão sobre algo, porém, não consegui entender sobre o que.

— Lia ainda me evita e nunca consegui entender o porquê. — resolvi abrir parte do jogo.

— Klaus. — ele falou calmamente e se levantou. — Eu não era muito esperto na época, até hoje não sou. Você herdou esse dom do papai. Mas parece que sempre anda para trás, irmão.

— Como assim?

Paul se distanciou e mexeu no uísque que deixei sobre a mesinha do pequeno bar. Os dias massacrados de burocracia, pediam uma dose de álcool para manter a calma. Ele colocou uma boa quantidade no copo e bebeu um pouco, logo se virando para mim.

— Você gostava dela. — não era uma pergunta, e também não tinha porque mentir para meu irmão. — Arrisco dizer que até hoje se sente atraído por ela.

Não lhe dei qualquer resposta e ele bebeu mais um pouco do uísque.

— Ela era prometida a mim, mas nunca me olhou direito. — deu de ombros, como se não importasse. — Lembra que Lia era afastada de todos? No sentido de que mal a víamos em festas. Ela não era a mesma de hoje.

— Onde quer chegar?

Para mim, ela poderia ter mudado fisicamente, mas o sentimento permanecia o mesmo. Lia me enfeitiçara há muito tempo.

— Algo aconteceu com ela, Klaus. — arqueei a sobrancelha sem acreditar que ele apenas me dizia o óbvio. Era claro que ela mudou por alguma razão. — Soube que ela socou a cara daquele babaca do Mike semanas atrás. E essa não foi a primeira vez, sabemos disso. Pelo que me lembro, anos atrás ela sequer respondia as idiotices dele.

— Não estou entendendo nada, porra.

Meu irmão gargalhou e veio até a mesa, deixando o copo de uísque a minha frente.

— Ela te olhava com admiração e você tentava agir como um conhecido qualquer. No fundo, você queria a garota. — respirei fundo, odiando ainda mais aquela conversa. — Lembro que de repente ela voltou a frequentar as festas, e sequer chegava perto de você. Parecia que tinha morrido para ela.

— Eu sei de toda essa merda. — soltei de uma vez, e afrouxei a gravata. Sentia-me sufocado. — O que quer dizer com isso?

— Que algo aconteceu para ela ter mudado com você. — concluiu e pisquei algumas vezes, sem conseguir acreditar naquela conversa. — Algo específico. Você estava tão ocupado evitando o seu sentimento por ela, que simplesmente...

— Já entendi! — cortei-o rapidamente, e peguei o copo, tomando o resto de uísque. A bebida desceu queimando minha garganta. — O passado está no lugar dele, Paul.

— Está mesmo? — meu irmão me encarou com ironia e senti ainda mais raiva.

— Lia será minha esposa porque é obrigada a isso. — falei o óbvio.

— Isso porque aprendeu a se contentar com pouco e não se acha digno das pessoas. — aquele era meu irmão mais velho me dando esporro. Raramente ele o fazia. — Você estoura sacos de areia na luta, quebra a cara de alguns caras nos treinos que tanto gosta... Devia aprender a lutar pelo que realmente vale a pena.

Dito isso, ele simplesmente sorriu e piscou em minha direção.

— Se arrume logo e não se atrase. — assenti, sem encontrar uma palavra para responder.

Assim que a porta de minha sala se fechou, encarei o cômodo vazio com raiva e completamente perdido.

O que realmente aconteceu para Lia se afastar de mim?

Não éramos melhores amigos, porém, conversávamos esporadicamente. Conversas que fazia valer a pena as noites em festas tediosas ou conflituosas demais. Foi daquela maneira que acabei me encantando por ela. Boa parte do tempo apenas tentei refrear meus sentimentos, diante da realidade na qual nos encontrávamos. Ela se casaria com meu irmão.

Mas naquele momento, não mais. Ela seria minha esposa.

Peguei meu celular e coloquei a música que permanecia em minha mente há semanas. Todos meus pensamentos diretos naquele momento no carro. Onde, em anos, ela pareceu estar sendo aberta e a vontade comigo.

“Tell me something, girl

*Are you happy in this modern world?
Or do you need more?
Is there something else you're searching for?*

*I'm falling
In all the good times
I find myself longing for change
And in the bad times I fear myself*

*Tell me something, boy
Aren't you tired trying to fill that void?
Or do you need more?
Ain't it hard keeping it so hardcore?*

*I'm falling
In all the good times
I find myself longing for change
And in the bad times I fear myself*

*I'm off the deep end, watch as I dive in
I'll never meet the ground
Crash through the surface
Where they can't hurt us
We're far from the shallow now.”*

Aquela música parecia falar tanto de nós, ao mesmo tempo que “nós” não existia e não era definido. Passei as mãos por meus cabelos, sabendo que aquela noite mudaria muitas coisas. Lia e eu teríamos que começar a conviver. As pessoas ao redor teriam que acreditar em nossa relação. Mais uma cláusula daquele maldito contrato.

Precisava falar com Lia e descobrir como seguiríamos com aquilo. Não a queria há um palmo e muito menos a um braço distância. A realidade era que sempre a quis em meus braços. Descobriria como aquela mulher realmente era. Para quem sabe, um dia, desnudar seu corpo, sua alma e seu coração. Necessitava descobrir por onde começar.

Lia

Um tédio horroroso.

Apenas pensei em como fugir de meu próprio jantar de noivado. As pessoas ao redor pareciam não notar algo errado ou ao menos fingiam muito bem com sorrisos exageradamente brancos que a noite estava maravilhosa.

Bom, ao menos, o clima estava bom. Após dias chuvosos, a noite parecia de braços abertos para o meu novo *status*. As estrelas apareciam tímidas no céu, em meio as luzes exacerbadas da grande cidade. Porém, torcia para que se alguma delas resolvesse cair, que meu pedido se realizasse. Que aquele momento não existisse.

Olhei para o meu dedo anelar direito e suspirei, sentindo-me completamente contraditória. Um grande anel o emolduraria até o fim da noite, ao menos, quando meu futuro marido resolvesse aparecer. Tomei mais um gole de champanhe e voltei minha atenção para os arredores da piscina.

Senti meu salto afundar de forma horrenda no gramado do jardim da casa dos Russel, e odiei ainda mais o atraso. Avistei Diana na beirada da piscina, e finalmente encontrei alguém com quem conversar de forma aberta. Não aguentava mais ser felicitada por um casamento não almejado. Era apenas um trato firmado, e após dois anos, seria desfeito.

Antes que pudesse chegar até Diana, notei uma das mulheres que mais me enojavam, parar ao lado dela. Kaitlin tinha um sorriso no rosto, de forma felina e cruel, e com seus um metro e setenta, intimidaria facilmente, uma mulher tão pequena e com o olhar doce de Diana. A diferença entre as aparências e a realidade, era que Kaitlin não tinha ideia do que aquela mulher baixinha a sua frente era capaz.

Desacelerei meus passos, e notei Paul a alguns metros dali, claramente procurando por algo ou alguém. Olhei entre as duas mulheres, e no momento em que Kaitlin apontou o dedo no rosto de Diana, a mulher não se conteve, pegou a loira estonteante e a jogou com força dentro da piscina. O alvoroço foi geral, enquanto Kaitlin gritava maldições para Diana, e alguém de sua família detestável adentrou a piscina para ajudá-la, os convidados encararam tudo com sorrisos disfarçados e interrogações claras em seus semblantes, fora a condenação no olhar dos mais velhos.

Aproximei-me de Diana, com a gargalhada presa na garganta, e notei que

ela esbanjava um sorriso vitorioso. Quando finalmente me viu, foi no momento em que Paul enlaçou sua cintura.

— Pequena, eu...

— Ela já teve o que merecia. — Diana interrompe-o rapidamente, e deu um leve beijo no namorado. A preocupação no semblante dele era nítida. — Essas suas amiguinhas não me atingem, mas admito que foi bom humilhá-la na frente de todos.

— Achei uma jogada espetacular. — comentei e ela piscou o olho esquerdo, sorrindo. — Qual foi a *merda* dela?

— Disse que Paul a agarrou no banheiro e *blá blá blá*. — deu de ombros e notei o espanto no olhar dele. — Isso não me atinge mais! O que me deixou puta foi ela finalmente se mostrar como racista para mim.

— O que? — Paul e eu perguntamos ao mesmo tempo, completamente alarmados.

— Nada do que já não ouvi antes. — deu de ombros. — Como sempre, não deixei com que pensasse por um segundo que poderia me fazer sentir inferior.

— Diana, eu...

Senti um leve aperto em minha cintura e no mesmo instante olhei para o lado. Minha mãe me encarou com carinho e ao mesmo tempo, claro desespero. Ela odiava o fato de meu pai ter colocado minha liberdade a prêmio, ou melhor, meu futuro casamento. Porém, era daquela maneira que as coisas funcionavam entre os Russel e Harper. Dentre as gerações, em alguns momentos, os laços teriam que se estreitar, e a sortuda da vez era eu. Geração da má sorte.

— Ele chegou.

Pisquei consternada e bufei, sentindo-me completamente furiosa. Não que fosse demonstrar para algo ele, muito menos o que realmente sentia naquele momento. Aprendi ao longo dos anos a forma como lidar com Klaus Russel e todo ego que o rodeia – a indiferença.

Olhei na direção em que minha mãe indicou e caminhei a passos decididos até ele – meu futuro marido. Era impossível não o analisar dali, ainda mais por notar a forma imponente com que se portava, até mesmo no jeito de andar. Porém, eu conhecia aquele homem, que mesmo com vinte e oito anos, ainda era o mesmo para mim. Klaus não passava de uma sombra de Paul, e não podia evitar sentir pena dele, ainda mais, por aceitar de forma tão passiva aquilo.

Os cabelos castanho escuros estavam bagunçados e os óculos de grau emolduravam seu belo rosto. O terno cinza chumbo sob medida um pouco desalinhado em seu corpo, deixava claro que ele esquecera daquela noite. Ao menos, devia estar no escritório trabalhando, a única coisa que ele realmente parecia gostar de fazer. Klaus tinha um nome de imponência tal qual sua postura,

mas assim que me aproximei de seu corpo e forcei um sorriso, em seus olhos azuis encontrei novamente um menino. Um menino que sequer sabia o que fazia ali, mas que aguentava o fardo.

Sua mão direita tocou meu rosto, e ele depositou um leve beijo em minha testa.

— Desculpe pelo atraso.

Sua voz rouca me atingiu e assenti, fingindo que não me abalava. Entretanto, o correto seria ele se desculpar pelo que claramente não queria, e melhor, éramos forçados. *Desculpe por estar sendo obrigado a casar com você.* Em meu coração e mente, tinha certeza, aquela era a única frase verdadeira que poderia sair de sua boca naquela noite.



Capítulo 6

“Você me irritar,
me excita.
Você me perde,
me ganha.
Você me tem,
mas não me cuida.”^[12]

Sentamo-nos na mesa principal, e logo algumas pessoas vieram nos cumprimentar. Klaus parecia tão acostumado com aquilo que sorria de forma contida, mas ao mesmo tempo amistosa. Como ele fazia para ser daquele jeito? Com toda certeza, o sorriso em meu rosto parecia extremamente forçado e deixava claro que mal via a hora daquelas formalidades acabarem.

Senti minha mão quente demais e só então percebi que desde o momento em que Klaus chegou estávamos de mãos dadas. Delicadamente me soltei da dele e chamei por Diana. Ela sorria de algo que algum dos convidados falou, que parecia ser um amigo de longa data. Dei de ombros para cena, sem querer me enturmar. Não era uma noite para fazer amigos.

A verdade consistia em que se não fosse Diana, que tinha se tornado minha amiga de forma tão inesperada, não teria ninguém além de minha família que poderia ficar à vontade. Klaus parecia querer me confortar diante de tantos rostos que detestava. Porém, o fato era que a maioria das pessoas ali não eram de todo más. Elas apenas pareciam julgar tudo e todos com o olhar. Não era alguém que apreciava tal atitude, e muito menos fazia questão de me aproximar de pessoas assim.

— Tudo bem? — Diana perguntou e assenti.

— Apenas vou ao banheiro. — dei de ombros, e ela entendeu.

— Vou com você.

Virei meu olhar para Klaus, e ele sorria abertamente para um senhor de cabelos brancos que parecia claramente encantado conosco. Como ele podia nos

olhar com admiração? Éramos a maior mentira dos últimos tempos dentre aquele círculo de pessoas.

— Ela é linda. — o senhor falou e abriu um sorriso, estendendo-lhe minha mão.

Ao contrário do que a maioria fez, ele não a apertou, levou até os lábios como um verdadeiro cavalheiro e depositou um leve beijo.

— Você me lembra alguém, querida. — falou com carinho e tive que sorrir, verdadeiramente, pela primeira vez na noite. — Minha Hailey tinha um espírito livre como o seu, e um olhar preparado para quebrar corações a sua volta.

Tanto eu quanto Klaus sorrimos de sua comparação, mas não entramos no assunto a respeito da tal Hailey. Claramente, era alguém que aquele homem amara. Não era certo tocar num assunto que desconhecíamos. Logo o senhor se afastou e o olhar de Klaus encontrou o meu.

— Vou ao banheiro. — informei, e ele apenas assentiu.

Assim que fiquei de pé, Diana fez o mesmo. Andamos até o interior da imponente casa, e agradeci por tê-la chamado. Já estive na casa dos Russel antes, há muitos anos, e não me lembrava de praticamente nada. Diana era completamente familiarizada, já que frequentou aquele lugar a vida toda. Entramos no banheiro e enquanto comecei a passar um pouco de água em meu pescoço, Diana se encostou contra a bancada, ficando apenas me encarando, como se buscasse algo.

— O que foi? — perguntei, e peguei uma toalha de papel, passando em meu pescoço molhado.

Em apenas uma hora daquele jantar, já me sentia exausta. Em breve Klaus me entregaria a aliança, teríamos discursos e poderíamos seguir em frente. O problema era que ali começava de falta a saga até o altar. Tínhamos cerca de três meses até o casamento.

Odiava ter colocado em meu calendário como importante um casamento. Ainda mais, meu casamento.

— Vocês são lindos juntos.

Encarei Diana como se ela fosse louca e a mesma apenas sorriu, dando de ombros. Joguei o papel na lixeira e encarei meu reflexo. Minha maquiagem não cobria a infelicidade. Só queria que aquele momento não existisse.

— Falo sério. — insistiu. — Não é porque Klaus é meu melhor amigo...

— Claro que não. — debochei e ela gargalhou.

— Que horror, Lia. — contestou com seu típico sorriso aberto. — Ele é um cara legal, meio fechado, confesso, mas tem muito por trás do que Klaus deixa aparecer. Na realidade, ele se parece com você.

Encarei-a sem entender, e me escorei contra o balcão.

— Você não é um livro aberto, Lia. — olhou-me decidida, como se estivesse falando algo óbvio.

Olhando por aquele lado, ela tinha razão. As pessoas viam aquilo que permitia, nunca além. Klaus fazia o mesmo?

Desde o começo pude perceber como Diana torcia para que este casamento desse certo. Porém, ela nunca forçou algo, nem fingiu ser alguém. Ela era sincera. Aquilo me fez gostar dela.

— Acho melhor voltarmos. — falei, sem um pingão de animação.

Meu celular vibrou e olhei a mensagem. Pat deixava claro que odiou não estar presente no jantar de noivado, porém, parecia querer tocar em outros assuntos.



Remetente: Pat

“Olhei a última foto de Diana... Por Deus! Como Klaus ficou ainda mais bonito? Desculpe, June. Mas vai se casar com um deus grego.”

obs: um bocó, mas um bocó com a cara de um deus.

Gargalhei alto da mensagem de minha amiga e Diana me encarou curiosa.

— Parece que o mundo conspira a favor de Klaus. — resolvi entrar na brincadeira e lhe mostrei a mensagem.

Saímos do banheiro sorrindo, porém, logo fomos barradas por um corpo alto. Bufei diante da pessoa entrona, porém, logo entendi o que acontecia ao ver o sorriso aberto no rosto de Mike.

O pior de tudo era que ele ainda insistia em estar ao redor. Mesmo que tenha ganhado um olho roxo na última vez em que ousou me tocar ou insultar.

— Olhe só. — sorriu abertamente. — A mulher mais linda da festa.

Olhei-o com desdém e apenas fiquei parada, sem fazer menção de me mover. Tentaria me controlar por estar com tantas pessoas no jardim a frente, e ainda mais, por estar na casa de outra pessoa.

— Ou melhor, as mulheres mais lindas. — olhou com cobiça para Diana que fingiu uma ânsia.

Gargalhei da cara de besta dele e sorri para Dia.

— Já terminou o discursinho pré-ensaiado? Deve ter levando um bom tempo, não é? — indaguei, segurando-me para não revirar os olhos.

— Ah, Lia. — suspirou fundo e deu um passo à frente.

Não me mexi e sequer me deixei intimidar. Ninguém tinha tal poder sobre mim, de me deixar perdida. Ou melhor, apenas uma pessoa ainda o fazia. Mas o caso era Mike, e ele, não significava absolutamente nada. E mesmo quando me causava algo no passado, se resumia a asco. Algumas coisas não mudavam.

— Senti sua falta nas festinhas.

Revirei os olhos e Diana parecia entediada olhando para o celular. Também, quem pudera, a petulância de Mike acabava com a paciência de qualquer um.

— Acho que devia superar esse fato. — sorri de lado. — Ia naquelas festas para me distrair. Supere o fato de que não transei com você e seus amigos babacas.

Ele sorriu amplamente e o encarei. Tudo o que queria era lhe nocautear naquele momento.

— Não é isso que todos sabem.

— Não me importo com o que espalharam sobre mim. — dei de ombros. Realmente, não era algo que me atingia. — Podem inventar o que quiser, mas nenhum tocou meu corpo.

Mike fechou a cara, pois ele sabia que não conseguiria me atingir. Desde que soquei a sua cara há algumas semanas, ele tem se empenhado ainda mais em tentar me deixar para baixo. O problema era seu olhar lascivo sobre meu corpo. Ele me desejava e tudo o que conseguia sentir a respeito era repulsa.

Ele então fez um movimento para tentar tocar meu rosto, e no segundo que fui impedi-lo, apenas o assisti sendo jogado contra a parede com tanta força que um quadro caiu no chão.

— Jesus!

A voz de Diana soou alta, porém minha atenção permaneceu em Klaus, que parecia a ponto de deixar Mike irreconhecível.

— Você fez essa merda?

Mike engoliu em seco diante da pergunta de Klaus e notei seu medo. Porém, a pergunta que me veio em mente foi: Klaus falava palavrão?

— Klaus.

Chamei-o e toquei seu braço. Ele sequer mexeu e bufei, revirando os olhos.

— Solta ele, irmão.

A voz de Paul invadiu o ambiente, e então olhei para o lado e vi o olhar assustado que ele e Diana trocaram. Não conseguia entender a preocupação de todos, e simplesmente fiquei assistindo a cena.

— Klaus, amigo...

No mesmo instante que Mike falou, Klaus apertou ainda mais o braço contra seu pescoço na parede. Aquilo começava a me assustar.

— Não somos amigos, Mike. — o tom de voz de Klaus era frio e cortante.

— Você e seus amigos espalharam boatos sobre Lia... Sim ou não?

Klaus apenas se afastou o mínimo para que Mike respirasse e admitisse um “sim” baixo e medroso. Nunca vira Mike tão acuado.

Sem que pudesse raciocinar, apenas vi o punho de Klaus encontrar o estômago de Mike. Arregalei os olhos, no mesmo instante em que Paul tentou segurar o irmão e afastá-lo. Diana tentou fazer o mesmo, mas Klaus se libertou facilmente dos dois. Ele parecia perdido em seu próprio mundo.

Aproveitando um minuto em que Paul e Diana se encararam, como se tentando pensar no que fazer, Klaus se abaixou para pegar Mike, que permanecia caído no chão e gemia de dor. Sequer sabia o que fazer, mas tinha que agir. Klaus não parecia estar raciocinando.

Segurei com força sua mão e chamei seu nome quase em um grito. Sem que ele esperasse, no momento em que seus olhos azuis encontraram os meus, agradei pelos saltos altos e puxei seu rosto para o meu.

Não tinha ideia do que fazia, mas assim que nossos lábios se tocaram, o mundo parou.

Klaus

A raiva me queimava por dentro, e ao vê-lo confirmar tudo aquilo, não imaginei mais nada, apenas queria feri-lo, da forma como ele tentava fazer com ela. Meu controle se partiu. Tentei lutar contra a raiva em meu interior, mas já era tarde demais. Não existia chance de parar, a não ser que alguém me parasse.

Nem os braços de meu irmão, nem os gritos de Diana, nem mesmo a voz de Lia... Porém, de repente, senti o gosto de lábios doces e decididos. Sabia que eram dela, pelo seu cheiro, pelo seu toque em meu corpo. Apenas ela me enfrentaria daquele jeito, e conseguiria me frear.

Pela primeira vez sentia seu gosto, e não pensei em mais nada. Minhas mãos que antes estavam cerradas pelo ódio, de repente foram para seu pescoço, e minha língua pediu passagem em seus lábios carnudos. O primeiro toque fez meu corpo ferver, e não por raiva.

Parecia um sonho. Porém, as pequenas mãos presas com força ao meu peitoral, as unhas sendo arrastadas por minha camisa... Era real. Cada maldito segundo.

Ela correspondeu o beijo tão afoita quanto eu. Não existia espaço para nada.

Apenas ela me inundava. E quando senti seu corpo se afastar, pela falta de ar, não queria permitir que acontecesse. Mas ao olhar para sua boca carnuda vermelha e inchada pelo beijo, as pupilas dilatadas pelo desejo, o cabelo bagunçado devido a intensidade... Tive certeza que nunca estivera tão bela.

O olhar de Lia logo mudou e pareceu pensar em algo. Respirou profundamente algumas vezes e olhou ao redor, e logo notou que não tinha mais ninguém ali. Meu irmão e Diana tinham saído, assim como Mike. Passei as mãos pelos cabelos, um pouco perdido em meio àquela situação. Porém, foquei na mulher a minha frente, sem querer me lembrar de Mike.

— Algo precisava pará-lo. — sua voz soou um pouco sem jeito. Ver Lia desconcertada não era algo habitual. Na realidade, nunca a vira de tal forma. — Acontece sempre? — perguntou, olhando-me com curiosidade.

— O que?

Minha voz soou rouca devido ao têsão que corria por todo meu corpo. Bastava ela olhar um pouco mais a baixo e veria o que aquele simples beijo, que não tinha nada de simples, me causara.

— Seu descontrole.

Respirei fundo, não querendo entrar naquele assunto. Na realidade, queria poder puxá-la pela cintura e ter seus lábios novamente nos meus. Meus excessos de raiva poderiam ficar para depois. “Nós” era um assunto urgente.

— Depois.

Lia piscou algumas vezes, claramente sem entender o que queria dizer e passou a mão pelo vestido bagunçado. Ela estava perfeita naquele tom de cinza. Não queria pensar muito, porém, adoraria vê-la tentar se recompor, apenas para poder bagunçar tudo mais uma vez.

Dei um passo à frente e segurei sua cintura. Lia me encarou surpresa e assim que abriu a boca para dizer algo, logo a fechou. Ela parecia travar uma batalha consigo mesma. Porém, mostraria a ela que ambos poderíamos vencer.

— Klaus!

A voz de meu pai invadiu o ambiente, quebrando nosso momento. Contrariado, mudei meu olhar para o mesmo e soube bem o que ele queria. Sua preocupação era clara. Lia logo escapou de minhas mãos e passou por ele, com um sorriso lindo no rosto.

— O que aconteceu? Seu irmão mandou uma mensagem dizendo que carregou o filho dos Willians até um táxi, porque você o socou no estômago.

Seu semblante era sério e apenas neguei com a cabeça.

— Agora não.

Cortei-o, não querendo falar sobre o assunto e tentei sair dali. Porém, meu pai não estava satisfeito. Parou-me com a mão e seus olhos me encararam

destemidos.

— Acontece que aquele *merda* se meteu com a minha mulher. — bradei. — E não vou permitir que o façam.

Saí de dentro de casa e fui para o jardim. Não permitiria que ninguém difamasse Lia. Nunca mais.



Capítulo 7

“Me fazem perguntas como se eu soubesse as respostas: *O que você está sentindo?*, por exemplo, eu nunca sei o que responder.”^[13]

Andei meio perdida até reencontrar a mesa na qual estávamos. Meus pais me encararam com o semblante claramente preocupado e fiz questão de lhes dar um sorriso, como quem diz “Está tudo bem”. Na realidade, não tinha nada ruim. Porém, a atitude que tomei diante do estado de Klaus me assustara. Meus lábios ainda formigavam devido ao beijo, e qualquer um que me encarasse teria a certeza que minutos atrás estivera agarrada a alguém.

Fora *apenas* um beijo com Klaus. Precisava me convencer daquilo, e rápido. Um beijo depois de muitos, após aquele primeiro. Mesmo assim, senti-me completamente marcada. Sentei-me em meu lugar e peguei rapidamente a taça com vinho tinto, bebendo um generoso gole. Torcia para que ao menos o vinho tirasse o gosto dele de meus lábios.

Olhei ao redor e tudo seguia nos conformes. Os convidados pareciam enturmados em suas conversas, com toda certeza, maçantes sobre negócios e eventos. Por um me perguntei a respeito de Mike e como ele teria sido removido do chão depois da pancada de Klaus. Mas não parei muito para pensar sobre aquilo. Passei as mãos por meu pescoço e senti-me queimar mais uma vez. Era como se ainda sentisse o toque de Klaus.

O que diabos estava acontecendo comigo?

Foi apenas um beijo. Um beijo num momento desesperado para que ele não destruísse a cara de um imbecil.

Repetia internamente a mesma frase diversas vezes. *Não foi nada demais.*

Senti algumas pessoas se aproximando e levantei o olhar. Diana se sentou ao meu lado como antes, e Paul fez o caminho até a casa. De relance, notei que Klaus andava em nossa direção, sendo apenas parado pelo irmão, que lhe disse algo. Assisti a cena, tentando captar o que acontecia, porém, nada me vinha me

mente. A única coisa que minha mente idiota parecia querer saber era do beijo roubado há alguns minutos.

— Desculpe por aquilo.

A voz de Diana soou baixa e apenas assenti, sem saber como entrar naquele assunto. Queria entender o que acontecera para Klaus ficar de tal forma. Ele parecia outra pessoa. Não aparentava o bom e velho Klaus Russel, polido e cavalheiro. Senti então como se algo me queimasse, espalhando-se por todo seu corpo. Logo ele se sentou ao meu lado na mesa, e me encarou profundamente. Naquele momento as palavras de Diana fizeram total sentido. Klaus agia como eu. O que víamos era apenas o que ele queria mostrar.

— Sweetheart.

Desprendi-me dos olhos azuis profundos e encarei minha mãe.

— Precisamos fazer o anúncio do noivado. — falou com cautela, e vi Dominic Russel, o pai de Klaus, chegar ao seu lado. — Tudo bem? — assenti para ela, dando de ombros em seguida. Por um segundo, fiquei tão imersa em meus pensamentos, que me esquecera por completo do verdadeiro propósito daquela noite. — Klaus?

Olhei-o de relance e o vi acenar afirmativamente com a cabeça. Dominic Russel falou algo com meu pai que lhe deu um leve tapa no ombro. Os dois pareciam odiar a si mesmos naquela noite, como se a culpa os corroesse. Tentei evitar tal pensamento e foquei no momento que viria. Dominic chamou atenção de todos batendo em sua taça, e assisti atenta o decorrer de sua fala.

— Primeiro, gostaria de agradecer a todos pela presença.

Logo, várias pessoas se amontoaram ao redor da mesa principal, e revirei os olhos, não conseguindo disfarçar meu desagrado. A maioria que estava dispersa pelo jardim, em segundos, se aproximaram apenas para ouvir o anúncio de um noivado. Noivado o qual nenhum deles tinha contato com os noivos. A sociedade era uma coisa bizarra.

— Como sabem, hoje é um dia especial tanto para os Russel quanto para os Harper. — fechei os olhos por alguns instantes, para evitar dizer algo sobre tal absurdo. Porém, todos estávamos num papel importante, e Dominic, acabara de encarar o dele. — Meu filho mais novo, Klaus, e sua amada Lia... — mordi a língua para não sorrir e virei meu olhar para Klaus, que logo pegou minha mão com a sua, levando-o até a boca e depositando um leve beijo.

Um arrepio percorreu todo meu corpo, fazendo-me lembrar de como aqueles mesmos lábios encontraram os meus minutos antes. Klaus deu um singelo sorriso e permaneceu com a sua mão na minha, enquanto um “Ah” fora ouvido. As pessoas só poderiam estar sendo pagas para fingir tal coisa, ou eram realmente iludidas por romances improváveis.

Klaus e eu éramos extremos declarados. Ele, um empresário de sucesso no ramo da construção, seguindo os passos do pai. Eu, uma escritora independente de livros, que seguia um caminho de descobertas. Não precisava ser boa em matemática para entender que nossa conta não fechava, de forma alguma. Ele ficara perfeito em um terno, enquanto meu caimento perfeito do dia era em um top e shorts velhos, sem esquecer de uma meia cano longo. Algo em nós não ornava. Mesmo assim, como em vários romances que já tinha escrito, algo em protagonistas opostos, os fazia se apaixonar. Porém, aquela era minha realidade, não um conto de fadas. Klaus era apenas um cara normal com um nome de vilão. Eu, uma mulher comum, com um nome abrigado.

— Decidiram ficar noivos neste dia. — tentei voltar minha atenção para Dominic. — Acredito que falo por mim, James e Belinda, e todos que amam Klaus e Lia... Que essa união seja especial e duradoura. Um brinde aos noivos!

Ouvi o barulho de taças se encontrando e levantei a minha, brindando com Klaus. Só assim, notei que naquele segundo de divagação, algo tinha sido colocado em meu dedo anelar esquerdo. Encarei a aliança delicada, com um diamante negro emoldurado no centro, que me surpreendera por completo. Klaus me encarou ansioso, e logo senti os olhares de todos sobre nós. Porém, era claro o pedido silencioso de permissão para Klaus avançar.

Mais uma vez, decidira agir. Deixei a taça de lado e toquei seu rosto com cuidado, sentindo minha mão implorar por mais daquele contato. Klaus não esperou mais nada, tocou meu rosto com uma das mãos e me puxou para um leve beijo. No meio segundo em que nossos lábios se encontraram, todo meu corpo implorou para que não se afastasse. Entretanto, nada era real. Éramos apenas nós, agindo segundo o personagem. Todos ao redor bateram palmas após aquele breve momento. Não poderia chamar aquilo de beijo, não depois de ser praticamente devorada viva por aqueles mesmos lábios.

Olhei na direção de meus pais, que pareciam perplexos diante de nossa atitude, e segurei a risada. Dominic parecia preso em seu próprio mundo, enquanto Diana e Paul trocavam um sorriso aberto. Analisei-os naquele momento, vendo claramente a paixão que transpassava seus olhos. Não desejara aquilo tão cedo em minha vida, mas não podia negar... O amor era um sentimento lindo.

Klaus

Assim que os brindes passaram, senti Lia mais relaxada ao meu lado. Uma etapa a menos de todo aquele teatro. Porém, minha mente permanecia no momento de nosso beijo, e ainda mais na forma como nossos corpos se tocaram.

Olhei para Lia, que sorria de algo que Diana falou, e suspirei fundo. Não podia estar sentindo aquilo sozinho. Sempre soube que existia algo nela que me cativava, mesmo sendo tão errado. Entretanto, naquele instante, era como se sempre existisse algo entre nós.

— Pai. — chamei-o e o mesmo me encarou. — Algo mais? — indaguei e ele negou com a cabeça, entendendo claramente minha pergunta.

Podíamos encerrar a noite. Ao menos eu e Lia já tínhamos feito o necessário. Os convidados se entreteriam entre si e a comida que começara a ser servida.

— Lia. — seu nome soava tão bem em meus lábios, que poderia repeti-lo por horas.

Ela me encarou, os olhos castanhos duvidosos.

— Podemos conversar?

Ela apenas assentiu para meu pedido. Estendi a mão para ela, que felizmente, aceitou de bom grado. Pedimos licença a todos, e notei os olhares surpresos, praticamente presos em nós.

Lia caminhou ao meu lado pelo jardim. Coloquei a mão na base de sua coluna e a encaminhei em direção ao outro lado, a parte mais escondida, que estava vazia.

Assim que paramos, observei que estávamos longe o suficiente de todos, e tentei encontrar as palavras certas. Mas ao encarar sua boca carnuda, todos meus pensamentos pareciam se dissipar.

— Confesso que me assustei com seu descontrole. — Lia começou, enquanto mexia em algumas rosas. — Mas não precisa se desculpar por aquilo. No fim, alguém acabaria socando Mike. Era só questão de tempo. — deu de ombros, e sorriu de lado.

— Eu sei que exagerei, mas...

Não era o momento para falar com ela sobre aquilo. Não ainda. Apenas queria poder beijá-la mais uma vez e esquecer tudo.

— Obrigado. — soltei de repente, e ela arqueou a sobrancelha encarando-me.

— Pelo que? O beijo? — riu deliciosamente e acabei fazendo o mesmo. — Estou mesmo impressionada com você, Klaus.

— Sério?

Minha pergunta saiu antes de poder ponderar as palavras. A vontade era de

acertar um tapa em minha testa. Parecia um completo desesperado por sua atenção. De certa forma, o era.

— Sim. — sorriu amplamente. — Mas sobre o beijo, não foi nada demais. — deu de ombros e franzi o cenho.

Lia gargalhou de sua fala e então pareceu notar o que tinha dito.

— Não estou dizendo que beija mal. — completou rapidamente. — Mas não é como se nunca tivéssemos nos beijado. Faz o que? — pareceu pensar a respeito e fiquei completamente perdido. — Eu tinha dezoito e estou para fazer vinte e seis...

Ela parecia lindamente pedida na matemática. E mesmo sem entender do que falava, vi-me respondendo.

— Oito anos.

— Isso! — bateu uma palma. — Não sou de exatas. — reclamou baixinho.

Ela parecia querer deixar o assunto morrer ali, porém, aquilo me intrigou.

— O que aconteceu há oito anos?

Lia piscou algumas vezes e pareceu incrédula.

— Um beijo nosso. — respondeu, claramente atenta a minhas feições.

— O que? — minha voz praticamente não saiu.

— Não vai me dizer que não se lembra? — debochou e apenas continuei encarando-a. — Ok, deve ter sido bem ruim.

Lia apenas deu de ombros diante de meu silêncio e passou as mãos pelos cabelos em seguida. Deu um passo à frente e bateu em meu ombro esquerdo. Claramente, se despedia. Porém, assim que ela deu um passo para sair, segurei levemente seu braço, puxando-a para mim.

Encarou-me sem entender e resolvi tomar as rédeas da minha vida e meu maior desejo naquele instante. Tinha esperado tempo demais.

— Acho que se confundiu a respeito do beijo, mas...

— O que está fazendo, Klaus? — perguntou e toquei seu rosto, testando suas reações.

Ela não me afastou. O que já era um bom começo.

— Eu não posso ter te beijado antes... — procurei pelas palavras certas, mas a verdade era única. — Se eu tivesse feito, não teria me esquecido.

— Klaus...

— Seu gosto é único.

Pareceu sem reação por um segundo, mas não lhe dei tempo para pensar, baixei meus lábios sobre os seus. Novamente, o simples toque fez todo meu corpo ferver. Puxei-a pela cintura e senti as pequenas mãos adentrarem meus cabelos, no instante em que nossas línguas se encontraram. *Porra!* Ela era como um sonho. Nossos corpos estavam praticamente colados e não resisti em descer

minhas mãos para sua bunda. Lia gemeu em minha boca, e soube que se ela pedisse para ser minha ali, nada me pararia.

Porém, contra tudo o que imaginei, senti apenas suas mãos parando em meu peito e ela me empurrou com força. O solavanco não fora forte, porém aceitei o afastamento. Lia me encarou com escárnio e logo apontou um dedo em minha cara.

— Onde pensa que vai com esses joguinhos? — riu com deboche. — Não sou mais a porra da adolescente que aceita tudo, Klaus. Não se esqueça disso!

Ela então tentou passar por mim, e a parei. Não fazia ideia do que ela falava.

— Não faço a menor ideia do que está falando. — confessei e notei seus olhos vacilarem.

— Isso apenas mostra o quanto não foi importante.

Soltou-se rapidamente de meu aperto, e saiu a passos rápidos. Fiquei parado, confuso e perplexo, diante de tudo que ela me dissera. Finalmente fazia sentido a forma com que mudou para comigo no passado.

Apenas uma pergunta passava por minha mente: O que realmente acontecera?



Capítulo 8

“Mesmo que você não queira ouvir, quero que você saiba que sempre será parte de mim. E não importa o que o futuro traga, você sempre será meu amor verdadeiro, e sei que minha vida é melhor por causa disso.”^[14]

Assim que adentrei a casa, certa nostalgia me bateu, e suspirei fundo. Meu pensamento voou para o momento crucial que mudou meu jeito de ser. Não era algo bonito, portanto, sempre evitei lembrar.

Subi as escadas e fui direto para meu antigo quarto. Acendi as luzes e notei que tudo permanecia igual. Fechei a porta e a tranquei, apagando a luz em seguida, e me jogando no colchão macio. Meu corpo agradeceu tal contato, e felizmente, o momento de descanso.

Os dias na empresa estavam corridos, o que demandou ainda mais de mim. Porém, não era aquilo que me causara tal desgaste. Já me acostumei com os problemas burocráticos. Minha mente andava bagunçada por conta do casamento, e ainda mais, por não conseguir pensar em nada além de Lia.

Parecia que aquele feitiço que jogara sobre mim quando ela tinha apenas dezesseis anos, se instalara novamente, tomando posse por completo. Naquele momento, não existiam razões para refreá-lo.

Completamente sem jeito, comecei a retirar o terno e o joguei de lado, assim como os sapatos. Afrouxei a gravata e fiz o mesmo. Abri os botões da camisa social, e fiquei ali, olhando o teto pela fraca iluminação que adentrava a janela. Passei as mãos pelo rosto e tentei me lembrar a respeito do que Lia pontuou.

O que aconteceu no passado?

A simples desconfiança de que ela tenha passado a me afastar devido a algo que sequer lembro me corrói. Precisava entender o que aconteceu. Porém, ela parecia tão reticente quanto ao assunto que aceitei seu espaço. Mas nada me impedia de tentar novamente. O que seria logo.

Apenas ela poderia sanar minhas dúvidas. E quem sabe, me perdoar pelo que tenha feito. Fechei os olhos e coloquei uma música qualquer no celular. De repente, percebi que tocava mais uma das músicas que Diana tanto adorava. Acabei ignorando tal coisa e resolvi focar em meus pensamentos, tentando tirar algo deles. Minha mente parecia vazia, interligada diretamente ao beijo. O passado parecia não ter lugar ali. Mas se era importante para ela, também seria para mim.

Não me perdoaria caso tenha provado seus lábios e não me lembrasse.

Lia

Não saberia dizer como, mas simplesmente cheguei a saída da casa dos Russel. Pedi um uber pelo celular e mandei uma mensagem para minha mãe, para que pedisse desculpas em meu nome a Dominic por ter saído sem me despedir. Klaus deixara claro minutos antes que estávamos encerrando a noite, entretanto, senti-me na obrigação de ao menos me explicar.

Minutos depois, o carro parou em frente à minha casa e saí rapidamente. O motorista até tentara puxar algum assunto, mas os sorrisos fracos em meu rosto e as falas monossilábicas deixaram claro que não estava em um bom momento para conversa. Assim que adentrei a casa, resolvi ir para a parte de trás. O jardim era meu local favorito.

Encarei as luzes espalhadas pelo gramado verde e sorri, ao menos, reconhecendo um local que tanto me fez bem. Andei até onde o meu velho balanço ficava posicionado, e me sentei no mesmo. Disquei o número de minha melhor amiga, coloquei no viva-voz e apoiei o celular no balanço ao lado. Em poucos segundos Patrice atendeu e sua voz não era nada boa. Pelo jeito, ambas estávamos em uma noite complicada.

— *Ei, June!*

Ela realmente não parecia animada, mas como boa amiga, não me deixaria sozinha.

— Pelo jeito tem algo errado com nós duas hoje. — caçoei e ouvi sua risada alta.

— *Apenas Troian pirando minha cabeça...*

— Como sempre. — complementei e ouvi seu bufar. — Você faltou ao jantar de noivado da sua melhor amiga. — acusei-a em tom de brincadeira e ela

gargalhou. — Estou falando sério, Pat!

— *Ok! — ainda era possível ouvir sua risada. — O que Klaus fez dessa vez?*

— Como sabe que é sobre ele? — perguntei de relance.

— *Porque apenas uma pessoa te faz me ligar com a voz tão desesperada. — pareceu ler minha alma. — Você pode negar para qualquer um, mas eu sei bem como se sente em relação ao ele.*

— Que me culpo por me sentir atraída por um covarde? Que odeio não ter conseguido tirá-lo da porra da minha mente? — perguntei com raiva, e segurei as cordas do balanço, abaixando a cabeça. Senti o peso do mundo nas minhas costas, mesmo que aquele problema fosse mínimo diante de tantos outros.

O amor não devia ser um problema.

— *Lia, se formos rebobinar tudo... — suspirou fundo. — Éramos duas deslocadas no meio daquele bando de riquinho. O único que sempre nos deu alguma moral foi Klaus, e não era nada forçado. — ficou em silêncio por alguns segundos. — Só que ele sempre te olhou com interesse claro, mesmo que nunca tenha me ouvido.*

— A questão não é essa. — resolvi intervir.

— *Qual é? — sua voz soou preocupada.*

— Klaus disse que meu gosto é único. — fiz aspas no ar, como se ela estivesse a minha frente. *Deus!* Parecia uma louca sentada no balanço da adolescência, falando com a melhor amiga no viva-voz. — Que ele nunca esqueceria e *blá blá blá*.

— *Por que diabos ele disse isso?*

— A gente se beijou. — comecei, sem muita vontade. O problema era que me lembrava perfeitamente de seu gosto, de seu toque... Como se estivesse o sentindo novamente. — Resumindo: Klaus ia quebrar a cara de Mike porque ele estava agindo feito um babaca novamente, porém, vendo o descontrole dele, o puxei para um beijo... Depois disso, e as coisas se acalmarem, Klaus pediu para falar comigo. Pensei que era para se desculpar, então debochei pelo fato de que não era nosso primeiro beijo. Não existia razão para se desculpar.

— *Mas ele não queria se desculpar, certo? — Patrice perguntou praticamente gritando e respondi um simples “sim”. — Porra! O que ele falou?*

— Que eu estava me confundindo, porque ele nunca se esqueceria de um beijo meu e enfim. — suspirei fundo, lembrando-me de seu olhar lascivo. Ele me desejava, e infelizmente, era recíproco. — Dessa vez ele quem me beijou e esqueci completamente porque o afastei no passado. Mas minha razão bateu e...

— *Fugiu dele. — não era uma pergunta. — June, você tem que aprender a ouvir as pessoas. Ter medo do que Klaus realmente sente sobre você, apenas o*

afastou. Nunca mais o vi, mas duvido muito que aquele olhar babão na cara dele toda vez que te olhava tenha passado.

— Escolhi minha sanidade mental, Pat. — sentia-me ainda mais confusa. Patrice nunca concordou com o fato de me afastar de Klaus, ela sempre sentira que existia algo a mais. E de fato, existia.

— Tem algo que você não me contou. — ela era esperta, até demais. — Klaus foi um babaca no primeiro beijo, ok! A Lia que conheço superou isso, e ainda se pergunta se ele não estava drogado ou bêbado.

Aquela era uma grande verdade. Não entendia muito a respeito de bebidas, a primeira vez que coloquei algo alcoólico na boca foram semanas após aquele beijo. Não teria como identificar algo em seu hálito. Se ele estivesse bêbado não saberia dizer, muito menos drogado. A questão não era apenas aquela.

— Ele é um covarde, Pat. — aquela era uma palavra que odiei empregar para com ele, mas era a mais pura verdade. — Ele simplesmente acata tudo e não luta pelo que quer.

Fechei os olhos por alguns segundos e senti minha mente vagar para anos atrás. Por mais que tenha me surpreendido no dia de hoje, Klaus não passava de uma sombra do irmão mais velho. Aquilo me deixava com ainda mais raiva de mim mesma. Por que diabos ainda insista em querer um homem como ele?

— Por que não tem uma conversa franca com ele, June? — a voz de Patrice me chamou para a realidade. — Por que não conta a respeito de como se sentiu no passado, e enfim, deixe que isso morra. Viver de passado não é algo saudável. E digo mais, vocês vão se casar. Quer mesmo fingir todos os dias que não deseja seu próprio homem, e pior, não se permitir amar o cara pelo qual se apaixonou há tanto tempo?

— Eu não o amo, Pat. — corrija-a rapidamente.

Em meu coração, era a verdade. Mesmo que Klaus despertasse todo meu corpo, fizesse-me repassar o passado, e ainda fosse o único a me desestabilizar. Não era amor. Não podia ser.

— Não sou nenhuma especialista em amor, sabe bem disso. Mas você o evitou por muito tempo, e isso trouxe consequências. — seu suspiro soou alto e me senti culpada por levá-la para aquilo comigo. — É como ver Paul com Diana, isso quebra meu coração. Mesmo aquele imbecil nunca me notando, pensei que um dia sossegaria e que seria comigo. Deus, eu moro em outro país e ainda sonhava com ele. — ouvi sua risada alta. — Acredite, eu sou especialista em ilusões! Você e Klaus não são uma!

— Desculpe por isso, Pat. — comecei, sentindo-me completamente culpada. — Fiquei tão eufórica com Paul estando com alguém e agora, vivo trazendo o irmão dele para o tópico de nossas conversas.

— Ah, por favor! — pude imaginá-la revirando os olhos. — Você já viveu muito tempo se culpando porque casaria com o homem que eu gosto. Não tem o poder de fazer Paul me olhar, e muito menos, de parar de olhar para Klaus como sempre o fez. Vai à luta, mulher!

— Agora tudo parece muito fácil. — confessei, e encarei os céus, buscando alguma resposta.

No passado, tudo era mais complicado, porém, lutei por nós. Da minha maneira, tentei fazer com que Klaus me visse. Era um plano perfeitamente arquitetado. Sequer tinha noção sobre a cláusula no contrato, apenas lutaria para que pudéssemos ficar juntos. Entretanto, ele não estava disposto aquilo.

— Ao meu ver, tudo é muito simples. A maioria das coisas na vida são, a verdade é essa! — fechei os olhos, e resolvi acreditar nas palavras de Pat. — As pessoas tornam tudo complicado. O caso é o seguinte: você vai abrir essa boca e conversar com Klaus, colocar tudo em pratos limpos, e aí sim, decidir o que fazer. Qual é?! Lia Harper come homens como Klaus no café da manhã. — gargalhei de sua fala. — Vá e acabe com isso, June!

— Obrigada, Pat. — sorri, sentindo ainda mais a sua falta. — Você é a melhor!

— Eu sei.

— E mais modesta. — complementei e ela gargalhou.

— Vá descansar e não se esqueça de marcar algo com Klaus!

— Ok! — respondi rapidamente, diante de seu tom imperativo. — Te amo, Pat.

— Te amo, June. — sua voz soou mais branda. — Agora vou voltar minha atenção para Troian, que deve estar botando um ovo por fazê-lo esperar.

Gargalhei alto de sua analogia. Lembrando-me que Patrice era brasileira, e mantinha vários trejeitos e modos de falar de sua terra natal. Seu nome real era Patrícia, mas depois de me ouvir falando de forma tão esquisita, ela resolveu encurtar. Pat sendo Pat.

— Beijos.

A ligação foi desfeita e por alguns minutos, apenas encarei o nada. A realidade era que o sentimento por Klaus sempre me assustou, por sobreviver depois de tanto tempo. Não era amor. Ao menos, não era pra ser. Mas parecia querer. Suspirei fundo, e peguei o celular.

Selecionei seu contato e digitei rapidamente, sem pensar antes de enviar. Que os deuses da ortografia me perdoassem caso algo saísse errado. Duas confirmações, e ele recebera a mensagem. Como uma adolescente, só que com quase vinte e seis anos, encarei o celular por alguns minutos, aguardando sua resposta. Ela não veio, e resolvi que precisava parar de pirar. Em algum

momento ele responderia, e assim, o que ficou pendente, seria resolvido.



Capítulo 9

“Não quero que fique comigo por obrigação e também não quero ser uma. Não quero que fique ao meu lado só porque tem alguma coisa que te prende a mim. Não quero que fique porque não encontrou ninguém melhor. Não quero que fique porque eu te pedi pra ficar. Eu quero que fique, porque você se sente bem ao meu lado. Quero que você fique pra não ter que sentir saudades. Eu quero que você fique, só se você quiser ficar.”^[15]

Senti algo vibrar e abri os olhos, só assim percebi que cochilei. Pisquei um pouco perdido diante da escuridão e encontrei meu celular caído ao lado, com a tela acesa. Rapidamente desbloqueei e vi uma mensagem. Engoli em seco no mesmo instante, diante da frase direta, que me surpreendera por completo.



Remetente: Desconhecido.

Ei, é a Lia. Precisamos conversar.

Encarei a mensagem por alguns segundos e notei que completavam cerca de dez minutos que ela enviara. Olhei para as horas e passavam das onze da noite. Respirei fundo e comecei a digitar uma resposta plausível. Digitei e apaguei tantas vezes, que logo se passaram quinze minutos e nada de mensagem respondida. Bufei, sentando-me na cama e encarei o celular por alguns segundos.

Numa coragem que nem sabia que tinha, toquei em seu número e o adicionei, discando em seguida. Um toque e meu coração começou a bater freneticamente. Passei as mãos por meus cabelos, completamente nervoso. *Deus!* Lia Harper não fazia ideia do quanto me dominava. Mais um toque e respirei fundo, tentando encontrar as palavras certas para dizer. De fato, talvez ela sequer atendesse.

Um som ao fundo, fez meu coração falhar uma batida e preendi uma respiração.

— *Klaus?*

— Oi, Lia. Sou eu.

Repreendi-me mentalmente no mesmo instante. Claro que era eu. *Quem mais seria?* Ela quem me mandou a mensagem, ou seja, tinha meu número. Era apenas um idiota de vinte e oito anos, agindo feito adolescente.

— Bom... — limpei a garganta rapidamente. — Liguei para falar sobre sua mensagem.

Acabei de piorar toda aquela situação.

— *Ah sim. — ouvi seu suspirar profundo. — Podemos nos encontrar amanhã?*

Não pode ser hoje? Agora? – segurei-me para não parecer afoito, e tentei não assustá-la.

— Claro. — respondi, tentando disfarçar meu tom de decepção. — É algo sério, Lia?

— *Depende. — ouvi alguns barulhos ao fundo, e tentei imaginar o que ela estaria fazendo. — É uma conversa que demorou tempo demais.*

— Eu não sei o que dizer.

Realmente, eu não sabia.

— *Tudo bem. Amanhã podemos deixar tudo em pratos limpos.*

Senti o tom de sua voz mudar, e a desconfiança de que algo acontecera no passado tornara-se certeza.

— Por que não hoje? — arrisquei, com medo de estar pedindo demais.

Ela claramente sabia mais sobre nós, antes mesmo de considerar “nós” como algo. Talvez, o passado me ajudasse a entender o que aconteceu conosco. Mesmo que a distância clara, tivesse um motivo óbvio. Ela era prometida a meu irmão.

— Preciso ser sincero. — comecei, sabendo que ela merecia aquilo. — Nunca imaginei, mas hoje parece claro que algo aconteceu no passado. Nós éramos próximos, Lia. De repente... Enfim, não vou conseguir dormir se não te ver hoje e conversar.

— *Admiro sua honestidade. — suas palavras me surpreenderam. — No seu apartamento? Não quero enfrentar ambientes públicos hoje.*

— Claro. — respondi rapidamente, sem conseguir esconder minha felicidade. — Está em casa?

— *Sim.*

— Eu...

— *Vou dirigindo, não se preocupe. — ela parecia querer manter o controle da situação. E mesmo querendo muito tê-la em meu carro mais uma vez, acatei seu pedido sem insistir. — Me passa o endereço por mensagem?*

— Claro... E Lia?

— *Sim?*

Suspirei fundo, tentando controlar meus sentimentos. Nunca estive tão à beira de confessar tudo como naquele instante. Precisava me controlar.

— Desde agora, mesmo não sabendo o que aconteceu... Eu sinto muito.

— *Vamos apenas conversar, Klaus. — fez-se um silêncio sepulcral, e até imaginei que tivesse desligado. — Até já!*

— Até!

Ela desfez a ligação e fiquei apenas encarando o celular, como um verdadeiro imbecil. Foram necessários alguns segundos para que minha ficha caísse. Levantei-me rapidamente e peguei meu terno e sapatos, assim como a gravata. Desci as escadas da casa de meu pai, sem sequer pensar duas vezes. Assustei-me ao chegar à sala, e encontrar Diana e Paul se beijando. Ainda era estranho vê-los daquela forma. Porém, seria grato eternamente pelo que sentiam.

Deixei com que o destino tomasse as rédeas de tudo, e este, poderia ser cruel. Onde veria a mulher que tanto quis, sendo a esposa de meu irmão. Não deixaria na mão de mais ninguém o meu destino. Pois naquele momento tive certeza. Meu destino era ela.

Minutos depois, já estava dentro de meu apartamento. Olhei ao redor, tentando ver se tudo estava arrumado. Ao menos, a visão de um apartamento jovem ela não teria, o problema, era quando me encarasse, e visse, a completa bagunça que me tornara por sua causa. Era como se todos os sentimentos resguardados por tantos, finalmente estivessem à flor da pele.

Deixei o terno de lado e permaneci apenas com a camisa branca. Retirei os sapatos e meias, deixando-os em um canto. Ao menos, pareceria à vontade em meu próprio apartamento, o que não era uma realidade. Aquela noite era o mais perto que cheguei de poder ter Lia ao meu redor sem pensar em mais nada. A realidade era aquela, nada me importava, nada além de sua presença ali. Mesmo que as informações que trouxesse fossem capazes de me atingir.

Deixara Lia liberada na portaria assim que cheguei. Assim, a campainha soou e suspirei fundo, tentando me controlar. *Você tem vinte e oito anos, porra!* — gritei internamente, encarando-me rapidamente no espelho ao lado da porta.

Sem sequer encarar o olho mágico, abri a porta. De repente, aquele espaço pareceu pequeno demais, porém, nunca me pareceu tão certo.

— Boa noite, Lia.

— Oi, Klaus.

Dei-lhe espaço para entrar, e a postura bem decidida dela, deixou-me completamente no chão. Lia parecia dominar tudo ao seu redor, o que me incluía. Assim que fechei a porta, e voltei meu olhar para ela, parada no meio de minha sala, analisando o ambiente, senti que mais nada faltara. Eu, ela, finalmente, a sós. Os anos poderiam ter passado, mas jamais me esqueceria da forma como caí perdidamente por aquela mulher.

Lia

A subida de elevador tornara-se sufocante. Não me surpreendendo, Klaus morava na cobertura do prédio. Pedir seu endereço foi mais como um disfarce para não lhe revelar a verdade. Tinha seu número há tempos, assim como seu endereço. Era parte de um plano juvenil idiota, e que agora, poderia ser despejado no colo dele. Suspirei fundo, sem querer pensar muito a respeito do caminho que nossa conversa tomaria. Entretanto, precisava deixar claro o passado, para ao menos, conseguir ou tentar controlar o nosso presente.

Não bastaria simplesmente fingir que Klaus não existia, já que teríamos que agir feito um casal por dois anos inteiros. A presença dele era atormentadora, e em algum momento, estouraria a respeito de tudo. Ainda mais, por finalmente acreditar na forma como ele me encarava. Merecia mais que a parte de um homem. Assim como ele merecia mais que a casca de uma mulher. Porém, como aquele casamento se tornou uma condenação, nada amais justo, do que tentar aliviar tal pena.

Eu estava a ponto de pirar!

O elevador parou e assim que as portas se abriram, me encaminhei para a única porta do andar. Não queria me lembrar do fato de quando mais jovem, ter sonhado em estar naquele mesmo ambiente que ele. Que espécie de boba apaixonada pensa assim? A resposta era óbvia – eu.

Toquei a campainha e passei a pesar em minha mente todos os prós e contras daquela noite. Agir por impulso não era algo recomendado por ninguém, mas acabara se tornando um hábito. Nem um minuto se passou, e a porta se abriu. Meus olhos recaíram diretamente no homem a minha frente, e mordi a língua para não deixar nenhum comentário desnecessário sair.

A beleza de Klaus me assustava.

Encarei-o rapidamente e tentei não enlouquecer diante daquele homem

descalço, com a camisa social praticamente aberta, e ainda usando uma calça na cor preta. Ele parecia tão certo de si, com um sorriso no canto da boca, que me fez simplesmente odiar o fato de ter vindo como estava para seu apartamento. Não que me arrumaria para tal ocasião, mas diante do seu olhar, senti-me completamente despreparada para o que viesse. Estar usando uma calça de moletom branca e um top preto de academia, com uma simples jaqueta amarrada na cintura, não ajudava muito. Era a minha roupa de vagar a noite diante da tela de um computador, porém, sua ligação mudara o destino das coisas.

— Boa noite, Lia.

— Oi, Klaus.

Até minha forma de cumprimentá-lo soou idiota. Balancei a cabeça, tentando me reencontrar, enquanto ele abriu espaço para adentrar o ambiente. Olhei ao redor, sem conseguir me focar em nada. Perguntei-me internamente se aquela era uma ideia sensata. A minutos atrás, fez algum sentido. Ali, diante dele, após fechar a porta, e estarmos apenas nós no mesmo ambiente, não poderia afirmar o mesmo.

— Quer tomar algo? — ofereceu, e não pude negar.

— O que tiver de mais forte, por favor.

Klaus não fez mais perguntas, e o vi se dirigir até um minibar, localizado ao lado de um dos sofás. Não me importei a respeito da decoração, realmente, não aguçou minha curiosidade. Tudo se resumia em começar tal assunto sobre o passado, mas não sabia ao certo quais as palavras usar.

Ele colocou dois copos sobre o bar, e o vi servir duas doses de uísque. Assim que terminou de colocar as pedrinhas de gelo, ele se virou, e finalmente, parei de babar feito uma besta a sua frente. Nossos dedos se encostaram no momento em que me ofereceu o copo, e era fato de que qualquer conversa parecia menos importante do que aquele momento.

Nossos corpos pareciam implorar. Ao menos o meu parecia completamente entregue, que se Klaus me beijasse, entregar-me-ia ali mesmo.

O quão errado seria?

Simplesmente deixar tudo de lado e ir para cama com ele não me parecia uma má ideia. Tirando o fato de que no momento após, poderia me sentir uma completa imbecil. As vezes na vida, sentir-se imbecil valia a pena.

— Obrigada.

Tomei um generoso gole e permaneci com meus olhos nos seus. Klaus parecia absorto no momento.

— Quer se sentar?

Assenti, e segui para uma das poltronas, sentando-me. Tentei ficar confortável, porém, o olhar dele me queimava. Era como se todo o discurso que

guardei por anos caísse por terra. E pior, sequer me lembrasse. As coisas mudaram, admiti a mim mesma.

— Uma festa, na casa de Mike... — comecei, e cruzei minhas pernas, deixando o copo em cima de uma, enquanto passava a ponta dos dedos sobre a borda. — Você me beijou, sem se importar se alguém estivesse olhando. Aquilo significou o mundo para mim, Klaus. — confessei, e tentei me manter no controle das emoções. — Mas durou apenas alguns segundos, já que Mike me humilhou quando nos viu, como sempre fazia... E você saiu, sem dizer nada.

— Lia...

— Olha... — o encarei, notando o horror claro em seus olhos. — Eu tinha dezoito anos, e esperava por aquele beijo desde os quinze. — o vi abrir a boca surpreso e me encarar completamente perdido. — Hoje eu sei que não precisava que me defendesse dele, eu poderia fazer isso. Mas naquela época, era apenas a jovem garota perseguida por um bando de babacas. Eu tinha medo deles... Bom, até aquela noite.

— Eu não me lembro. — Klaus se pronunciou, e o encarei, buscando a verdade. — Eu realmente não sei dizer o que houve. — passou as mãos pelos cabelos, claramente se sentindo culpado. — Se eu soubesse desse beijo, eu...

— Não teria mudado nada, Klaus. — cortei-o, e notei seu olhar mudar. — A partir daquela noite, resolvi que ia mudar. Todos temos nossos demônios. Pelo pouco que vi e que sei sobre você, o descontrole pode ser um deles. — ele assentiu um pouco sem graça e resolvi continuar. — O meu era a balança e por muito tempo permaneceu. Cheguei ao fundo do poço, mas estava decidida a ser quem realmente era. E, portanto, lutaria pelo cara que era apaixonada.

O silêncio recaiu entre nós, e engoli em seco. Os olhos azuis de Klaus pareciam me absorver.

— Eu? — perguntou, claramente incrédulo.

Dei de ombros e sorri.

— Você foi o único cara que tentou ser meu amigo e que me dava atenção. — tentei explicar tal sentimento, porém, algo dentro de mim sempre acusou que era algo mais. — Enfim, eu sabia sobre Paul e o quanto me envolver com você daria problemas... Mas ia lutar. Porque na minha ingênua cabeça, nós conversaríamos sobre aquele beijo e você admitiria que era apaixonado por mim. Namoro, casamento e todo o *blá blá blá*. Eu era muito louca, eu sei. — sorri de mim mesma, e Klaus parecia embasbacado. — Assim, cerca de uma semana depois daquele episódio, encontrei você e Paul numa festa, acho que era da Kaitlin, não me lembro ao certo. Bom, era o dia perfeito para pôr em prática meus planos de sedução. — peguei o copo e tomei o resto da dose, aquilo era completamente vergonhoso. — Eu te vi, discutindo com Paul a respeito das

coisas... Onde você deixava claro que gostava de mim, mas que nunca iria contra algo pré-determinado. Você me deixou livre para seu irmão naquela noite, como se não fosse nada.

— Lia, eu não...

— Eu ouvi tudo, Klaus. — suspirei fundo. — Aquelas palavras, o beijo, enfim, a amizade que tivemos... Nada disso me incomodava mais, até o momento em que apareceu em minha casa e me falou a respeito do casamento. Nosso casamento. — tracei com o dedo uma linha imaginária entre nós dois.

Levantei-me e deixei o copo sobre a mesinha de centro. Passei as mãos por meus cabelos e os deixei num coque, no alto da cabeça. Klaus apenas me analisava, como se ponderasse tudo que dissera.

— Não sou conhecida por mentir, Klaus. Os anos negligenciando a mim mesma, e todas as maldades alheias que sofri, me tornaram quem sou. E por isso, não quero embarcar nesse casamento, sem antes deixar tudo muito claro. — suspirei fundo e sorri para ele.

Deus! Eu sequer conseguia odiá-lo. Meses atrás, quando o vi na sala de estar de minha casa, tudo o que podia pensar, era que poderia esganá-lo. Porém, olhando-o tão perdido, senti-me ainda mais ligada a ele. *O que diabos estava acontecendo?*

— Você quebrou meu coração um dia, e por isso reagi desta forma diante de nosso beijo. — bufei diante de minhas loucuras. — Por isso, queria deixar claro, antes que continuemos a atuar e... Bom, o casamento. Eu sou forte, Klaus. Mas ainda assim sou humana. Poderia mentir e dizer que não senti nada com o beijo. Porém, me recordou o quanto te odiei naquela época e porque me afastei.

— Você me acha um covarde. — pontuou e apenas continuei o encarando. Era a verdade. — Não posso simplesmente fingir que não sou.

— As coisas mudaram agora, o caminho está livre, eu sei... Os boatos que espalharam sobre mim não são muito amigáveis, mas não quero jogar baixo com você. Em respeito a Lia do passado que era encantada por você, e pela mulher que sou hoje, e também, por quem você é, achei necessário lhe dizer tudo isso. — soltei de uma vez, e Klaus se levantou, ficando apenas a mesinha de centro entre nós.

Mesmo descalço, minha cabeça ainda batia em seu ombro. Senti-me acuada não diante de sua posição, mas sim, de como despejei tudo o que me atormentou um dia. Nunca imaginei que aquela conversa de fato existiria. Porém, era necessário. Para continuar e seguir em frente. Assim como Mike se tornou apenas um babaca quando quebrei a cara dele pela primeira vez. Encarar Klaus e lhe contar sobre o quanto aquilo me doeu no passado, era como deixar lá aquela Lia perdida, mesmo que ainda fizesse parte de mim.

— Nunca me senti tão culpado quanto agora, Lia.

Sua voz me acertou em cheio, e notei os olhos cobertos por raiva.

— Nunca pensei que gostaria de quebrar minha própria cara. — sorriu sem vontade. — Não da forma como quero nesse instante.

— Acho que precisa absorver tudo isso, antes de realmente pensar a respeito. — sorri para ele, e preendi a jaqueta que já se soltava de minha cintura. — Eu preciso ir, mas...

— Fica!

Uma palavra e pisquei completamente perdida. A surpresa óbvia em meu semblante. Apenas uma mesinha nos separava e Klaus logo a contornou, parando a minha frente.

— Fica e eu vou te mostrar que vale a pena me dar essa chance.

— Do que está falando, Klaus? — minha voz quase não saiu.

— Eu te amo, Lia.

Minha cabeça girou, meu coração afundou e minha visão nublou. *O que?*

— Eu me encantei contigo quando você tinha dezesseis anos, e passei todos os dias morrendo um pouco por não poder te ter como *realmente* queria. — uma de suas mãos encontrou a minha, e ele a tocou com carinho. — Não me lembro do nosso primeiro beijo, não faço ideia em que estado me encontrava... Algo aconteceu naquela noite para que simplesmente me esquecesse. — suspirou, encarando-me profundamente. — Porque depois de provar seu gosto hoje, o qual ainda tenho vivo em meus lábios, eu não desejo mais nada.

— Klaus, você não sabe do que está falando. — minha voz falhou, diante dos olhos azuis transparecendo sentimentos.

— Eu sei. — suas mãos subiram para meu rosto, num gesto tão delicado e ao mesmo tempo certo, que me assustei com tamanha intensidade. — Sei que passei praticamente uma década da minha vida, perdido por uma única mulher. Buscando em outras a conexão que sempre senti apenas com você. Apenas por te olhar.

— Eu realmente preciso ir. — soltei de uma vez, buscando por minha sensatez. Mal conseguia respirar.

Afastei-me de seu toque e passei a mão pelo pescoço. Não parecia em minha total razão, pois meu corpo gritava pelo dele, e suas palavras, transformavam-me no que ele quisesse. Não sabia o que fazer. Nem mesmo o objetivo daquela conversa.

Klaus me amava?

— Eu sei que tudo parece confuso e... Não sou bom com palavras, Lia.

Estava de costas para ele, com meu olhar preso a porta. Tinha duas opções claras, e não sabia por onde seguir.

— Fica e vamos simplesmente conversar sobre tudo. — sua voz me atingiu em cheio, e senti seu corpo mais próximo do meu. — Preciso que conheça o meu lado da história, e que saia desse apartamento com uma certeza.

— Qual? — perguntei, sabendo que sua resposta seria a responsável por minha escolha.

— Que eu te amo e que terá o direito de escolher.

Virei-me para ele no mesmo instante, e tentei compreender suas palavras.

— Quero uma chance, Lia. — sorriu brevemente. — Uma chance para lhe provar meu amor e para que possa lutar pelo seu.

— E se não lhe der?

Ele passou as mãos pelos cabelos, e me encarou com pesar.

— Está livre. — encarei-o sem entender. — Se não quiser me dar essa chance e não tiver o seu amor no futuro, está livre do casamento. Mas isso não significa que não lutarei por você.

Suas palavras me atingiram em cheio.

— Fui covarde uma vez, não mais. — falou decidido e tentei encontrar as palavras certas para lhe dizer o quanto aquilo era uma loucura. — Vou lutar por você e mostrar que vale a pena me ter como seu homem.

— E o contrato?

— Nenhum dever será maior que meu amor por você. Não mais.



Capítulo 10

“As vezes a gente ouve tantas vozes em nossas cabeças. Algumas nos dizem pra desistir, enquanto outras nos faz acreditar que ainda vale a pena insistir. O problema é que a gente quase nunca sabe qual voz seguir.”¹⁶

— Acho que preciso de um cigarro. — falei, sentindo-me um pouco sufocada e me virei para ele.

Klaus não disfarçou um bonito sorriso no rosto. Só então, notei a camisa um pouco mais entreaberta e uma grande tatuagem cobria o lado esquerdo de seu tórax. O que tanto mais aquele homem escondia?

Ele andou até o bar, e abriu uma gaveta, tirando de lá um maço de cigarros. Não pude disfarçar minha surpresa. Klaus realmente não era nada do que aparentava. Ao menos, não tudo.

— Nicotina me ajuda em momentos de muito estresse. — comentou, percebendo meu olhar interrogativo. Ele então pegou um isqueiro, e fez sinal com a cabeça, para que o acompanhasse.

Um pouco receosa, e com todas as dúvidas do mundo sobre minha mente, o segui. Ele ia acendendo as luzes, e logo identifiquei que estávamos em um quarto. Não precisei perguntar, pois os tons em negro espalhados pelas paredes, e uma cama com os lençóis na cor cinza, me confirmaram: era o quarto *dele*.

Quantas vezes no passado sonhara com aquilo?

Quantas vezes o imaginei se declarando para mim?

O que realmente aconteceu em nossas vidas para tantos desencontros?

Ele então destrancou uma grande porta de vidro, e a correu para o lado. O ar da noite tocou minha pele, e me senti um pouco melhor pela sua ideia. Klaus me encarou nesse exato instante, e estendeu a mão. Mesmo sem entender direito, lhe dei a minha, e senti aquele mesmo arrepio percorrer todo meu corpo. Sempre com ele. Apenas com ele. *Por que?*

Aquela noite parecia me entregar mais dúvidas do que respostas.

Klaus me auxiliou ao subir no pequeno deck, e levantei meu olhar para o quão belo era o horizonte daquele lugar. As luzes da cidade se misturando com as estrelas. Klaus morava em um lugar admirável, privilegiado por uma vista de perder o fôlego. Senti um leve aperto na mão, e o encarei. Ele sorria, feito um menino, mas não no mal sentido. Klaus parecia feliz.

De alguma forma, algo em mim parecia daquela mesma maneira.

Olhei ao redor do amplo espaço e vi uma piscina, que pareceu completamente convidativa, porém, não era o momento para aquilo. Ao redor de todo piso de madeira, encontrei cadeiras, dois sofás e alguns poofs espalhados. Além de mesas e uma pequena área coberta. Seria o lugar ideal para uma festa.

— Como nunca fez uma festa aqui? — perguntei, completamente curiosa. — Ou melhor, você fez e não me convidou? — brinquei e Klaus explodiu numa gargalhada.

O som de sua risada, fez-me disfarçar um suspiro. Soltei-me de sua mão e tirei meus tênis e as meias; sem resistir, passei os pés levemente pela água, que estava numa temperatura perfeita. De relance, vi que Klaus me analisava. Se ele tivesse uma mínima ideia do que se passava em minha mente, com toda certeza, não teríamos uma simples conversa.

— Aqui.

Entregou-me o maço de cigarro e o isqueiro. Agradei e tirei meus pés da piscina, andando até o sofá mais próximo, acomodando-me. Era estranho me sentir tão à vontade naquele lugar, e ainda mais, na sua presença.

Acendi o cigarro e traguei longamente. Precisava de algo que me distraísse da beleza de Klaus e mais, de suas palavras bonitas. Mesmo sabendo que elas despertaram meu coração, o receio era um aspecto constante em minha vida. Não tinha ideia de onde estava pisando com ele. Valorizava o fato de ter certeza nas coisas.

— Andei pensando a respeito do nosso beijo, no passado... — ele suspirou fundo. — Não consigo me lembrar de nada daquela noite, mas me lembro bem que fiquei apagado por quase um dia após aquela festa.

Franzi o cenho, sem ter muita certeza de onde ele queria chegar.

— Uma vez Paul me falou sobre as drogas que rolavam nas festas de Mike, mas que eram apenas alguns boatos. — arregalei os olhos, pois aquela informação era completamente nova.

— Pelo pouco que sei, as pessoas se drogavam durante a festa, mas tinham consciência do que faziam. — comentei.

— O problema é que Paul passou pelo mesmo que eu. Ficou apagado durante quase um dia pós uma festa de Mike. Isso nos intrigou na época, e pensamos o óbvio: droga nos drinks.

— Puta merda! — soltei, sem conseguir me conter.

— Isso me faz acreditar que mesmo sem saber, fomos drogados em algum momento. — deu de ombros. — Me sinto um merda por não ter sido mais cauteloso e...

— Ei. — deixei o cigarro de lado, numa mesinha, e levei a mão até o braço dele. Klaus estava sentado ao meu lado, porém, numa distância claramente segura. Com o braço direito depositado na parte de trás do assento. — Não tem culpa sobre isso.

— Mas tenho por não me lembrar de nós. — fechou os olhos, e pude notar, o quanto aquilo o atormentou. — Sobre a discussão com Paul... — os lindos olhos azuis se encontraram com os meus. — Sei bem o que disse, Lia. E me sinto um verdadeiro covarde por te deixar para ele. Sempre fui acostumado a acatar ordens, é algo que faço para me manter no controle.

— Como assim?

Por algum motivo, nem mesmo a discussão com Paul me atormentava. Era uma parte do passado, a qual assisti e ouvi tudo. Porém, o descontrole de Klaus era algo completamente novo.

— Quando mais jovem, cerca de doze anos de idade, eu era muito ativo. Adorava estar em todas as brincadeiras, e tinha vários amigos na escola. Mas sempre existiu uma comparação entre Paul e eu, o que acarretou para ele, uma certa perseguição na época. Um dia, um dos garotos que se dizia meu amigo, encurralou meu irmão, e bateu nele. Só soube disso porque Paul tinha um olho roxo, pois meu irmão nunca me contaria, pela vergonha. Eu lembro que foi minha primeira crise, e sem pensar duas vezes, bati no outro garoto. Mas não foi uma simples briga. Ele estava no chão, caído, sangrando e... Eu não conseguia parar. Não queria. — ele respirou fundo, claramente atormentado. — Depois desse episódio, meu pai me mostrou as artes marciais, sugestão da minha terapeuta na época, para canalizar a raiva. As pessoas passaram a ter medo de mim depois daquilo e me fechei para todas elas. Mas, na faculdade, muitas coisas se sucederam. Defendi uma garota de um cara e... Bom, as coisas ficaram horríveis. Assim como quando ultrapassaram limites com Diana. Existe algo em mim a respeito de proteção com as outras pessoas, que não sei explicar. Os vários terapeutas que passei, apenas deram laudos completamente diferentes, o que não ajudou muito. O último episódio que tive foi aos vinte e dois, mas hoje... Quando vi Mike rindo daquelas merdas sobre você, algo em mim se partiu.

— Seu controle? — indaguei e ele assentiu.

— Sei que é um exagero sem tamanho, e possa estar com medo. — confessou, e seus olhos pareciam perdidos. — Mas eu sou assim, Lia. Tenho trabalhado esse meu lado a vida toda, e nunca machuquei alguém que amava. —

suas palavras saíram um pouco desesperadas. — Nunca te machucaria.

Assim, entendi por completo seu tormento. Klaus estava claramente apavorado por meu causar medo. Porém, não era algo que sentia em relação a ele. Toda aquela situação de fato me assustou, porque não o reconhecera. Mas ao saber de seu passado, eu conseguia entender. Ao menos, em partes.

— Eu sei. — minha voz saiu num leve sussurro. — O que realmente me apavorou foi sua declaração.

Klaus piscou algumas vezes e balançou a cabeça sorrindo.

— Guardei isso por tempo demais, Lia. — passou a mão pela barba perfeitamente desenhada. — Um tempo o qual poderia ter tentado te conquistar.

— O que passou... — respirei fundo, deixando aquilo para trás. — passou, Klaus. — concluí.

Algo que entendia perfeitamente eram suas resistência e culpa. Senti-me assim por tanto tempo comigo, que era como ver uma versão nova a frente.

— E o agora? — perguntou, encarando-me com interesse. — Não quero que pense no casamento, no que deve fazer ou não... Apenas seja sincera comigo.

— Sobre?

— Existe a remota chance de me deixar te conhecer, e assim, me conhecer?

Como ele podia usar palavras rebuscadas e lindas em uma mesma frase? Klaus tinha algo jovial sobre ele, algo que não conseguia explicar.

— Uma chance, certo? — perguntei, e ele assentiu.

Pensei em todo caminho que nos levara até ali. Encarei-o, vendo aqueles olhos azuis vivos, diante da imensidão de sentimentos que ele emanava. Sempre existiu algo sobre ele que me encantava. Algo que me fazia suspirar. E *ainda* existia. Por isso sua presença me atormentava tanto, e seu toque, me desestabilizava.

Sem querer pensar em mais nada, inclinei meu corpo sobre o seu. O olhar dele nublou e palavras se tornaram desnecessárias. Assim que me encaixei sobre seu corpo, ele abriu a boca para dizer algo, porém, toquei seus lábios com os dedos. Não era preciso, ele entenderia. Assim, desci meus lábios para os seus. Mais uma vez, o mundo parou e nada ao redor importava.

Éramos nós.

Klaus acabara de ter sua resposta.



Capítulo 11

“É a possibilidade que me faz continuar, não a certeza, uma espécie de aposta da minha parte. E embora você possa me chamar de sonhador, de tolo ou de qualquer outra coisa, acredito que tudo é possível.”^[17]

— *Eu não acredito nisso. — Diana praticamente gritou do outro lado da linha e tive que rir. Porém, em um tom mais baixo.*

— *Sim, nós enchemos a cara e nos beijamos por toda noite. — confessei, com meu coração mais leve. Finalmente livre para amar quem queria.*

— *Daria tudo para ver sua carinha de feliz. — suspirou. — Mas enfim, liguei para te perguntar se os planos daquela viagem para o Brasil ainda estão de pé.*

— *Viagem? — perguntei, sentindo-me perdido.*

— *Não precisa se preocupar com isso. — tentou me acalmar. — Lembra daquelas férias que tanto te obriguei a aceitar? Pois então, faltam três semanas.*

— *Merda! — reclamei, já que sequer me lembrei daquilo. — Não tem como...*

— *Iríamos nós dois, certo? Porque não trocar o meu lugar dessa vez? — perguntou, com toda certeza já tendo uma ideia em mente. — Lia comentou comigo que o novo livro tem como protagonista uma brasileira, já que a melhor amiga dela é. Acho que ir para o Brasil, seria como mergulhar de cabeça, não acha?*

— *Eu...*

Perdi minha fala, no instante em que Lia surgiu em meu campo de visão. Ela usava apenas uma camisa minha como pijama, e os cabelos ondulados formando uma grande bagunça num coque alto. Encarou-me com um sorriso preguiçoso, e por Deus, teve-me de joelhos.

— *Klaus?*

A voz de Dia me fez acordar e limpei a garganta.

— *Podemos falar disso depois?*

Lia deu alguns passos e parou a minha frente. Sua mão tocou meu peito, e só então me toquei de fato da diferença de nossas alturas. Ela traçou a tatuagem em meu peito, e sem ao menos esperar a despedida de Diana, desfiz a ligação.

— Bom dia. — falou, e ficou na ponta dos pés.

Sorri para ela, e não resisti aquele beijo. Acreditei que era algo inocente, mas assim que nossos corpos se chocaram, notei que estávamos à beira de explodir. As pequenas mãos de Lia seguraram meus cabelos e as minhas desceram para sua bunda. Sentíamos livres, como velhos amantes. Porém nada acontecera. Ao menos, ainda não.

Afastei-me sem muita vontade e toquei seu rosto.

— Dormiu bem? — perguntei e ela assentiu.

— Foi uma boa ideia passar a noite aqui. — pontuou. — Já posso começar a riscar no meu velho diário.

— Como assim? — indaguei confuso, e ela sorriu envergonhada.

— Eu tinha um caderno com o passo a passo de como te conquistar. — arregalou os olhos, completamente surpreso. — Sou virginiana, o que posso dizer?

— Por que perdemos tanto tempo? — perguntei, sentindo-me ainda mais culpado.

Apenas conseguia pensar que se ficasse ao seu lado no passado e lutado, já estaríamos juntos. Não teria passado anos me recriminando por tal sentimento e muito menos por imaginá-la ao lado de outro.

— Os porquês podem ser muitos ou nenhum. — respondeu lindamente e tive que lhe dar um leve beijo. — O objetivo de conversar a noite toda não foi cumprido. — provocou, e continuei com as mãos em sua cintura, depositando um leve beijo em seu pescoço.

— Você me faz sentir como um adolescente. — confessei e Lia gargalhou, passando as mãos por meu peito.

— Te olhando assim, tenho certeza que não estou à frente de um adolescente.

Ela mordeu o lábio inferior e logo se afastou.

— Provocadora! — falei, sentindo-me completamente à vontade. — Sem dores de cabeça?

— Nenhuma. — sentou-se no sofá e cruzou as pernas, deixando-me ainda mais louco por ela. — Bebi bastante, mas nada que me fizesse ter uma boa ressaca.

— Você é forte para bebidas. — comentei, e me sentei ao seu lado, puxando seus pés para meu colo.

Lia sorriu e passou as mãos pelos cabelos.

— É tão esquisito quanto gratificante ter essa intimidade com você.
— Vou me ater ao elogio. — brinquei.
— É sério! — sorriu e se acomodou melhor no estofado. — Eu queria quebrar sua cara poucos meses atrás, e agora...

Calou-se de repente e pareceu pensativa.

— Agora? — questionei e subi minhas mãos para seu calcanhar.

— Estou me segurando para não me jogar sobre você.

Seu comentário me pegou desprevenido, porém, toda aura sexual entre nós era perceptível. Passar a noite ao seu lado, beijando-a como sempre quis, fora incrível. Porém, tocar seu corpo como sempre desejei, seria meu nirvana. Lia, claramente sabia sobre meu interesse, mas não deixaria nada imposto. A queria livremente, que viesse a mim com todo seu desejo e sem nenhuma amarra.

Queria Lia por inteira.

— E por que não o faz? — perguntei, e ela puxou suas pernas, sentando-se sobre elas.

As mãos de Lia encontraram meu rosto e me deu um leve beijo.

— Desejei isso por muito tempo. — confessou e ficou a um fio de cabelo de distância. — Nunca fui de suprimir minhas vontades, mas aqui, com você, é diferente, Klaus.

— Por que? — perguntei, tocando levemente suas costas, e fazendo um leve carinho.

— Porque me faz sentir exposta e confortável ao extremo. Tenho vontade de me jogar em seu colo, ao mesmo tempo que quero saber tudo o que sentiu por mim, e como realmente se sente a respeito do casamento. — deu um leve sorriso. — Nunca me senti assim com ninguém, e confesso, isso me assusta.

— Essa intensidade? — perguntei, e levei minha mão até sua coxa. — Eu sinto o mesmo, Lia. E quando estiver sobre ou sob meu corpo, quero que tenha certeza de que não há outro lugar no mundo que queira estar. Quero que estejamos em sintonia. Porque isso vai além de atração. Sempre foi mais que isso.

— Deus do céu! — ela praticamente pulou em meu colo, e sorri, segurando-a. — Onde esse Klaus se escondeu por todos esses anos? — tocou meu rosto, como se me inspecionasse, e gargalhei. — Tenho que encontrar algum defeito! — parecia se desafiar. — Você é lindo, gostoso, tem tatuagens, fala como um cavalheiro sexy... Você saiu de algum livro! O que tem de errado em você Klaus Russel? — indagou, provocativa.

— Bom, eu ainda não tenho a mulher que amo como minha. — argumentei e seu olhar amoleceu. — Mas estou providenciando isso.

— É mesmo? — sorriu, mordendo o lábio inferior.

Aquela mania dos infernos era completamente pecaminosa.

Sem serem necessárias palavras, apenas a puxei para mais perto. Beijar aquela mulher era como tocar o céu e o inferno ao mesmo tempo. Lia era meu sonho particular, que aos poucos, tornava-se uma realidade.

Lia



Destinatário: Pat

“Sim, eu estou no apartamento dele.

Ele não cozinha, ao menos encontrei algum defeito. Aliás, não sei se posso contar como um. Posso?

E não, pela milésima vez! Não transamos! SE CONTROLE, PATRÍCIA!

Aliás, que história é essa de vir para Nova Iorque? Por que tive que saber por Troian?

obs: eu acho que me apaixonei em uma noite, existe isso?”

Senti braços ao meu redor e deixei o celular de lado. O cheiro característico de Klaus me atingiu e sorri. De onde aquela intimidade surgiu? Nenhum de nós saberia dizer, porém, só aceitávamos que era deliciosa.

Dositou um leve beijo em meu pescoço, fazendo todo meu corpo se arrepiar. Ele sabia bem o que fazer, e a cada minuto, estava mais perto de jogar tudo para o alto e puxar seu corpo para o meu.

— Já te servi. — comentou, sua boca bem próxima a meu pescoço.

Afastou-se de repente e senti falta de seu calor no mesmo instante.

— Desculpe. — falei, indicando o celular.

Finalmente notei o prato feito a minha frente. Klaus pediu uma massa, que segundo ele, era a melhor que já comera. Houve um tempo em que carboidratos foram meus maiores inimigos. Felizmente, aquela época ficara para trás. Meu peso não era mais meu inimigo, tal como, a comida.

— Tudo bem. — sorriu, sentando-se a minha frente.

A mesa de jantar de seu apartamento era enorme, por isso, comíamos na área de fora, com a visão de Nova Iorque. Aquele lugar era realmente lindo. Porém, não tanto quanto o homem a minha frente, sem camisa, mostrando todas

suas tatuagens bem distribuídas, com uma calça de moletom, e os cabelos bagunçados. Por que ele não podia ser feio?

Suspirei fundo e tentei me concentrar na comida.

— Parece em qualquer lugar, menos aqui. — Klaus falou, logo após beber um gole de seu vinho tinto, e dei de ombros.

Poderia confessar que era porque sua beleza me deixava babando?

Porém, preferi tocar em outro assunto. Um que sempre evitei com todas as pessoas. Mas Klaus parecia tão aberto sobre tudo, que merecia conhecer uma pequena e importante parte de mim.

— Se há alguns anos me oferecesse essa mesma refeição, eu negaria e pediria uma salada. — comentei, deixando as palavras soltas no ar.

Passei o garfo sobre o fettuccine à bolonhesa de cheiro magnífico. Podia sorrir, pois, venci aquela batalha. Mesmo que psicologicamente, fosse uma luta diária.

— Seu peso te incomodava? — Klaus perguntou, parecendo escolher as palavras, e agradei internamente por seu cuidado.

— Ele incomodava as outras pessoas. — aquele era o real ponto. — Infelizmente, pessoas como Mike e sua turminha eram presentes na minha vida... Colégio, festas, clubes, viagens... Até mesmo as pessoas que achei que eram minhas amigas. Não era algo exclusivo dos declarados babacas. Pessoas sabem dissimular bem.

— Nunca imaginei que sofreu tanto. — foi sincero.

— Nunca deixei transparecer. — dei de ombros. — Você sempre foi legal comigo, Klaus. Nos conhecemos desde crianças, certo? — ele assentiu. — Lembro bem de quando eu tinha quinze, e você veio falar comigo numa festa. Eu quase tive um treco. — confessei, e gargalhei em seguida. — Eu ficava me perguntando: Por que um cara como ele está falando comigo?

— Eu me apaixonei por você pouco tempo depois. — foi sua confissão. — Como já te disse, quando você fez dezesseis. No seu aniversário, um garoto te chamou para dançar. Me senti tão acuado que finalmente caiu minha ficha. Não queria ser apenas seu amigo.

— Isso é tão fofo! — tomei um gole de meu refrigerante e Klaus sorriu, e notei suas bochechas um pouco avermelhadas. Ele corou! — Você é fofo!

— Não, Lia! — negou veemente. — Ok, pode me martirizar.

Gargalhei alto e bebi mais um pouco.

— Bom, fiz algumas coisas que não me orgulho com o corpo. Eu me odiava. — confessei, tentando tirar aquela bola da garganta. — Depois de muita terapia consegui começar a entender que o problema não estava em meu corpo, muito menos na forma como me sentia... Mas em como as pessoas me faziam

sentir. Por isso, mudei radicalmente. Me encontrei, e vi como queria me vestir e sentir. Mande a merda todos que um dia me humilharam!

Levantei meu refrigerante para Klaus, que logo entendeu, e brindou com sua taça de vinho.

— Um brinde as merdas que ficaram no passado! — declarei.

— Um brinde ao presente.

Brindamos mais uma vez e foi impossível não sorrir para ele.

Klaus me tinha em suas mãos em tão pouco tempo, que mal saberia dizer o que aconteceria quando saísse daquele apartamento. Porém, o presente valia pena. Para uma romântica incurável, era como encontrar o homem de meus livros. E naquele momento, ele me pertencia.



Capítulo 12

“Eu adoraria dizer que tudo vai dar certo para nós, e prometo fazer tudo que eu puder para que isso aconteça.”^[18]

Alguns dias depois...

— Desce logo desse avião. — resmunguei e ouvi a leve risada de Klaus a minhas costas.

Aquela intimidade tão gostosa perdurou durante os dias pós aquele momento apenas nosso no apartamento. Nos víamos praticamente todos os dias, e Klaus insistiu em me acompanhar no aeroporto para receber minha melhor amiga maluca. Aquilo tudo era parte do plano de Klaus de conquista, tinha certeza. Mal sabia ele que me tinha enrolado em seu dedo mindinho. Ao menos, apenas tentava disfarçar o que aquilo me causava.

Klaus me contara por cima sobre a conversa que tivera com o pai, a respeito do casamento. Pela forma que deixou claro, Dominic entendera perfeitamente, e até mesmo, apoiou a decisão do filho. Previamente, ele conseguira adiantar a tal data do casamento, para dali seis meses, em vez de três como era previamente planejado. Mesmo assim, Klaus insistia em me dizer para esquecer tal coisa. Que o tempo não era um problema, pois já lutava pela quebra de contato.

Aquela decisão fez-me cair ainda mais por ele.

— Sempre tão impaciente? — brincou em meu pescoço e apenas me limitei a olhá-lo de relance.

— Devia discutir isso com meus pais, que estão me deixando louca. — comentei e ele franziu o cenho. — Bom, depois que contei sobre nós, eles estão a ponto de me enlouquecer para que vá lá em casa jantar.

— Eles não pareciam ser típicos dessa maneira.

— E não são. — concordei, já angustiada com a insistência deles. — Eles apenas são preocupados demais, e existe todo um porquê por conta do

casamento.

— Eu sei que as coisas, financeiramente falando, não estão boas na empresa deles. — Klaus comentou, surpreendendo-me. — Jamais te julguei por concordar com a ideia do casamento, até mesmo, quando Paul era o escolhido. Sempre imaginei que algo a obrigava, de forma indireta.

— Bom, deve saber mais das finanças de meus pais do que eu. Não consigo entender nada daqueles números. — dei de ombros. — Mas é real, meus pais sofreram um golpe de dentro e bom... O casamento era a solução. Minha mãe queria quebrar o contrato, mas não tínhamos...

— Ei! — Klaus tocou meus lábios. — Esqueça isso! É passado, certo? Suspirei fundo. Ele estava completamente certo.

— Sim, apenas estou me apavorando um pouco. — revirei os olhos. — Meus pais acham que estou nessa para tranquilizá-los e por isso te querem lá em casa. Não sei porque diabos ainda moro com eles. — murmurei, e Klaus gargalhou.

— Porque os ama, e imagino que fique inspirada lá.

Klaus era tão fofo que poderia quebrar sua cara por isso.

— June!

Um grito fez meus pensamentos se dissiparem, e olhei para frente. Patrice corria feito uma doida com sua mala de rodinhas cor de rosa. Tão típico dela. Uma barbie confusa com suas roupas da mesma cor. Ela era tão autêntica que sorri para seu jeito meio perdido.

— Ela parece uma barbie.

O comentário de Klaus me fez gargalhar e dei um passo à frente, abrindo os braços para minha amiga maluca. Patrice praticamente se jogou em meu colo e se não fosse Klaus como uma parede atrás, estaríamos no chão.

— Que saudade! — praticamente gritou e segurou meu rosto com as duas mãos, como se me analisasse.

Patrice era apenas um ano mais velha, porém agia como se tivesse dez. Ela então me deu um beijo estalado na boca e se virou para Klaus, que assistia a cena sorrindo.

— Ele é ainda mais bonito quando sorri. — Pat comentou num sussurro, que não soou tão baixo assim.

— Obrigado. — Klaus falou, e ela ficou completamente vermelha. Gargalhei da cena.

Ele lhe estendeu a mão, porém Pat, como uma boa mulher intimidativa o puxou para um abraço e dois beijos no rosto.

— Sou Patrícia, mas pode me chamar de Patrice como todo mundo. — apresentou-se.

— Eu me lembro de você. — Pat sorriu abertamente para ele e piscou um olho para mim. — Mas é um prazer revê-la.

— Ah, um cavalheiro. — suspirou alto.

— Deixe ao menos o namorado da sua amiga em paz.

A voz de Troian acertou a todos como um trovão e Pat fechou a cara. Encarei seu primo e sorri da cara emburrada. Troian claramente se incomodou com a forma que Pat cumprimentou Klaus, o que não era uma surpresa. Ele odiava qualquer contato que Pat tinha com outros homens. Ela afirmava que ele era apenas superprotetor, assim como sua irmã Bailey, porém, suspeitava da real razão. Os sentimentos de Troian por Patrice não eram nada fraternais.

— Não seja um pé no saco, garoto. — impliquei, e ele parou a minha frente com um lindo sorriso, abraçando-me.

Ele era dois anos mais novo que eu, mesmo assim, sua altura, o cabelo loiro comprido e barba por fazer, contribuía para parecer mais velho.

— Ele ainda é um bebê. — Patrice provocou, e gargalhei, afastando-me de Troian.

— Como você aguenta essa senhora? — Troian perguntou, porém logo seu olhar encontrou o de Klaus, que assistia a cena com um leve sorriso. — E aí, cara? Klaus, certo?

— Sim. — Klaus estendeu-lhe a mão e apertou a dele. — Troian, não é?

— É. — deu seu sorriso meio perdido e se virou para mim. — Patrice não cansou de me dizer o quanto estava feliz por você. Agora me conta, desde quando está namorando?

Olhei para Klaus no mesmo instante e ele acenou com a cabeça, com aquele lindo sorriso que alcançava seus olhos azuis. Sequer tínhamos nos rotulado, era algo que realmente não importava. Além de que completavam apenas cinco dias desde aquela noite no apartamento.

— Para de importunar os dois, bebê. — Patrice se pronunciou e segurei a risada da cara mortal que Troian fez para ela. — Eu estou com fome, June.

Klaus a encarou um pouco perdido, com toda certeza tentando entender o apelido.

— Você pode ser o Johnny, quem sabe? — ela deixou a pergunta no ar e deu de ombros, pegando a mala de rodinhas. — Vamos?

Apenas assenti e fui até Klaus, que logo enlaçou minha cintura. De relance notei que Pat discutia algo com Troian, sobre o que comeriam. Os dois não tinham jeito.

— Ela é tão animada quanto me contou. — Klaus falou, e sorri para ele, assentindo. — Ficarei feliz em passar no teste de ser o seu Johnny Cash.

Encarei-o por um segundo e fiquei sem palavras. Klaus parecia conseguir

pegar tudo no ar. Em momento algum comentei a respeito do apelido que minha amiga costumava me chamar. Porém, em poucos minutos perto, ele entendeu. Cada dia, uma nova surpresa.

— Ai, o amor é lindo! — Patrice praticamente gritou, tirando-nos de nossa bolha. — Mas vou roubar minha amiga um pouquinho.

Ela então me puxou pelo braço e praticamente me obrigou a seguir seu ritmo.

— Pode começar abrindo essa boca grande. — falou, e a encarei com um ar de mistério. — Nem vem com essa cara. Quero saber todos os detalhes!

Enlacei o braço de minha amiga e segui ao seu lado até o carro de Klaus, que fizera questão de me trazer. Durante o caminho até ele, comecei a contar os últimos dias para minha amiga, que mesmo já tendo uma grande noção, suspirou feito uma adolescente. Naquele instante, finalmente notei que o amor sorria para mim. De algum jeito, torcia para que ele permanecesse. E que Patrice encontrasse o seu.

Klaus

— Sério que não vai convidá-la para o Brasil? — Paul perguntou, enquanto tentava me acertar.

Meu irmão até podia tentar, mas era péssimo no boxe. Desviei com facilidade do golpe e lhe dei um cruzado. Paul reclamou e logo caiu de joelhos. Sorri da cena e fui até a garrafinha de água, bebendo um longo gole.

— A melhor amiga dela chegou na cidade, e pelo que sei, faz muito tempo que Patrice não tem férias. — comentei, e bebi mais um pouco.

Paul se estirou no tatame e ficou ali parado, olhando para o teto. Estávamos encharcados pelo suor.

— Acho que me lembro dessa Patrice. — ficou em silêncio por alguns segundos. — Não sei o que Diana fará com as passagens no fim. — comentou.

— Por que vocês não vão? — sugeri, e o olhar de meu irmão encontrou o meu.

Ele suspirou fundo e pareceu pensar em algo. Senti naquele instante que Paul me escondia algo. Eu o conhecia por toda vida, não tinha como me enganar.

— Digamos que as coisas entre Diana e eu não estão indo bem. — confessou e me senti mal por ele. Ao contrário deles, as coisas com Lia estavam

melhores do que nunca. — Relacionamentos são complicados, irmão. E com Diana, tem sido minha primeira vez na maioria das coisas. Ou seja, tenho me ferrado. Mas não vamos falar sobre os meus problemas... — o encarei contrariado. — Não hoje! — pontuou, e assenti. Cada um tem seu tempo para conseguir falar. — Papai me chamou na sala dele esses dias, perguntou minha opinião sobre sua decisão no casamento.

— Sabia que ele o faria. — sentei-me no tatame, ainda com a garrafa d'água em mãos. — Ele não consegue se conter. — comentei com pesar.

— Ele está preocupado, Klaus. O valor da rescisão do contrato é alto, basicamente o seu apartamento e mais alguns imóveis. — assenti, pois já estava familiarizado com tudo aquilo.

— Na pior das hipóteses, meu quarto na casa dele continua lá. — forcei um sorriso, e Paul me encarou preocupado. — E digo mais, não é como se estivesse perdendo tudo. Já vou dar a entrada num novo apartamento, com um preço menor, para poder me estabilizar.

— Você sempre pensa a frente. — Paul elogiou e fiquei feliz por receber aquilo de meu irmão. — Sempre preferiu sua independência. Lembro bem quando nosso pai quis nos dar um apartamento, e você negou. Até hoje ele é meu! — gargalhou alto e tive que sorrir.

Nunca condenei meu irmão por sua forma de levar a vida. Paul trabalhava muito e sempre se esforçou bastante para ser um ótimo administrador na empresa. Ele fizera faculdade daquilo apenas para poder agradar nosso pai, o contrário de mim. Paul sucumbiu seus próprios sonhos, pela união de nossa família.

— Somos diferentes, irmão.

— Aliás, encontrei algumas coisas sobre a mamãe esses dias. — Paul e sua forma não sutil de tocar nos assuntos e mudá-los. — Fico imaginando o quanto ela bateria na gente por sermos péssimos com as mulheres.

— Diga por você. — provoquei e ele se sentou, encarando-me com desdém. — Fui um idiota com Lia, mas estou me redimindo. Você foi um babaca com todas as mulheres que esteve, Paul.

— Eu sou um anjo. — refutou, e tive que revirar os olhos. Meu irmão poderia ser comediante. — Mas é sério, as vezes paro e fico me perguntando sobre ela.

E ali estava o real motivo de meu irmão querer treinar naquela noite. Algo o atormentava. Paul geralmente não tocava no assunto, ainda mais, pela forma como perdemos nossa mãe. Eu sequer me lembrava, pois tinha apenas dois anos quando ela faleceu. Porém, Paul claramente sentia falta daquela ligação com ela, e era como se precisasse de sua permissão para algo. O câncer a tirou de nós, e

infelizmente, mesmo após tantos anos, a saudade ainda nos rodeava. Principalmente a ele.

— Ela foi uma guerreira, irmão. Não me lembro de quase nada, mas sempre que vejo fotos dela, sinto algo que não sei explicar.

De repente, Paul se levantou e passou as mãos sobre os olhos. Ele parecia atormentado, mas não só por conta de nossa mãe. Algo dentro dele parecia uma bagunça.

— Quer conversar? — ofereci-me e ele negou veemente.

— Só precisava falar dela para alguém. — deu de ombros. — Preciso ir. — lá estava Paul, fugindo de seus sentimentos. — Vou conversar com nosso pai e tentar deixá-lo mais tranquilo.

— Não se incomode com isso. — pedi, e me levantei, indo atrás dele.

Estávamos na sala de treinos de meu apartamento, onde geralmente treinava. Não era muito fã de academias, devido a forma como depositava toda minha raiva durante treinos. Porém, ao menos uma vez na semana, frequentava um clube na cidade, onde treinava com caras durões, e os quais, me colocava em um novo desafio. Aquilo fazia qualquer raiva se dissipar.

— Até mais, irmão! — Paul falou, pegando sua bolsa jogada em meu sofá, e abrindo a porta do apartamento.

Ele sequer me deu tempo para impedi-lo.

— Ei, cunhada! — a voz de Paul suavizou, e encarei a porta intrigado. — Te daria um beijo no rosto, porém, estou todo suado. Prometo compensar na próxima vez!

Logo ele passou por quem estava a sua frente, e meu coração disparou. Um sorriso idiota se abriu em meu rosto sem que pudesse evitar. Lia sorria para meu irmão, e deu um leve aceno para o mesmo. Ela deu um passo à frente e sorriu em minha direção. Aquilo me desmontou.

— Ah. — voltei meu olhar para a voz de meu irmão. — Divirtam-se com proteção! — Paul gritou e puxou a porta.

Sorri de sua fala e Lia gargalhou, vindo até mim.

— Ei, baby.

O sorriso em meu rosto apenas aumentou diante do carinho em sua voz e o doce apelido.

— Estou todo suado. — avisei, porém suas pequenas mãos tocaram meu peito.

Senti meu corpo todo corresponder ao seu simples toque. A adrenalina voltando a percorrer cada extremo. Lia me tinha em suas mãos.

— Não me importo.

Surpreendendo-me seus lábios encontraram os meus. Não entendi ao certo

o que ela fazia ali, porém, aceitei de bom grado. Senti que em seu toque, algo estava diferente. Quando ela se afastou, notei seus olhos dilatados. Aquele desejo tão aparente já me acertou antes, durante todos os momentos que compartilhamos. Porém, ela decidira algo, conseguia sentir, apenas por olhá-la. Cinco dias ao seu lado, que pareciam como cinco anos, ao mesmo tempo como cinco segundos.

Eu era completamente louco por aquela mulher.



Capítulo 13

“Amor... Amizade... Confusão... Nós.”^[19]

— Como assim vocês ainda não transaram? — Patrice pareceu incrédula.

— Nem todo mundo transa com qualquer cara que lhe sorri. — Troian provocou, e vi o rosto de Patrice se transformar. Ela não aceitou como uma brincadeira, pois ninguém em sã consciência aceitaria. — Pat, eu...

— Sou muito feliz transando com quem eu quero, obrigada por ressaltar isso. — ela rebateu, e Troian simplesmente se calou, saindo em seguida do apartamento. — Ele parece ter quinze anos.

— E está apaixonado por você. — constatei o óbvio e Patrice engasgou com o refrigerante. — O que? Não me diz que não notou?

Ela se acalmou e revirou os olhos em seguida.

— Nem vem querendo mudar de assunto. — falou decidida. — O que anda te impedindo de ceder ao desejo que sente por ele?

— Insegurança, talvez? — questionei alto, porém, era uma conversa mais interna.

Nem eu mesma sabia porque ainda fugia de Klaus. Não que de fato fosse uma fuga, porém, a rapidez de tudo entre nós me assustou. Era como se fôssemos destinados aquilo. Entretanto, temia que minha mente de autora estivesse sonhando demais.

— Quis transar com ele desde o momento que ele apareceu no meio da minha sala de estar. — confessei. — Mas não sei como simplesmente me apaixonei em tão pouco tempo e...

— Você nunca deixou de gostar dele. — Pat retrucou. — Por mais que tentasse odiá-lo, você nunca conseguiu. Agora que me contou sobre o que realmente te atingiu, a conversa dele com Paul. E mais, o fato de ele sequer lembrar daquele primeiro beijo... Lia, o que realmente tem te parado?

— Ser virgem aos vinte e cinco anos não é algo muito comum. —

comentei, e Pat assentiu. — Por que, dentre tantos caras que me agarrei durante todos esses anos, justamente Klaus é o que me faz querer seguir em frente?

— Porque mesmo sendo uma mulher independente, linda e cheia de si, você ainda tem um coração mole que bate nem que for um pouquinho por ele... E mais, todo seu corpo o reconhece. Quer algo mais perfeito do que ter sua primeira vez com o cara que ama?

— Eu não o...

— Ah, nem vem! — cortou-me rapidamente. — Nem vem com essa de que amor é uma coisa e atração é outra. No caso seu e de Klaus *tá* tudo junto e misturado!

— Nessas horas tenho certeza de que você devia escrever, não eu. — encostei a cabeça contra o sofá, em meio a um sorriso.

— Deus me livre! — fez o sinal da cruz e tive que gargalhar. — Estou muito bem como empresária, obrigada!

— Ok, senhora das exatas. — provoqueei e ela bufou. — Mas agora que chegou aqui, quero passar um tempo com você e...

— Que tempo o que, mulher? — Pat revirou os olhos, e se levantou. — O que realmente quer fazer essa noite, June?

Pensei um pouco a respeito e me lembrei de como cada dia ao lado de Klaus se transformava. E mais, como cada vez mais ele parecia ter cuidado ao me tocar. Queria despertar algo nele, algo como ele fazia por mim. *Mas como?* Eu o desejava, e o queria como meu. Por completo.

— Dar para o homem, eu sei! — arregalei os olhos e gargalhei de Patrice. Ela não tinha papas na língua. — Olha aqui, podemos dizer que quer “fazer amor” com ele. Por que diabos não vai lá e faz?

— Simples assim? — perguntei e ela assentiu.

— Ao menos, quando se envolve algum sentimento... Sexo é conexão, June. — analisei-a, e vi que divagou para algum lugar longe dali. — Se esperou tanto tempo por alguém e finalmente o encontrou, por que não dar o primeiro passo? Não quero te pressionar sobre nada. — avisou pausadamente. — Mas eu vi a forma como olhou para ele, e como ele te olha. Sexo apenas trará *mais* a relação de vocês.

— Parece até que estamos discutindo algum problema sério. — brinqueei e ela me encarou carrancuda. — Desculpe, eu só estou reticente porquê...

— Tem andando ouvindo muito Dua Lipa.^[20] — a encarei sem entender. — As novas regras... — fez um três com as mãos. — “Se você estiver debaixo dele, você não vai superá-lo!”^[21]

Gargalhei alto diante dos pensamentos de minha amiga. Por aquelas e outras, Patrice era a melhor.

— Eu te amo, Pat!

Levantei e a puxei para um abraço, o qual ela adorou. Não era muito de demonstrações de carinho, mas Pat conseguia despertar aquele lado meu.

— Eu sei disso. — afastou-se e tocou meu rosto. — E o que vai fazer hoje? — perguntou, claramente interessada.

— Noite das meninas?

— Que nada! — murmurou. — Eu vou descansar dessa viagem, pois mereço. E a senhorita pode tratar de ir até o apartamento do seu homem, passar um tempo com ele e...

— Foder?

Foi a vez de Patrice arregalar os olhos e gargalhar. Ela me deu um tapa no ombro e sorriu em seguida. Aquela amizade era única. Era bom ter Pat por perto.

Horas mais tarde, depois de Patrice praticamente me escorraçar de seu apartamento, encontrei-me com uma grande bolsa no braço, de frente ao apartamento de Klaus. Quando me visse, ele sequer saberia o que realmente planejava sobre aquela noite. E mais, ele sequer sabia que viria. Seria uma pequena surpresa e quem sabe, algo mais.

Quando mais nova, imaginei por muitas vezes como seria minha primeira vez. Lembrava-me bem de como Klaus permaneceu no topo da lista de desejados por um longo tempo. Claro, que quando conheci Sam Hunt^[22] as coisas mudaram um pouco, mas não perdurou. Naquele instante, nem mesmo se Hunt aparecesse a minha frente cantando Take Our Time^[23], eu cederia. Klaus Russel era o homem que me despertava.

Assim que fui tocar a campainha, a porta se abriu. Arregalei os olhos diante de Paul, que estava completamente suado e com uma mochila em mãos. Arqueei a sobrancelha e ele sorriu em minha direção.

— Ei, cunhada! Te daria um beijo no rosto, porém, estou todo suado. Prometo compensar na próxima vez!

Sorri de sua fala e logo ele passou por mim, e acabei lhe dando um leve aceno. Voltei meu olhar para o interior do apartamento e um sorriso bobo tomou forma em meu rosto. Se existia alguma dúvida a respeito de querê-lo, morreria naquele instante. Comecei a andar em sua direção, sem sequer me importar com algo.

— Ah. Divirtam-se com proteção! — Paul gritou e encarei rapidamente seu semblante, que logo foi substituído pela porta.

Gargalhei dele e dei mais alguns passos, até alcançar o homem que me encantara.

— Ei, baby.

O sorriso em seu rosto parecia um reflexo do meu, tinha certeza. Analisei-o por completo e o ar me faltou. Pois não era algo apenas de pele, era ele. Não era o fato do corpo musculoso e bem distribuído, nem mesmo qualquer atributo físico. Não era apenas atração. Era o sorriso lindo que emoldurava o seu rosto, que contrastava com todo resto que ele mostrava. Klaus poderia parecer e ser um grande empresário de sucesso, destemido e imponente para o mundo lá fora. Para mim, ele era apenas um homem lindo com os olhos azuis tão transparentes, quanto suas palavras.

Eu o amava.

— Estou todo suado. — avisou, porém não me importei.

Coloquei minhas mãos sobre seu peito e senti aquela energia gostosa percorrer todo meu corpo. Era eletrizante e satisfatório. Só podia me imaginar como seria quando finalmente tivesse seu corpo no meu.

— Não me importo.

Dei-lhe um ultimato e puxei seu pescoço para o meu. Nossos lábios se uniram, e aquele beijo me marcara. Era como se finalmente estivesse entregue para o passo que viria. Meu ideal daquela noite não era chegar e levá-lo para cama. Era testar meus limites para com ele. Naquele instante eu tive certeza. Não sairia dali antes de ter cada pecadinho de seu corpo.

Afastei-me dele sem vontade e notei o quanto me analisava. Klaus parecia me ler claramente. Ao menos, se o fizesse corretamente, saberia que estávamos na mesma página.

— Vou tomar um banho e volto pra você. — deu-me um leve beijo e se afastou, indo em direção ao quarto.

Assim que desapareceu de minha vista fui até o banheiro social e me tranquei. Coloquei a grande bolsa sobre a bancada e encarei a lingerie que separei para aquele momento. Era uma mulher corajosa, ao menos até alguns momentos atrás. Tirei toda minha roupa e vesti a lingerie na cor branca. Encarei-me no espelho e após completar com o salto, senti-me completamente sexy. Era uma virgem, mas queria seduzi-lo. A lingerie branca de renda moldara todo meu corpo, deixando grande parte exposta. Sorri, lembrando da cena de um dos meus livros, onde a protagonista seduziu o mocinho não tão mocinho assim com uma dança.

Aquela era a ideia da noite.

Coloquei o robe branco de cetim e o amarrei levemente, deixando uma grande parte de meu lado esquerdo mostra, o que mostrara claramente o que

queria que ele visse. Respirei fundo algumas vezes e saí do banheiro. Andar de salto nunca pareceu tão complicado como naquele instante. Selecionei a playlist que me interessava e coloquei na caixa de som em seu quarto. O lugar era amplo o suficiente para que pudesse fazer o que imaginei.

Olhei para a sua cama, com os lençóis bagunçados e imaginei o que aconteceria depois. Aquela expectativa estava a ponto de me matar. A música soou alto e resolvi esperá-lo em pé ao lado da cama. Ele teria uma visão e tanto quando saísse do banheiro. Minutos se passaram, e quando imaginei que ele sairia, já que não ouvira mais o barulho do chuveiro. Apenas a sua reclamação alta me deixou em alerta, fazendo meu coração disparar não pela ansiedade, mas sim, pela preocupação.

— Porra! — ouvi seu grito e arregalei os olhos.

Sem pensar muito fui até o banheiro rapidamente e abri a porta. Meus olhos encontraram os seus e Klaus pareceu perder a fala. Ele segurava algo na mão direita, o que logo notei ser um barbeador elétrico, e o tirei rapidamente dali.

— Está tudo bem? — perguntei preocupada e ele não falou nada, apenas me encarou. — Klaus!? Ei!

— Eu acho que estou sonhando. — falou, engolindo em seco e me olhando de cima abaixo.

Só então me lembrei de como entrara no banheiro e mais, a música que cercava todo o ambiente. Klaus tinha apenas uma toalha enrolada em seu quadril, e gotas de água escorriam por seu peito desnudo. Naquele instante, ao olhá-lo com maior atenção e pela forma como a toalha emoldurava seu corpo, notei o quanto ele estava excitado. Apenas de me olhar. Sem sequer me tocar.

Não era preciso seduzi-lo com alguma dança ou algo qualquer. Aquele olhar lascivo me ganhara e não pensei em mais nada, o beijei.

Klaus correspondeu na mesma fome, e logo minhas costas bateram contra a parede do banheiro. Senti o contraste gritante de seu corpo quente e o azulejo frio. Porém, não durou muito tempo. As mãos de Klaus desceram para minha bunda, levantando-me. Logo, estava com as pernas cruzadas em suas costas, e era devorada da forma mais perversa por sua boca. Jurava que morreria caso ele se afastasse.

Senti que nos movemos, e logo meu corpo caiu sobre algo macio. O corpo de Klaus pairou sobre o meu, e notei seus olhos azuis num tom mais escuro. Nunca o vira mais sexy como naquele instante. Puxei-o para meu corpo e ele veio de bom grado. Nossas línguas se encontraram e senti aquele arrepio gostoso percorrer todo meu corpo, assim como suas mãos o faziam.

As mãos de Klaus exploravam cada pedacinho de meu corpo, assim como as minhas passeavam por todo o seu. Não sabia o que dizer, as palavras

pareciam presas em minha garganta. Apenas gemidos saíam por entre meus lábios sendo abafados pelos beijos mais indecentes.

— Você não tem ideia do que me causa, Lia.

Sua voz rouca me atingiu em cheio, e no mesmo instante em que parou para me olhar, levei minhas mãos até a toalha em seu quadril, tirando-a. Vê-lo nu e a forma como o deixava, fez todo meu corpo implorar ainda mais por aquele momento. Entendi, finalmente, porque nenhum outro homem me causara tal vontade. Porque era ele, o qual *realmente* necessitava.

— Você tem certeza? — perguntou, e suas mãos habilidosas me ajudaram a retirar o robe, assim como, os saltos.

— Claro que sim. — respondi, e me sentei a sua frente, levando as mãos até os laços da lingerie, fazendo-a cair sobre meu corpo, deixando-me praticamente nua.

Klaus me encarou admirado e a meia luz do quarto não atrapalhou em nada a visão de nossos corpos. A música a fundo atçou ainda mais cada pequeno nervo de meu corpo. Crazy In Love^[24] emoldurava aquele momento. Afastei-me o suficiente para retirar por completo a lingerie e Klaus soltou praticamente um rosnado, como se aprovasse por completo meu corpo.

Não era perfeita, nem de longe. Minhas cicatrizes eram visíveis na barriga, assim como em meus pulsos. Parte da história de uma garota perdida diante das maldades do mundo. Porém, Klaus nunca me olhara de forma diferente. Gorda ou magra, alta ou baixa, ele apenas me via. Naquele instante, reafirmei tal coisa.

Deitei-me novamente na cama e o puxei. O breve contato de nossos corpos, fez-me derreter ainda mais. A boca de Klaus encontrou meu pescoço, e ao mesmo tempo em que a música no tom sensual dizia “Quando você vai embora, te imploro para ficar”, Klaus se afastou, fazendo-me choramingar. Sem perder muito tempo, e entendendo meu desespero, sua boca traçou beijos por todo meu corpo, fazendo-me suspirar a cada toque.

Quando ele finalmente alcançou seu objetivo, senti um gemido rouco escapar de sua garganta, como se aprovasse toda minha excitação. Porém, ele queria mais. Seu toque era perfeito, assim como o encontro de sua língua nos lugares certos, na pressão que me levava as alturas. Segurei com força em seu cabelo, e nossos olhares se conectaram. Não tinha mais como fugir, ele me faria ver estrelas. E ele fez. Sem aguentar mais, rendi-me ao êxtase, chamando seu nome como um pedido claro de “mais”.

Klaus subiu por meu corpo, espalhando os beijos por todo caminho, com uma atenção especial em meus seios. Arqueei-me por completa, mesmo já tendo chegado ao ápice, sentia-me ainda mais necessitada por ele. Por seu corpo no meu. Sua boca encontrou a minha e ao sentir meu gosto em seus lábios, soube

que nada entre nós poderia ser mais pecaminoso. Senti como ele se segurava, ao notar os braços prostrados ao meu lado, que tremiam levemente.

Sorri de lado e me inclinei para beijá-lo.

— Preciso te confessar algo. — falei, sentindo seu toque sobre meu rosto, e sua atenção por completa em mim.

— O que, meu amor?

Aquele tom. Aquelas palavrinhas. Klaus era o protagonista perfeito de qualquer livro de romance. Felizmente, para mim, ele era real. A parte mais bonita daquela realidade.

— Sou sua. — confessei, sem saber ao certo como dizer de outra forma.

Klaus me encarou por alguns instantes e logo encostou nossas testas.

— Sou seu, amor. — olhou-me nos olhos. — Apenas seu.

Assim, ele se posicionou em minha entrada, e aos poucos começara a tomar conta de meu corpo. Como ele mesmo disse, quando estivesse com ele, nada além de nós importaria. Era exatamente o que acontecia. Ele entrelaçou nossos dedos e me analisou com cuidado, forçando um pouco mais.

— Me perdoe. — falou, e um segundo depois senti meu corpo retesar, ao mesmo tempo em que entregava-me por completo a ele.

A dor me atingiu e senti meus olhos encherem de lágrimas. Klaus parou no mesmo instante e então uma de suas mãos tocou meu rosto com carinho. Seus lábios desceram para os meus e aos poucos, senti meu corpo aceitar a invasão, assim como, o prazer começar a se construir.

De repente, senti-me imersa em tal plenitude que não sabia explicar. O corpo de Klaus encontrava o meu de tal forma que parecia querer me tomar por completo. E ele o fazia. Soltei de suas mãos e arranhei por completo suas costas, sentindo que aquilo o estimulou ainda mais. O ritmo lento fora substituído por algo rápido e colossal, a cada encontro de nossos corpos, sentia-me mais perto de cair.

— Porra!

Suas palavras me atiçavam, mesmo que ele mal conseguisse falar, assim como eu, que parecia apenas me perder em seu corpo. Porém, queria tudo dele. Tudo o que aquele momento poderia me proporcionar.

— Eu te amo. — confessou, encarando-me com afinco.

Nossas testas estavam juntas, e nossos corpos desconheciam os limites. Senti meu corpo inteiro se arrepiar e tentei corresponder a seus sentimentos. Porém, assim que o êxtase me encontrou, pela segunda vez naquela noite, de forma ainda mais transcendental, permiti-me cair por completo por aquele homem. Meu grito foi alto, assim como a forma que Klaus confessou seu amor novamente, derramando-se dentro de mim.

Minha respiração estava irregular e a todo custo, tentei me reencontrar. Se me perguntassem em que planeta vivia, não saberia responder. Os lábios de Klaus encontraram os meus, no mesmo instante em que o senti sair de dentro de mim. Assim que se afastou, nossos olhares se conectaram e um sorriso lindo e preguiçoso emoldurou seu belo rosto.

— Eu te amo, Lia. — confessou mais uma vez, mas não me deu tempo de resposta, beijando-me novamente.

Não existiam mais dúvidas, nada que pudesse interferir. Klaus era meu, assim como eu era completamente dele.

Klaus

Senti um leve movimento ao meu lado, e acabei abrindo os olhos. Devagar, acostumei-me com a luz que adentrava o quarto, e tocava parte do corpo da mulher que dormia serenamente. Com todo cuidado, toquei de leve seus cabelos, e a aconcheguei mais a meu peito. Lia me abraçava como se fosse um grande travesseiro, e não tinha do que reclamar.

Fechei os olhos novamente e divaguei a respeito do que aconteceu em minha cama. Sorri abertamente, porque ter Lia como minha, por completo, era algo que desejara há muitos anos. Não poderia mentir que me surpreendi pelo fato de ser o seu primeiro, Lia era uma mulher completamente sexy e destemida, a vi em várias festas agarrada a outros caras, porém, nunca a condenaria por nada daquilo. Porém, a partir do momento que ela se entregara, a única coisa que realmente me importava era ser seu último homem.

— Espero que esse sorriso tenha nome e sobrenome. — sua voz um pouco enrolada por causa do sono me atingiu e abri os olhos. — Lia Harper.

— Possessiva? — perguntei, baixando levemente meus lábios para seu pescoço.

— Tirando que todas as mulheres te encaram como se pudessem te comer vivo, sou apenas cuidadosa. — reclamou e abriu um sorriso de menina em seguida. — Bom dia, baby.

— Bom dia, amor. — me deu um leve beijo nos lábios e sorriu diante de sua aprovação para forma que a chamei.

— Sinto como se um trem tivesse passado por cima de mim. — espreguiçou-se longamente. — Isso é ser bem fodida?

Gargalhei de sua pergunta e a puxei de volta para meus braços.

— Se quiser chamar assim. — toquei levemente seu rosto. — Só tenha certeza que nunca será apenas uma foda pra mim, Lia. — ressaltei, deixando todo meu ser a sua disposição.

— Eu quis tanto te odiar por todos esses anos, mas aí você abre essa linda boca e me faz apaixonar. — mordeu de leve meu queixo, deixando-me estático. — O que faço com você?

Puxei-a com cuidado para cima de meu corpo, a qual se escorou com o braço sobre meu peito.

— Me ame?

Os olhos de Lia amoleceram e ela se esgueirou sobre meu rosto, deixando um leve beijo onde mordeu.

— Acho que te surpreendi. — comentou e assenti, pois não queria nenhuma mentira entre nós. — Ainda mais com todos aqueles boatos sobre mim rodando por aí, e até mesmo, meu jeito sexy.

— Nunca dei crédito a nada que ouvi. A realidade seria mais sobre me sentir um imbecil por não poder te tocar. — ela sorriu genuinamente e assentiu. — E não mudaria nada nesse seu jeito. É único e completamente seu, Lia.

— É por isso que me apaixonei por você, Klaus. — tocou meu rosto, e depositou a outra mão sobre meu peito, onde meu coração batia freneticamente. — Nunca me olhou como se me julgasse. Hoje vejo que existia muito mais sobre o cara pelo qual me apaixonei aos quinze anos. E pior, ele me fez cair novamente.

Puxei uma de suas mãos até meus lábios e dei um leve beijo. Lia acompanhou todos meus movimentos e parecia completamente relaxada.

— Ninguém nunca me fez sentir como você faz. — confessou e me senti o cara mais sortudo do planeta.

A mulher que amava sobre meu corpo, após uma noite inesquecível onde se entregou para mim, declarava seu amor sem medo ou pudor. O que mais eu podia querer?

— E você, sempre foi e sempre será única para mim. — puxei seu rosto para o meu, ficando a mínima distância. — Eu te amo, Lia.

Nos beijamos e permanecemos naquele momento apenas nosso. O mundo fora daquele apartamento esquecido e todos os problemas deixados de lado. Depois de tanto tempo, finalmente reencontrei o amor que perdi.



Capítulo 14

“Então, não vai ser fácil. Vai ser muito difícil; nós vamos ter que trabalhar isso todos os dias, mas eu quero fazer isso porque eu quero você. Eu quero tudo de você, para sempre, todos os dias. Você e eu ... todos os dias.”^[25]

— Ele tocou no assunto do Brasil? — Diana perguntou e neguei com a cabeça, sentando-me no sofá, com uma taça de vinho em mãos.

— Brasil?

— Bom, obriguei Klaus a marcar essa viagem comigo. É apenas uma semana fora do país, mas seria para ele desocupar a cabeça. — comentei e notei que ela me escondia algo. — Não me olhe assim! — revirei os olhos, pois ela era realmente esperta. — Enfim, íamos nós dois. Mas sugeri que ele te convidasse, para passarem esse tempo juntos.

— Ah, ele comentou bem por cima. — falei, minha memória finalmente dando sinal de vida, e tentei pensar se esqueci algo mais a respeito. — Mas com Patrice na cidade, achamos melhor deixar a viagem para outro momento.

Ele era atencioso e me entendia por completo.

— O que acredito ser uma pena. Já que o seu novo best-seller terá com uma protagonista de lá. — sorri de sua positividade.

A realidade era que cada lançamento era uma verdadeira caixinha de surpresas. Não poderia reclamar de meu retorno financeiro, dos leitores incríveis e da felicidade de poder viver do que realmente amava. Entretanto, as crises de ansiedade antes dos lançamentos sempre me encontravam. Felizmente, ainda faltavam alguns meses até o próximo livro ser lançado.

Bebi mais um pouco do vinho e encarei Diana, que bufou diante de uma mensagem no celular.

— Paul. — declarou, e revirou os olhos. — Quer me encontrar agora. Acredita?

— Qual o problema? — perguntei, um pouco perdida.

Diana andava um pouco estranha, e era algo que comentara com Klaus. Ele também desconfiava de algo errado entre ela e Paul.

— O problema é que quero passar um tempo longe de problemas... — fechou a boca rapidamente, como se dissesse algo que não deveria. — Enfim, problemas são boa parte do repertório de Paul.

Assenti, completamente desconfiada.

— Vou encontrá-lo no restaurante aqui perto. — anunciou, claramente a contragosto.

Estava em minha casa, e combinei de passar um tempo com Diana, simplesmente fazendo nada. Patrice foi convidada, mas algum incidente com Troian a impediu de aparecer. Seria bom juntar esse laço de amizade.

— Vai logo. — provoqueei e ela bufou.

— Ok, volto em dez... quer dizer, vinte minutinhos no máximo. — declarou e assenti.

Levantei-me e fui até a porta, abrindo para ela. Assim que Diana saiu com um sorriso forçado no rosto, algo dentro de mim acusou. O que ela poderia estar escondendo? Algo parecia não se encaixar.

Suspirei fundo e tentei não entrar em alguma paranoia. Voltei até minha posição original, e me sentei no sofá, com o celular e a taça de vinho em mãos. Comecei a ler as últimas mensagens de Klaus e meu coração bateu freneticamente. Ele parecia tão certo, que as vezes, sentia que algo daria errado. Em algum momento do percurso.

Bebi o resto de meu vinho, e fui até a cozinha. Deixei a taça sobre a pia e lavei minhas mãos rapidamente. Diana e eu tínhamos pedido comida. Olhei rapidamente para o balcão a frente, e notei um grande molho de chaves, com chaveiros de vários personagens diferentes de Star Wars. Franzi o cenho e o peguei em mãos, lembrando-me de Diana na hora.

Peguei o molho em mãos e segui para a sala. Com o celular já em mãos disquei seu número, mas foi direto para caixa-postal. Encarei o aparelho por alguns segundos e bufei. Ela voltaria? Dissera que sim. Porém, minha vontade por doce era grande. Assim, uma pequena desculpa a mais para sair de casa me forçaria a realmente andar. Depois de uma noite sem dormir encarando o computador, e digitando toma minha inspiração, meu corpo gritava por um pouco de açúcar.

Assim, peguei o molho de chaves, calcei meu tênis perto da porta, e joguei a bolsa de sempre de lado. Saindo de casa em seguida. O caminho até o restaurante mais próximo era de cinco minutos, basicamente. E já que me imaginei comendo o maravilhoso petit gateau deles. Aproveitei o meio tempo para responder a mensagem que Klaus mandara.



Remetente: Klaus

“Nos vemos amanhã, então?”

Já sinto sua falta.”

Suspirei profundamente, pagando minha língua a respeito de como teria um relacionamento. Sempre achei exagero demais a saudade que os casais dividiam, entretanto, com Klaus, começara a aprender que parte de mim ficava com ele toda vez que o deixava. Completavam-se mais de duas semanas desde nossa conversa franca, e desde lá, as coisas apenas melhoraram. Ainda mais, por não conseguir manter minhas mãos longe dele, e vice-versa. Cada pequena parte minha implorava por ele, em todas as questões.

Passei os dias dividida entre ele e Patrice, porém, dei prioridade para minha amiga nos últimos, devido ao fato de que ela não ficaria por muito tempo na cidade. Assim, ficar longe de seus braços ao dormir, fazia-me sentir desesperada a ponto de não entender tal sentimento. Aquela coisa boa que desperta a alma, e toca o coração durante uma breve conversa por mensagem. Klaus me causava.



Destinatário: Klaus

“Amanhã =)

obs: sinto sua falta também”

Adentrei o restaurante sentindo-me brega e guardei o celular na bolsa. Busquei com o olhar Diana e Paul, porém, não os encontrei no térreo. Assim, decidi subir para o primeiro andar, um espaço mais tranquilo do lugar. A cada degrau, minha cabeça viajava a respeito de como as coisas seriam com Klaus. Encarei rapidamente a aliança em meu dedo anelar direito, que Klaus pedira para que tirasse, que não era obrigada a usar, mas que por algum motivo, apenas deixei ali. O que estava fazendo?

Assim que pisei no piso superior, observei de longe Diana e Paul numa mesa afastada. A passos rápidos cheguei até eles, digitando rapidamente algumas mensagens de parceiros de meus livros. Porém, quando dei um passo para mais perto, sem que eles me vissem, paralisei. A frase que saíra da boca de Paul, deixando-me congelada no tempo.

— O combinado não era esse. — sua voz soou categórica. — Somos apenas uma farsa para que Klaus não me visse casar com a mulher que ele ama.

— Não estou pedindo seu amor, porra. — Diana rebateu. — Mas enquanto acreditarem que somos um casal, não aceito que transe com outras.

Busquei ar com força e engoli em seco. O que?

Minha boca secou e não conseguia sequer olhá-los, e ambos continuaram sua discussão, como se perdidos em si mesmos. Não me notaram ali, a cerca de três meses de distância, sentindo a ânsia tomar conta de meu corpo. Minhas mãos suaram, e me virei, não querendo mais ouvir. Era o suficiente.

— Ele e ela estão realmente juntos agora. — a voz de Paul soou mais branda. — Por que estamos discutindo sobre isso?

Era real.

Refiz meu caminho de volta, e apenas respirei fundo quando cheguei a calçada. Senti meu mundo girar e não sabia mais onde pararia. Toda a incerteza a respeito de Klaus batendo em cheio. Não fora o destino, muito menos alguma coincidência... Fora o ato de duas pessoas que queriam sua felicidade. Duas pessoas mentiram por completo a respeito do que sentiam e queriam, para que Klaus me tivesse. E ele tinha. O quão burra me tornei?

Voltei para minha casa e deixei as chaves de Diana num local fácil de visualização, caso aparecesse. Mandeí uma mensagem para Patrice, avisando que tinha um assunto a resolver e que teria que furar com ela. Pedi um uber e tentei colocar minha mente no lugar. Nada fazia sentido. Precisava encarar Klaus e entender. Entender como deixamos aquilo passar.

As mesmas inseguranças me bateram, quando usei a chave que me dera de seu apartamento, e adentrei o local. Encarei cada pequeno canto, e todos pareciam uma parte de nossa história. Por que doía tanto saber sobre Diana e Paul, e sua armação?

Talvez porque eles fizeram mais do que o próprio homem que deveria se interessar?

Talvez porque a coragem deles era maior do que qualquer um dos dois realmente envolvidos em sentimentos?

Ele continua um covarde! – minha mente acusou, e andei até o minibar, pegando uma taça de vinho e me servindo.

Fui em direção ao deck e assim que me sentei num poof, imagens de nós, dias atrás, nos entregando por completo naquele lugar me atingiram. *Por que?* Era a única pergunta que girava por toda minha mente. Talvez, nunca entendesse. Sentia-me um estorvo na vida dos demais, e pior, a facilitação de Klaus. Bastou ele mostrar que me queria, que me coloquei de prontidão. Por que sentir doía? Por que só naquele momento encarei a realidade?

Estaria ainda destinada a Paul, se ele e Diana não intervissem. Foram os dois, que contribuíram para tudo aquilo. Nem eu, muito menos Klaus. Ele sequer saíra de sua zona de conforto. Por que não podia simplesmente arrancar aquele sentimento do peito? Por um instante, era tudo o que queria.

Klaus

— Eu estou decidido. — refutei a proposta de meu pai. — Não vou obrigá-la a se casar comigo.

Meu pai me encarou com pesar, já claramente desistindo da negociação. Na realidade, não estava aberto a tal coisa.

— Mas vocês estão juntos. — passou as mãos pelos cabelos, claramente sem entender. — Por que simplesmente não...

— Lia não vai ser obrigada a nada. — bradei, e me levantei da cadeira. — Passei anos aceitando tudo apenas para me controlar, para não me sentir um merda como antes. Mas isso acaba hoje, pai! Lia não vai ser presa a mim por causa de dinheiro e poder!

— Mas e se ela...

— Não! — balancei a cabeça, pegando meu celular em mãos. — Já estou levando os papéis para casa, e lá, assinarei todos. Está feito, pai! Sou adulto suficiente para lidar com isso.

Sem lhe dar mais ouvidos, saí da imponente sala. Fui direto para minha sala, peguei os papéis empilhados, e sem me importar com pasta, apenas fui para o elevador, na clara intenção de ir embora. Minutos depois, finalmente estacionei meu carro na vaga. Suspirei fundo, ainda com a adrenalina percorrendo meu corpo. Discussões como aquela, tinham-me alterado pelo simples motivo de não me deixarem ter próprias escolhas. Lia era a minha. Não desistiria.

Abri a porta de meu apartamento com um certo malabarismo para carregar tudo, e fechei-a com o pé. Fui até o escritório e deposei a pilha de papéis, sentindo-me ainda mais cansado apenas por olhá-la. Teria que ler e assinar muita coisa, o mais rápido possível. E tudo o que realmente precisava era de uma cama.

Joguei os sapatos de lado, e fui me livrando da roupa pelo caminho. Quando retiraria minha calça, uma voz doce e decidida invadiu o ambiente, surpreendendo-me.

— Você sabia?

Vacilei um pouco diante de seu olhar intimidador. O que aconteceu? Lia parecia muito diferente da última vez que a vi, e mais parecia com uma mágoa nítida no olhar.

— O que aconteceu, amor?

Ela sorria sem vontade e deu mais alguns passos para perto, parando a minha frente, mas sem a intenção de me tocar. Deixou a taça de vinho que carregava sobre uma bancada e me encarou.

— Talvez Paul e Diana tenham essa resposta clara. — encarou-me de forma fria. — Já que por amor a você, decidiram deixar o caminho livre até mim.

O que?

Lia se afastou, e logo foi até a bancada da cozinha, segurando com as duas mãos na mesma.

— Essa intensidade entre nós pareceu me cegar. — começou e senti meu coração afundar. — A verdade é que sempre fiquei reticente sobre as coisas, por conta de que te ouvi claramente no passado, deixando-me livre para seu irmão. E mais, nunca sequer insisti em estar perto. Você aceitou o fato de me casaria com seu irmão! — virou-se, encarando-me com raiva. — Parei de pensar a respeito quando tentei entender que o destino nos queria juntos, de alguma forma maluca. Mas olhe só pra isso! — fez um sinal imaginário entre nossos corpos. — Agimos como um casal, sendo que dias atrás, sequer conversávamos. — explodiu, e pude sentir em cada palavra, a confusão que sua mente se tornou. — O que faria, Klaus? — perguntou de repente, encarando meu semblante magoado. Suas palavras me cortando. — O que faria se Paul e Diana não tivessem abdicado da própria liberdade durante todo esse tempo para que pudesse ser a porra do seu nome no contrato!? Você teria lutado por mim? Teria se aproximado?

Paralisei diante de sua fala. Minha cabeça girou até Paul e Diana, o quanto tudo entre eles se sucedeu de forma estranha e rápida. A forma cuidadosa com que Paul falava, e ainda mais, as coisas simples que Diana parou de compartilhar para comigo. Tudo finalmente se encaixou em minha mente. Suspirei, voltando meu olhar para a mulher que tinha meu coração em mãos, e com toda certeza, o jogaria fora em alguns segundos.

— Seu silêncio é minha resposta. — concluiu e a encarei incrédulo.

Ela então deu alguns passos a frente, na clara intenção de passar por mim e sair. Não permiti. Segurei seu braço e a puxei delicadamente contra meu corpo, olhando-a profundamente.

— Eu não sei o que eles realmente fizeram. — comecei, sentindo seu olhar queimar sob o meu. — Não sei porque agiram dessa forma, mas eu os entendo.

Assim, como te entendo, Lia. Por isso, passo cada segundo do meu dia pensando em como te mostrar que sou um bom homem. Porque errei no passado, e não foi algo simples. Porque errei ainda mais no presente, por sequer bater de frente com todas aquelas malditas cláusulas. Mas pensei ser tantas coisas, menos um sentimento correspondido. Fui covarde, um dia, mas hoje, sou essa pessoa que vê! Serei grato por toda eternidade por eles terem agido assim, e que agora te tenha em meus braços. O que eu teria feito ao vê-la de branco no altar, e sendo o padrinho? Eu realmente não sei. — evidenciei cada palavra, com meu coração sangrando. — Mas de algo tenho certeza, de que parte de mim morreria se a visse com ele, ou qualquer outro. Sei que está confusa, e que esperava um homem que...

— Não esperasse a vida ajeitar tudo. — complementou, e fechei os olhos, sentindo-me quebrar. — Você me desestabiliza, Klaus! E olhe só para nós, somos apenas fruto de uma mentira. Somos duas pessoas que...

— Eu te amo, porra!

Lia piscou algumas vezes, absorta diante de minha explosão. Mas era a verdade.

— Nada me importa, Lia. — confessei. — Paul e Diana terem armado, o que aconteceu no passado... Porque tenho tudo a minha frente, e sei o quanto não sou merecedor.

Dei-lhe as costas e encarei o nada. Por que meus sentimentos não bastavam, por que de repente “nós” não bastava. Não conseguia entender. Logo senti dois braços me envolverem e suspirei, diante de seu toque sobre meu corpo.

— Acho que estou pirando. — confessou baixo, contra minhas costas. — Tudo que estamos fazendo me assusta, devido a toda intensidade. Ao ver Paul e Diana falando sobre essa armação, me senti diminuída, Klaus.

Virei-me rapidamente para ela e puxei seus braços para meu corpo.

— Eles agiram por te amar, e querer sua felicidade. — sentenciou. — Mas me dói saber que poderia ter sido diferente, que poderíamos ter lutado juntos pelo que sentíamos e... Precisamos que algo de fora acontecesse para estarmos assim hoje.

— Mas estamos, Lia. — toquei seu rosto, e uma lágrima desceu.

Ali estava a Lia que ela tanto buscava esconder. Uma mulher que sofria como todo ser humano. Uma mulher que não aceitava metades, e que desconfiava de cada passo dado. Lia era frágil, e me doía saber que meus sentimentos ainda não permitiam que confiassem em mim. Porém, não pararia de lutar.

— Isso que temos é único. — beijei suas mãos. — Não está aqui comigo por nenhum contrato, não mais. Posso não ter lutado no passado, mas luto por

nós, agora. Por favor, tente...

Lia colocou dois dedos sobre minha boca e sorriu, suas lágrimas ainda molhadas no rosto, junto a outras secas. Uma bagunça linda, o que ela realmente era. A dor em seu olhar era nítida, assim como sua insegurança.

— A insegurança me cega, muitas vezes. — confessou. — Sinto-me impotente e... Por favor, me faz esquecer isso! — praticamente implorou e tocou meu rosto. — Me faz esquecer que poderia não estar aqui, em seus braços. Eu quero tanto me libertar dessa angústia, dessa dor no peito e...

Sem que ela precisasse terminar, baixei meus lábios para o seu. Melhor do que ninguém, eu a entendia. Muitas vezes, nossa mente se apodera de decisões que sequer pensamos em tomar. É como ser obrigado a explodir diante da situação, para só depois analisa-la com cuidado. Aquilo acontecera com Lia. E nada melhor, do que poder provar, da forma mais carnal e real possível, que o que realmente valia a pena, éramos nós.

— Me faz esquecer. — implorou mais uma vez, e puxou a camiseta que vestia.

Ali, peguei-a em meu colo e nos encostei na primeira parede. O desespero tomando conta de cada célula de meu ser. O desespero de perder a mulher que amava por ter sido um covarde. Não mais, recitei mentalmente, enquanto a fazia minha ali mesmo. Nossos corpos implorando cada vez mais um pelo outro. Entrelacei uma de nossas mãos e coloquei sobre sua cabeça, assistindo Lia se desmanchar no prazer mais absoluto, envolta apenas por nós. Por nossos corpos. Encostei nossas testas, ouvindo seus pedidos e gemidos, sentindo-me finalmente completo naquele instante. Éramos um. Mostraria a ela que o passado me sentenciou como um covarde, mas que no presente e no futuro, seria o homem da sua vida. Passaria o resto de meus dias trabalhando para aquilo.



Capítulo 15

“É por isso que eu não conto às pessoas sobre nós. Elas não entenderiam e eu não sinto necessidade de explicar, simplesmente porque o meu coração sabe o quanto foi real. Quando penso em você, não posso evitar um sorriso, sabendo que você me completou de alguma forma.”^[26]

Senti meu corpo dolorido e me estiquei, até sentir um corpo quente me envolver. Sorri em meio ao sono, e acomodei-me melhor a ele. Klaus conseguiu. Tornou-se meu porto seguro. Abri os olhos, e notei que ainda dormia tranquilamente, mas que seu corpo, involuntariamente buscava o meu. Analisei seu semblante calmo e tranquilo, e a culpa me invadiu, por ter agido de forma tão rude com ele.

Klaus era quem claramente que tinha problemas com controle, mas no fim, eu quem me descontrolava.

Todas aquelas informações fizeram uma bagunça tão grande em minha mente que de repente, estar perto dele parecia errado. Era como se fossemos um erro ou algo pior. O que deixou a beira de uma crise, que me atingiu por completo. Era toda ferrada, no sentido de não conseguir lutar contra minha mente em muitos casos. E naquele em especial, acontecera.

A insegurança era um mal diário, uma luta interna de anos, mas que ainda me assombrava. Naquele momento, pós toda a discussão e finalmente consciência, agradei de todo meu coração aos céus, por ter encontrado naquele homem, alguém que não me julgasse pelo que realmente era. Alguém que beijou cada pequena cicatriz em meu corpo, sem precisar perguntar absolutamente nada. Alguém que todos os dias me mostrava nos gestos mais simples, o que realmente significava o tal companheirismo que tanto pregava em meus livros.

Mal sabia, mas tornou-se minha inspiração. Klaus Russel era, literalmente, o homem dos meus livros. Afastei-me com cuidado de seu corpo, sentindo minha garganta seca. Peguei o celular no caminho até a cozinha, e me assustei com a quantidade de chamadas perdidas de meu pai.

Peguei uma garrafa d'água na geladeira e me sentei numa banquetta alta ao lado do balcão. Bebi aos poucos, enquanto ligava para meu pai. A chamava fora direto para a caixa-postal, e assim, encarei o horário. Com certeza, ele já dormia. Não deveria ser algo sério, já que suas últimas mensagens foram após as ligações perdida, e o mesmo, desejou-me boa noite. Família esquisita, considere e sorri.

Bebi mais um pouco de água e logo meus olhos se prenderam no diamante negro em meu dedo anelar direito. Klaus deixara claro mais uma vez que o contrato não me nos mantinha juntos, éramos apenas nós. Os trâmites burocráticos ainda seguiam, mas não os assimilei muito bem, deixando tudo por sua conta. Mas eu sabia, quando olhava no fundo de seus olhos, que aquilo não importava. Papel algum nos transformaria em “nós”, porque já nos pertencíamos.

Casar-me com Klaus não seria um sacrifício. Não mais. Sorri, imaginando que talvez fosse um pouco louca por pensar de tal maneira. Porém, era realidade.

Meu celular tocou e o atendi prontamente. Uma ligação de meu pai naquele horário não era comum.

— *Ei, sweetheart.*

— Oi, papai. Aconteceu alguma coisa?

— *Bom... — limpou a garganta, claramente tentando escolher as palavras.*

Eu o conhecia bem. — Klaus está por perto?

— Não, por que? — aquela conversa acabava de ficar estranha.

— *Ele conseguiu a quebra de contato. Digo, apenas falta a minha assinatura. — comunicou.*

— Ele me disse que faria. — comentei. — Algum problema com isso?

— *Sei que não é muito inteirada nesse meio, sweetheart. Mas Klaus terá que pagar milhões de dólares por conta disso. — engoli em seco, pois nunca imaginei que seria tanto. — Pelo que conversei com Dominic, praticamente todos os imóveis de Klaus estão a venda. Ele assumiu tudo.*

— Deus do céu!

Minha cabeça girou e a frase que me dissera no primeiro dia ali, dentro do apartamento, pareceu viva em cada ambiente: nenhum dever será maior que meu amor por você. Suspirei fundo e me levantei, sentindo-me completamente perdida.

— *Ele travou uma batalha jurídica na empresa por conta disso e até mesmo vai vender ações. — meu pai complementou. — Sei que estão juntos agora, de verdade. Mas acho que deveria saber, porque não acredito que ele tenha te contado.*

— Não mesmo. — confirmei.

— *Só vou assinar os papéis se você concordar, sweetheart. — confidenciou*

e passei as mãos por meu rosto. — Mal pude dormir imaginando que Klaus decidira tudo por vocês, e que sequer saiba o que aconteceu a volta. Sei o quanto valoriza honestidade.

E amor.

Guardei tal complemento, sentindo meu coração pular ainda mais frenético no peito. Encarei mais uma vez a aliança no dedo e sorri, sentindo que ela não pesava em nada. Muito menos, seria um arrependimento. Eu e Klaus éramos destinados, seja pela ação de alguém ou não. Porém, a partir dali, seria uma escolha minha, a qual ele teria apenas duas respostas a dizer “sim” ou “não”.

Klaus

— A mesma boate? — perguntei e arqueei a sobrancelha, logo estacionando.

Lia deu de ombros, e sorriu.

— Disse uma vez que gostaria de criar memórias num lugar onde antes apenas me olhava. — sorri verdadeiramente, admirando sua preocupação para comigo. — Portanto, aqui estamos.

Era um sábado tranquilo após um dos momentos que mais me atormentaram. O momento onde Lia pareceu querer correr para longe de me deixar ali, para trás. Porém, após passar o dia com Patrice, ela simplesmente me surpreendera a respeito de querer sair e extravasar nossa felicidade. Além de termos tido uma conversa franca a respeito de Paul e Diana, e que não contaríamos o que descobrimos.

Algo neles parecia real, e não no sentido ruim. Além de que, eles sequer precisariam ficar juntos por mais tempo após o anúncio do noivado. Algo acontecia, e Lia e eu, aguardávamos pelo momento certo de termos uma conversa franca com eles. O que não era o momento. Mesmo que meu coração fosse eternamente grato pelo que fizeram.

— Vem!

Lia me puxou para pista de dança e as luzes passeavam por cada cantinho de seu corpo. Sorri, finalmente podendo chamar aquela mulher de minha. Puxei-a para perto e a segui durante a música, mesmo não sendo um bom dançarino. Por ela, passaria tal vergonha.

A mesma música que tocou no dia em que a visualizei aos beijos com outro,

enquanto outra mulher estava sobre meu colo, tocou. Senti meu mundo girar e guardei mentalmente a forma como cada curva de Lia acompanhava a batida. Ela sorria, parecendo livre, com aquele mistério nítido em seus olhos castanhos. Eu a amava, por completo.

Lia me cercou com seus braços e dançou sensualmente, enquanto cantava a música com sua voz doce, deixando-me completamente pronto para ela, e sentindo-me imerso naquele momento.

*“I always say what I’m feeling
I was born without a zip on my mouth
Sometimes I don't even mean it
It takes a little while to figure me out*

*I like my coffee with two sugars in it
High heels and my jewellery dripping
Drink and I get all fired up, hey, hey, hey
Insecure, but I’m working with it
Many things that I could get rid of
Ain’t about to give it up*

*I made a few mistakes, I regret it nightly
I broke a couple hearts that I wear on my sleeve
My momma always said: Girl, you’re trouble, and
And now I wonder, could you fall for a woman like me?*

*And every time we touch, boy, you make me feel weak
I can tell you’re shy and I think you’re so sweet
Spending every night under covers and
Still I wonder, could you fall for a woman like me?”^[27]*

Sorri diante de sua desinibição e a puxei para um beijo, que marcou por completo todo o domínio que tinha sobre mim. Ela seria o que quisesse, e lutaria com o mundo se fosse preciso.

De repente ela parou, passou as mãos por meu rosto e me beijou delicadamente. Logo, me puxou pela mão e fez-me subir com ela até a ala vip. Ela então abriu a porta e estranhei por não ter ninguém ali em cima, já que

geralmente era repleto de pessoas.

— Tudo bem? — perguntou, e apenas assenti, ainda um pouco perdido.

Sentei-me um banco e Lia logo se ajeitou em me colo, levando-me diretamente para o contraste com aquele lugar, meses antes. Naquele segundo, agradeci internamente por ter tal sonho realizado. Era a mulher que amava em meu colo, que de alguma maneira desconhecida, amava-me também.

— O que tanto passa nessa cabecinha? — perguntou, um sorriso preguiçoso se abriu em meu rosto.

— Que estou feliz. — toquei seu rosto com carinho. — Que nunca imaginei que realmente a teria. E hoje, te ter, é como tocar os céus.

— Fofô! — beijou-me com carinho. — Como pode, Klaus Russel? Ser sexy como o inferno e me conquistar com suas belas palavras, feito um poeta?

— Você quem domina as palavras, senhorita Harper. — pisquei para ela e toquei sua cintura.

— Senhora... — corrigiu, e franzi o cenho sem entender. — Sua senhora, se me permitir.

Sorri de sua brincadeira, porém, Lia se levantou abruptamente, e a vi mexer em algo no celular. Shallow começou a tocar, e o mundo inteiro pareceu silenciar. O que estava acontecendo?

— Paul e Diana esconderam coisas de nós, e decidimos que ficaria na mão deles o seu próprio destino. — assenti, completamente perdido, diante da mulher perfeitamente vestido de preto, que me encarava como se fosse seu mundo. — Você tem escondido coisas de mim, Klaus.

Aquela informação em atingiu em cheio e abri a boca para me explicar. Mas não queria que tal assunto a importunasse.

— Seu pai? — arrisquei e ela assentiu. — Me desculpe, é que queria apenas resolver tudo para estarmos livres. Livres para nos escolher.

— Admiro isso em você, baby. — sua voz soou embargada. — Admiro muito mais. E o quanto me provou, durante meu pequeno surto, que não vai desistir de nós. Eu vejo você, Klaus. Da forma que nunca imaginei enxergar alguém. Um dia, Diana me disse que éramos parecidos. Eu duvidei. Hoje, tenho certeza. Você é uma parte de mim, acho que desde o momento que me apaixonei aos quinze anos. — suas palavras me acertaram em cheio. Ainda mais por que nunca vi Lia falar tão abertamente de sentimentos. — Não somos um casal convencional, nem mesmo quero que sejamos. E por isso, insisto para que me chame de senhora. Sua senhora.

— Do que está falando, Lia?

Ela então sorriu e mexeu em na pequena bolsa que carregava. Ela tirou de dentro uma pequena caixinha de veludo e fez-me paralisar. O que?

— Sua uma romântica incurável. Escrever sobre amor sempre foi muito mais fácil do que falar... Mas você, você me faz querer falar, pensar, escrever, e principalmente, viver. — ela então se acomodou novamente em meu colo, e continuei, completamente paralisado. — Eu te amo, Klaus Russel! Aceita ser meu, por nossa escolha e vontade próprias... pelo amor que sentimos e pelos dias no futuro que nos pertencerão?

Abri a boca, completamente embasbacado, e tentei buscar palavras para refutar seu pedido. Deixar claro que não poderia aceitar diante do momento. Diante do que ela deveria estar pensando sobre a quebra de contato. Mas Lia era decidida, e naquele momento soube, conhecia cada pequena parte dela. E mesmo assim, precisava de mais. Muito mais da mulher que o dia me fora proibida. Pois eu a amava, sem chance de dar volta.

Ela me dava escolha. Mesmo sabendo que ela sempre seria a minha. Aquilo me fez amá-la ainda mais.

Sem conseguir encontrar a resposta em palavras, puxei com carinho para um beijo. Mais uma vez, selando nosso momento. Senti algo ser colocado em meu dedo anelar direito, e me afastei aos poucos, notando o brilho claro em seus olhos, um reflexo dos meus. Não eram necessárias palavras, mas Lia as dominava. E como sempre, o fez, da melhor maneira.

— Você é meu, baby. Por amor, tenha certeza disso. — tocou meu rosto. — Apenas por amor.

Encostou nossas testas e beijou-me novamente. Naquele instante nada poderia me abalar. Lia era a melhor escolha de minha vida. E mesmo que não me julgasse merecedor de seu amor, ela me escolheu. Ela se tornara meu mundo, da mesma forma que o fizera, a dez anos atrás, no momento em que me apaixonei. Um amor além do tempo, de deveres e de passado... Um amor apenas nosso.

Fim

Recadinho

Primeiro, agradeço de coração por ter acompanhado essa jornada de Lia e Klaus. Um amor que sobreviveu as adversidades da vida e que felizmente, se reencontrou. Porém, alguns pontos ficaram soltos a respeito de outros dois casais. Os quais, serão amarrados no próximo livro: *Paul – entre o desejo e liberdade*.

Observação: Lia e Klaus terão uma participação especial neste livro.

Em breve, aqui na amazon.

Não se esqueça de avaliar o livro, para que possa saber o que pensou, sentiu e o que Klaus e Lia estão passando para cada um. Isso ajuda com que outros leitores também conheçam a história.

E caso queira conhecer algum outro romance meu, eles estão todos disponíveis aqui: [ebooks](#).

Muito obrigada e espero que até a próxima!

Aline Pádua

Contatos da autora

[Wattpad](#) - [Facebook](#) - [Grupo](#) - [Página](#)
[E-mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Obrigada!

^[1] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[2] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[3] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[4] “Tiro toda a minha maquiagem porque eu amo o que está por baixo/Esfrego todas as suas palavras, não dou a mínima, eu superei/(Agito todo esse peso, sim, você sabe que eu amo tudo isso)/Finalmente me amo nua, mais sexy quando estou confiante/Você diz que eu não sou bonita/Bem, eu digo que sou linda, é o meu comitê/Dizem que somos muito provocativas/Ainda olha para mim, olha para mim, olha para mim, sim/Venho para as minhas garotas, você cega/Daily Mail classificando, de manhã à noite/Eu não te devo nada/Nah, eu não dou mais a mínima, não, não mais/(Ah, ooh)/Se você tem peitos pequenos, ame-os, ame-os, ame-os, ame-os, ame-os/Se você tem uma bunda grande, pegue, pegue, pegue, pegue (ah, ooh)/Se você não tem nada, querida, balance/É a sua vida, vá pegar, se você quiser/No espelho tipo: É isso aí!/Amando minha figura tipo: É isso aí!/Quando eu estou magra ou mais gordinha, eu fico tipo: É isso aí!/Juro que vou matá-los tipo ah.” Trecho da canção Strip pertencente à girl group pop britânico Little Mix feat. Sharaya J.

^[5] É uma palavra em inglês cuja tradução literal para português é "coração doce" e pode significar amado/a, amor. Sweetheart pode ser um substantivo ou adjetivo e consiste em um elogio ou uma forma carinhosa de tratar alguém. Fonte: [Significados](#)

^[6] Passagem do livro The Notebook (1996) escrito por Nicholas Sparks.

^[7] “Me diga uma coisa, garota/Você está feliz neste mundo moderno?/Ou você precisa de mais?/Existe algo mais que você está procurando?/Estou caindo/Em todos os bons momentos/Eu me vejo almejando uma mudança/E nos momentos ruins, eu tenho medo de mim mesmo.” Trecho da canção Shallow interpretada por Bradley Cooper feat. Lady Gaga.

^[8] “Eu estou à beira do precipício, assista enquanto mergulho/Eu nunca vou tocar o chão/Caio através da água/Onde eles não podem nos machucar/Estamos longe da superfície agora.” Trecho da canção Shallow interpretada por Bradley Cooper feat. Lady Gaga.

^[9] “Na superfície, superfície/Na superfície, superfície/Na superfície, superfície/Estamos longe da superfície agora.” Trecho da canção Shallow interpretada por Bradley Cooper feat. Lady Gaga.

^[10] Passagem do livro The Best of Me (2011) escrito por Nicholas Sparks.

^[11] Passagem do livro Safe Haven (2010) escrito por Nicholas Sparks.

^[12] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[13] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[14] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[15] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[16] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[17] Passagem do livro The Notebook (1996) escrito por Nicholas Sparks.

^[18] Passagem do livro The Notebook (1996) escrito por Nicholas Sparks.

^[19] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[20] Dua Lipa é uma cantora, compositora e modelo inglesa de origem albanesa. Fonte:

Wikipedia.

^[21] Trecho da canção New Rules pertencente a cantora inglesa Dua Lipa.

^[22] Sam Lowry Hunt é um cantor americano country, compositor e ex-jogador de Futebol americano universitário.

^[23] Canção pertencente ao cantor americano Sam Hunt, álbum Montevallo.

^[24] Versão de 2015, remix para o filme Cinquenta Tons de Cinza. Crazy in Love é uma canção da cantora americana Beyoncé. Fonte: Wikipedia.

^[25] Passagem do livro The Notebook (1996) escrito por Nicholas Sparks.

^[26] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[27] “Eu sempre digo o que eu penso/Eu nasci sem um zíper na minha boca/Às vezes, eu nem quero dizer aquilo/É que demora um pouco pra eu me entender/Eu gosto do meu café com duas colheres de açúcar/Saltos altos e joias brilhando/Quando bebo, eu fico louca, ei, ei, ei/Insegura, mas estou trabalhando nisso/Há muitas coisas das quais eu poderia me livrar/Não estou prestes a desistir/Eu cometi alguns erros, dos quais eu me arrependo toda noite/Eu parti alguns corações, que eu levo na manga//Minha mãe sempre diz: Garota, você é problema, e/E agora eu me pergunto, você se apaixonaria por uma mulher como eu?/E toda vez que nos tocamos, garoto, você faz eu me sentir fraca/Eu posso ver que você é tímido e te acho tão fofo/Passando todas as noites debaixo das cobertas e/Ainda me pergunto, você se apaixonaria por uma mulher como eu?” Trecho da canção Woman Like Me pertencente à girl group pop britânico Little Mix feat. Nicki Minaj

Table of Contents

[Sumário](#)
[Sinopse](#)
[Playlist](#)
[Prefácio](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Recadinho](#)
[Contatos da autora](#)